



CURSO DE MESTRADO  
EM ANTROPOLOGIA

José Maria Tenório Rocha

V. 1  
**O SILÊNCIO CONIVENTE**

**Estevão Pinto, Etnólogo:  
Trajetória Intelectual  
e Opções Teóricas**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Recife - 1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
**MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**

**O SILÊNCIO CONIVENTE**  
*Estevão Pinto, Etnólogo:  
Trajetória Intelectual  
e Opções Teóricas*

v.1

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientador:

Prof. Dr. Roberto Mauro Cortez Motta

Recife  
1992

\*\*\*\*\*  
CPD PE000017766 LOCAL BC  
REG 92/02434BC  
CHM 39/R672S//TESE/BC  
OBS EMPR/PROIBIDO  
\*\*\*\*\*

Universidade Federal de Pernambuco  
BIBLIOTECA CENTRAL  
CIDADE UNIVERSITÁRIA  
50.739 - Recife - Pernambuco - Brasil

A

2434 09/12/92

PIU

PE-00001776-6

ACERVO: 4445  
IV.06

O SILÊNCIO CONIVENTE

ESTEVAO PINTO, ETNÓLOGO : TRAJETÓRIA INTELECTUAL e  
OPÇÕES TEÓRICAS

José Maria Tenório Rocha

Resgatar a obra de um dos pioneiros da antropologia no Brasil , tentando entender a importância de sua construção teórica , analisando-a no contexto social em que surgia e se enquadrava , verificando os conceitos que empregava, procurando equiparar aos conceitos acreditados no seu tempo/ espaço, eis a problemática desta dissertação.

Para a consecução deste objetivo, o estudo foi dividido em três aspectos bastante integrados que são : Trajetória intelectual , a Obra e a Bibliografia.

No primeiro desses aspectos, traça-se a biografia do etnólogo, situando-o na sociedade e na cultura pernambucana e nordestina, observando especialmente a sua participação nesse contexto , como homem público e como cientista social. Em "A Obra" foram discutidos alguns dos problemas que giravam em torno, ou discordavam de sua ação como investigador social e mesmo do caráter logístico da construção de certas de suas pesquisas. Analisou-se sua obra etnológica, problematizando algumas de suas afirmações, pontos de vista e discordâncias. Na Bibliografia optou-se pela elaboração de um estudo analítico da maioria de suas obras, objetivando melhor compreensão e entendimento de suas elaborações teóricas.

A escassez de dados sobre o estudioso não constituiu impecílio , tornou-se mais um desafio a ser vencido, para que tivéssemos um estudo claro e objetivo.

Esta pesquisa deu possibilidade de desvendar questões mal entendidas, desfazendo enganos e preconceitos tidos como verdades indiscutíveis e a descortinar novos horizontes, trazendo luzes ao conhecimento da História da Antropologia em Pernambuco, com repercussões no Nordeste e no Brasil.

## D E D I C A T Ó R I A

Pelas desmedidas horas roubadas do convívio familiar , e pelo "baticum infernal" da máquina de escrever , pedimos desculpas e agradecemos a compreensão de Iracilda , Alexandre , Arnaldo e Ronaldo , mulher e filhos : razões de minha existência !

Pela excelente orientação , colaboração e quase diria co-autoria e principalmente a gratificação da convivência , onde foi demonstrado fartamente a importância de cada um assumir às suas estruturas mentais , refazendo-as constantemente , agradeço ao Prof.Dr.Roberto Mauro Cortez Motta, eternamente .

Pela força , coragem, firmeza e erudição que muitas vezes chegavam propositadamente a dureza , só agora compreendidas , ficamos para sempre gratos a Profa.Dra.Gisélia Franco Potengy , que nos soube conduzir e realmente motivar nossa permanência no Curso , nosso reconhecimento e gratidão.

Pela sincera amizade e principalmente pelo desejo de que seguissemos firme , sem vacilações , agradecimentos ao amigo-irmão Prof.Dr.Roberto Emerson Câmara Benjamim.

Pela atitude lúcida e responsável em conceber os estudos indigenistas e principalmente pelo necessário apoio moral ao trabalho, o obrigado a Sílvia Martins ,musa inspiradora desta Dissertação.

Pela crença em minhas forças, já há muito combatidas, devo reconhecimentos sinceros ao Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas , especialmente aos

Professores Douglas Apratto Tenório e João Ribeiro Lemos, que nos representam e estimulam nossas pesquisas.

Pelo amor e respeito desmedidos daquele que há muito se foi, mas que de lá de cima, do alto, segue meus passos e fica regosijado por cada uma pequena vitória, abençõe pai Floro! Mamãe, aqui nos vela!

Pelo respeito a ciência e honestidade intelectual, agradecimentos do todo e sempre a aquele que se estivesse em nosso convívio, vibraria fartamente com aquilo que ele esperava do humilde discípulo: às mangas arregaçadas e o pouco valor às mesquinhezias. Obrigado meu pai e meu mestre Théo Brandão!

Pela convivência respeitosa e pelo apoio moral recebido, nossa gratidão e nosso muito obrigado aos amigos irmãos do Recife: Paulo Leal e Lula Gonzaga.

Esta pesquisa só foi possível ser feita graças as bolsas recebidas do CNPq e da CAPES, a essas entidades agradecemos e dedicamos este trabalho.

A estas pessoas que souberam ter compreensão e respeito ao nosso trabalho, que bem ou mal é realizado mesmo com as contínuas lutas contra os "moinhos de vento", dedicamos a presente Dissertação.

..

## A G R A D E C I M E N T O S

A muita gente gostaria de dizer muito obrigado e não me cansar na afirmação de que devo a elas partes da construção deste trabalho , falo principalmente de

Abel Tenório ,Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL);

Anne Elizabeth Huttchinson , neta de Estevão Pinto;

Arriete Vilela Costa , professora de Literatura Brasileira da UFAL;

Cecília Loreto Mariz ,Antropóloga , Universidade Federal de Pernambuco(UFPE);

Celina Ribeiro Huttzler , Antropóloga UFPE;

Esdras Gomes ,Artista Gráfico , Fundação Arnon de Mello ,Maceió;

Heloísa Pinto Huttchinson , filha de Estevão Pinto;

João Soeiro de Carvalho , bibliotecária na Colúmbia University , New York;

John Patrick Murphy , doutorando em Etnomusicologia na Colúmbia University;

Letícia Potengy , do Curso de Comunicação Social da UFPE;

Lúcia Gaspar , diretora da Biblioteca Blanche Knopf , da Fundação Joaquim Nabuco;

Luiz Antonio , chefe de Gabinete do Reitor da UFAL;

Luiz Cavalcante Lacerda , Antropólogo ,Departamen  
de Ciências Sociais, UFPE;

Maria do Carmo Brandão , Antropóloga ,Mestrado em  
Antropologia UFPE;

Moacir Medeiros de Sant'Ana, Historiador , Maceió;

Nádia Fernanda de Amorim , Antropóloga ,UFAL, Ma-  
ceió;

Salomão Almeida de Barros Lima , Sociólogo,UFAL ,  
Maceió;

Zuleica Dantas Pereira , mestranda em Antropolo-  
gia UFPE;

e a Elizabete Carneiro Leão , Secretária do Mes-  
trado em Antropologia UFPE , a Sóstenes,Dôra e Angelina ,que'  
ficarão eternamente em minha lembrança e nas minhas saudades.

A capa da Dissertação , agradeço penhoradamente '  
ao LEO (Leonardo Augusto Cribari) ,que quase sem pretender a  
desenhou em plena aula de Etnologia Brasileira , do Prof.Dr.'  
Russel Parry Scott ; e a Esdras Gomes , artista sempre inspi-  
rado que fez esta bela arte final.

A todos eles ,minha eterna gratidão

..

## S U M Á R I O

### INTRODUÇÃO

### Capítulo I

#### O HOMEM

- 1.1 - Trajetória intelectual
- 1.2 - De rumores e apropriações indébitas, a "polêmica" Estevão Pinto x Carlos Estevão. 77
- 1.3 - A interdisciplinaridade como forma de cooperação: a obra de Geraldo Lapenda.- 85
- 1.4 - Lingüística Iatê: os descaminhos de uma pesquisa.

### Capítulo II

#### À OBRA - 98

- 2.1 - Estevão Pinto, pesquisador de gabinete?
- 2.2 - Os livros didáticos na obra de Estevão Pinto.
- 2.3 - Os estudos antropológicos sobre o negro em Pernambuco: o pioneirismo de Estevão Pinto. 112
- 2.4 - A obra etnológica. 120
- 2.5 - Uma possível "co-autoria" ou crítica anônima para "Os Indígenas do Nordeste".

### Capítulo III

#### A BIBLIOGRAFIA

- 3.1 - Etnologia
- 3.2 - História
- 3.3 - Educação
- 3.4 - Literatura
- 3.5 - Traduções

### CONCLUSÃO

### BIBLIOGRAFIA GERAL

### ANEXOS

- 1 - Documentário fotográfico
  - 2 - As incompreensões de Estevão Pinto pelo trabalho de Robert Lowie
- . .

## INTRODUÇÃO

"Uma tese escrita por um brasileiro deve ter uma maneira peculiar de se apresentar que não siga necessariamente os cânones da academia americana ou europeia ,mas reflita nosso modo de fazer sociologia ,uma sociologia criativa e brasileira".

ROBERTO DA MATTA  
Epígrafe a LIMA (1985:5)

Na pequena cidade do interior de Alagoas onde nasci e vivi até a adolescência, as pessoas se orgulhavam de dizer: "Minha avó foi pegada a dente de cachorro!" ; "Meu pai é um caboco (caboclo) de cabelo bom ..."

O ufanismo pela condição de ascendência indígena, porém, não se coadunava com a apreciação aos verdadeiros índios existentes bem perto de si. É que Quebrangulo, a cidade onde nasci, de nome provindo de raiz africana, não indígena, faz fronteira com Palmeira dos Índios, dela distando apenas uns pouquíssimos quilômetros; nesse município a Tribo Xucuru-Karirí, um dos seis grupos indígenas do Estado, vive em aldeia reconhecida e assistida pela FUNAI, mas discriminada pela comunidade palmeirense, principalmente por aqueles que têm interesses em suas terras.

Criado em meio a um povo que valorizava o índio "histórico", o índio informado pela tradição oral, através do contar das bravuras heróicas, percebidas pelas narrativas das estórias de trancoso ou pelos relatos dos folhetos de cordel; o índio romântico, em última análise. Esse povo que valorizava as fórmulas estereotipadas e arquetípicas perviventes no inconsciente, não sabia ou não queria enxergar o sentido de ser índio na contemporaneidade dos fatos sociais.

"Índio existe no Amazonas", "Índio é aquele que anda nu, pescando e caçando e não sabe falar português", "Esses aí são uns cachaceiros e preguiçosos!" - são conversas constantes dos habitantes do núcleo urbano de Palmeira'

dos Índios e mesmo em Porto Real de Colégio , que com "unhas e dentes" defendem seus preconceituosos e ideológicos pontos de vista.

Nascido de pai "caboclo" e mãe branca, tendo três irmãs "caboclas do cabelo bom !" que se orgulhavam dessa condição , desde cedo fui valorizando meus ancestrais, procurando conhecê-los em sua real inteireza.

Na época do curso ginásial ficava intrigado com o fato de que no desfile de sete de setembro, as professoras teimavam em colocar de pé, em um carro-de-boi , um rapaz branco e forte, pintado, usando cocar feito nos moldes dos índios apaches americanos ; o "índio forte" do desfile nada tinha a ver com o índio brasileiro, muito menos com os nossos vizinhos de Palmeira. Mas as professoras satisfeitas, sentiam estar "resgatando" a cultura indígena !

Estando no curso colegial em Maceió , e já há muito tendo feito opção pelo Curso de História , comecei a perseguir , a rastrear aquilo que me levasse a aqueles índios . Indagava a um professor, a outro , nada diziam, pois nada sabiam. O meu encontro com o jovem historiador Moacir Medeiros de Sant'Ana trouxe luzes sobre aquilo que procurava. De fato, os preconceitos em relação aos índios de Alagoas , levaram os estudiosos a despreza-los , nada escrever sobre eles, ao ponto da bibliografia a seu respeito ser completamente escassa. Vide ROCHA (1990c).

A obsessiva busca pelos estudos sobre os índios me conduziram a aquele que soubera compreender a importância dessas comunidades e sobre elas escrever e publicar obras da maior importância : o alagoano ESTEVÃO PINTO .

Quem seria esse estranho personagem quase que completamente desconhecido dos alagoanos da atualidade , ao ponto de apenas um ou outro estudioso atentar para sua obra ?

A busca de compreensão da vida e dos estudos desse antropólogo que fora de sua terra, vivendo na capital pernambucana, se sentia como alguns dos personagens de Menotti del Picchia: "em terras estranhas, como se fosse na própria terra!", me levou a elaborar a presente dissertação, que objetiva, ao tempo em que dar uma resposta aos alagoanos, livrando-os da condição preconceituosa de aceitar como norma cultural um silêncio conivente, perante aqueles que partem e têm vitória fora da comunidade; CF. ROCHA (1991:153) contribuir para o conhecimento da História da Antropologia no Brasil.

A minha chegada no Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco deu ensejo a conhecer a também mestrandia Sílvia Martins, que trabalhava questões relativas a laudos periciais e situação territorial dos índios do Nordeste, estudando mais propriamente a problemática que envolve os índios Xucuru-Karirí, de Palmeira dos Índios; minhas conversas com Sílvia, a musa inspiradora de minhas paixões pela obra de Estevão Pinto, somava-se a dois fatos marcantes e decisivos: Carlos Moliterno, Presidente da Academia Alagoana de Letras, estando com necessidade de breves informações sobre o estudioso, pediu-me que conseguisse alguns dados e escrevesse pelo menos "umas duas páginas sobre o desconhecido estudioso". De fato, minhas poucas horas de lazer em Recife no início do curso, foram dedicadas a correrias às bibliotecas, tentando compor as tais duas páginas que Moliterno solicitara.

O outro fato, completamente ligado a esse, foi motivado pelo professor Russel Parry Scott, é que estando estudando a disciplina Etnologia Brasileira, Scott solicitou, dentre inúmeras pesquisas, um confronto entre estudos dedicados a índios e negros na década de Trinta. CF. ROCHA, 1990a, onde ao concluir, fui perceber, com clareza o destacado papel de Estevão Pinto.

As conversas com Sílvia, a solicitação de Moliter no e a motivação de Scott, tudo convergia a um único ponto: a composição de um pequeno estudo, que ficou concluído ainda naquele ano (ROCHA, 1990b), tendo sido entusiasticamente recebido pelos antropólogos pernambucanos Celina Ribeiro Hutzler e Luiz Cavalcanti Lacerda, que dele utilizaram dados em seus trabalhos: HUTZLER, (1991) e LACERDA, (1990).

O desejo de elaborar estudo conseqüente cresce, na medida em que percebo a contribuição que poderia oferecer ao projeto tão sério, quanto urgente, de resgate da História da Antropologia no Brasil, desenvolvido à nível nacional por Marisa Correa, na UNICAMP (CORREA 1982, 1987, 1988), também por PEIRANO (1991a, 1991b) em Brasília; CARDOSO DE OLIVEIRA (1986) e FERNANDES (1975, 1977) dentre outros, com seguidores em Pernambuco, dentre os quais HUTZLER (1991), também aí se computando o documentário René Ribeiro: professor emérito, Recife (1990) e LACERDA (1989, 1990, 1991).

#### ESSE DESCONHECIDO PERSONAGEM...

"Somos todos estrangeiros em relação ao objeto privilegiado de nossa disciplina" CORREA (1988:94)

Na tentativa de sistematização e periodização da Antropologia no Brasil, CARDOSO DE OLIVEIRA (1986:227-246) divide a História dessa ciência em três períodos: o Heróico, o Carismático e o Burocrático.

O período <sup>heróico</sup> ~~histórico~~, em sua abordagem, corresponde às décadas de 20 e 30, "quando a profissão de antropólogo e o próprio campo antropológico ainda não estavam institucionalizados entre nós e, portanto, o trabalho de pesquisa tinha o sabor de uma atividade verdadeiramente heróica".

Dentre os "heróis civilizadores" situa Curt Nimuendaju, Gilberto Freyre, Herbert Baldus, Roquete Pinto, Arthur

Ramos , Heloísa Alberto Torres, Carlos Estevão de Oliveira e Estevão Pinto.

Florestan Fernandes , por sua vez , equipara a ' obra de Estevão Pinto , à pesquisa de Couto de Magalhães , Nina Rodrigues e Arthur Ramos , e entende que

"Alguns desses autores alcançaram repercus-  
sões duradouras e exerceram profunda influ-  
ência , em grande parte por causa de desco-  
bertas que permitiram explicar de forma ino-  
vadora, a situação social e cultural do Bra-  
sil".(FERNANDES,1975:123)

A apreciação de SCHWARTZMAN (1979:223) a respei-  
to do pioneirismo dos cientistas, principalmente os dedica-  
dos às ciências chamadas exatas , enquadraram-se perfeitamente  
em relação aos cientistas sociais brasileiros ; em seu modo '  
de entender

"Esses pioneiros funcionaram (...) como ele-  
mentos de transição entre o catedrático an-  
tigo - retórico , apenas erudito , voltado '  
sobre sí mesmo , muitas vezes capaz teori-  
camente , mas incapaz do trabalho de investi-  
gação, imbuído de preconceitos contra o tra-  
balho prático - e o cientista moderno , trei-  
nado para identificar ou criar um problema,'  
equaciona-lo e resolve-lo. Esses 'propiciado-  
res de ciência' exerceram , e continuam a  
exercer , uma função importante no desenvol-  
vimento do campo científico , despertando ou  
estimulando vocações".

Destacando a importância dos pioneiros das ciên-  
cias sociais no Brasil, PINTO e CARNEIRO (1955:12-13) assim '  
se expressam :

"As reações mais fecundas contra (a) influência (do 'bacharelismo') partiram exatamente daqueles pioneiros dos estudos sociais, cujos esforços se coroaram com a criação desses cursos em nível superior, propostos a formar pessoas habilitadas a pensar de modo científico, e não somente formal e normativo, sobre a realidade nacional. (...)

Os pioneiros dos estudos superiores de ciências sociais no Brasil foram aqueles autodidatas que começaram a fazê-los embora não tivessem a preocupação sistemática necessária para tanto (assim como) bacharéis em direito, estudavam sociologia ou etnologia.

Proclamar esta filiação, além de ser o reconhecimento de um fato histórico, é u'a homenagem que se presta aos esforços daqueles pioneiros".

Discorrendo a respeito da situação não institucional dos pioneiros das ciências sociais no Brasil, Almir de Andrade, citado por CHACON(1977:9) informa que eram esses primeiros tratadistas polígrafos e por isso não se aprofundavam em um só ramo do conhecimento.

Assinala Oracy Nogueira que na fase situada entre 1889-1930, os autores eram "ensaistas" ou "pesquisadores versáteis", (NOGUEIRA, 1979-1981:212), pois denotavam

"Ausência de formação específica, formação humanística robusta, grande versatilidade intelectual e preocupação em compreender a realidade social e política nacional e nela influir. Seus trabalhos, obras originais e algumas já clássicas, baseavam-se em dados bibliográficos, históricos e secundários, na

observação espontânea e na reflexão, sobrepujando-se a intuição ao formalismo metodológico". NOGUEIRA (1979-1981:204).

Na informação de Melatti, até os anos trinta

"Não existe a formação acadêmica de etnólogo no Brasil. Os estudiosos brasileiros que dão contribuições nessa área são médicos, juristas, engenheiros, militares ou de outras profissões. Mesmo os etnólogos que vêm do exterior são formados em centros de pesquisa de criação recente, pois a antropologia era então ramo novo das ciências, mesmo na Europa.

Alguns deles são também de outras áreas acadêmicas e que, tendo-se interessado pela Etnologia, procuravam aperfeiçoar-se nos centros que a cultivavam.

Tanto os brasileiros como os estrangeiros desse período nem sempre eram puramente etnólogos, mas sim antropólogos gerais, lidando indistintamente com problemas etnológicos, arqueológicos, linguísticos ou de antropologia física". MELATTI (1984:5)

Corroborando com o pensamento de Melatti, CORREA (1982:34-35) assevera que

"Antes de termos tido antropólogos diplomados, tivemos então intelectuais que se preocuparam com uma antropologia brasileira, ainda que suas definições não fossem as nossas e ainda que o sistema educacional não lhes oferecessem a possibilidade de especialização neste campo hoje reconhe

cido como pertinente às ciências sociais".

Os estudiosos que trataram a respeito da evolução da Antropologia no Brasil, são acordes em sinalizar o ano de 1930 como um marco de ruptura no sistema, balizador de mudanças estruturais processadas. Em PINTO e CARNEIRO(1955:15), SANTOS(1978:45), CORREA(1982:5) e MELATTI(1984:5), dentre outros, encontramos essa argumentação.

Na análise de PINTO e CARNEIRO(1955:15)

"O surto das ciências sociais no Brasil, na década que se conta a partir de março de 1930, resultou de um esforço no sentido de tomar consciência crítica e científica dos problemas que formavam o mosaico brasileiro. (...)

A revolução de 30 foi o coroamento político de uma série de transformações estruturais que de longa data vinham operando nos fundamentos da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, o marco inicial de uma nova fase de nossa história econômica, social e política e (...) cultural. (...)"

Ou, como percebe SANTOS (1978:45):

"A revolução de 30 assinala um divisor de águas. Para os analistas sociais ela representou uma demonstração do ponto de vista que existia uma crise latente atuando no interior da sociedade brasileira, cujas origens deviam ser buscadas no desdobramento de alguma contradição. Fazendo a apologia dos tumultos que se seguiram à revolução, (...) Santa Rosa observou que a desordem foi fértil justamente porque trouxe à luz todas as incongruências, polarizações e dicotomias que mina

vam a sociedade brasileira".

Foi precisamente no início dessa década tumultuada ,onde a tônica era o repensar, o refazer teórica e praticamente o Brasil, que Estevão Pinto , deixando de lado os estudos históricos, que depois retomaria , integrou-se aos estudos antropológicos com tanta pertinência que marcou época, com estudos inovadores e eruditos, concebidos em três décadas : a década de trinta quando inicia (PINTO,1932 b) , a década de quarenta em que dá continuidade e a década de cinquenta e início de sessenta , quando tem uma obra antropológica amplamente consolidada e reconhecida.

Apreciando a obra antropológica de Estevão Pinto, poderíamos fazer dele, o pensamento de Darcy Ribeiro , quando faz autocrítica:

"Nunca fui exemplificador servil, com material local, de teses de mestre algum. Assinalo isto porque constituí justamente o oposto da postura corrente. A maioria dos nossos pesquisadores assume uma atitude seguidista que faz de suas pesquisas meras operações de comprovação das teses em moda na antropologia metropolitana, só visando a seu discurso doutoral , sem qualquer compromisso etnográfico nem indigenista. O resultado do já sabido e o desperdício de preciosas oportunidades de ampliar o conhecimento da etnografia brasileira, enquanto isto é praticável, e de exercer o ofício de antropólogo com fidelidade aos povos que estuda". RIBEIRO(1990:40).

Dono de uma obra significativa, Estevão Pinto edificou solidamente seu conhecimento , através da busca de preencher vazios existentes na Antropologia do Brasil, especialmente no Nordeste, mas, sua construção teórica foi verdadei-

ramente aliada a uma prática séria que consistia na aquisição de dados com a ida ao campo , procurando dele retirar ' suas próprias conclusões. Um estudioso desse porte, como vári os outros antropólogos brasileiros, possuidores de obra significativa , está na atualidade no olvido por parte de jovens antropólogos , preocupados quase que apenas com o que ' mais avançado se faz em termos de ciências sociais , especialmente na América do Norte e na Europa, desligados das contribuições marcantes do passado , que podem possibilitar, ' através de revisão honesta e criteriosa, boas perspectivas' para pesquisas modernas e novas abordagens.

Ao falarmos em revisão honesta e criteriosa, esta mos pensando junto a CORREA (1982:28), quando opina:

"buscando entendê-los em seus próprios termos, é inevitável a cada momento a intrusão do que supomos ser um olhar crítico a ' respeito da maneira como eles atuavam. No final das contas , tentar fazer a história de qualquer disciplina pode ser um exercício ' ilusório, já que não podemos nos livrar do peso de nossa própria maneira atual de praticá-la, sem correr o risco de dissolver os' contornos do objeto que nos propomos entender".

Refletindo sobre esse silêncio em relação aos antropólogos do passado , e isto também aplicável aos "heróis' civilizadores", RIBEIRO (1990:75) contemporiza:

"Nada mais compreensível que tantos se dediquem aos temas da moda e se filiem a escolas lá de fora. O que peço a antropologia ' excede, evidentemente, ao que uma disciplina científica tem que dar a partir de seus' compromissos acadêmicos e de suas servidões

à ordem vigente".

A condição de estar relegado a plano secundário , e por que não dizer, no pleno esquecimento , na Faculdade em que o próprio estudioso criou, ensinou e fez discípulos, é analisada por um dos professores dessa Faculdade da atualidade, nestes termos:

"Não estamos , na nossa Universidade, familiarizados com a presença intelectual, com a memória do professor Estevão Pinto. Talvez' essa seja a resultante da relação especial ' entre institucionalização e esquecimento.

(...)

A nossa hipótese é que existem duas causas' básicas para tal escassez de informações : a primeira seria de fundo biográfico, uma vez ' que o nosso mestre, embora(...) tenha tido ' um papel fundamental na nossa Universidade e no ensino de antropologia, não viveu para ' acompanhar as (...) modificações da Universidade brasileira". LACERDA (1990)

Uma visão, mesmo que diminuta, do período em que floresceu a obra antropológica de Estevão Pinto, nos possibilitará enquadrar sua obra nesses acontecimentos porquanto o autor foi um homem de seu tempo , acompanhando , mesmo sem ser ' partícipe direto , o acontecer histórico. Essa visão das décadas de 30 a 60 , será melhor entendida no capítulo "Trajetória intelectual" desta Dissertação.

Na visão de Sérgio Miceli (MICELI, 1989:108) os antropólogos das décadas de 30 e 40, eram

"figuras de transição prensadas entre definições concorrentes do trabalho intelectual, a meio caminho entre a literatura, o ensaio, as profissões liberais, o trabalho pedagógi-

co , a militância nos movimentos sociais da época , o desempenho de cargos políticos ' executivos, os negócios pessoais e, por conseguinte, pouco propensos a se deixarem enquadrar como cientistas sociais em sentido ' estrito".

No entanto, segundo SANTOS (1978:38-39)

"Entre 1930 e 1939 produzem-se no Brasil as mais argutas análises sobre o processo político nacional, elaboram-se as principais hipóteses sobre a formação e funcionamento do sistema social , e articula-se o conjunto ' de questões que, em verdade, permanecerão ' até hoje como o núcleo fundamental, embora ' não exaustivo , de problemas a serem resolvidos teórica e praticamente".

O golpe de 1937 veio cessar e arrefecer os ânimos; o movimento intelectual anterior, crescente, serenou à força ' da coerção , tornando-se quase proibitivo pensar e externar ' essas idéias de forma pública.

As fervilhantes idéias que pululavam anteriormente, deram lugar a um marasmo cultural, só abalado pelo pensamento oficial vigiado, exposto após o aval dos censores.

Perseguições e prisões de intelectuais "rebeldes", dão exemplo a aqueles que tentam pensar e renovar o mundo de apreensão da realidade. Debater, polemizar, investigar foram ' verbos pouco usados, ou praticados em benefício do sistema implantado.

Fruto conseqüente da opressão é a derrocada que ocorre nas ciências sociais , especialmente na produção sociológica da década de quarenta, vista por Ortiz como

"Uma disciplina marcada pelo ecletismo e ' pelo ensaísmo, que se construía sobre o fun-

damento de afirmações genéricas que prescindiam de um trabalho sistemático de pesquisa".ORTIZ (1990:165)

Ratificando essas afirmações,DURHAM(1982:160) in forma que nas décadas de quarenta e cinquenta

"é muito difícil distinguir nitidamente en tre sociólogos e antropólogos,pois eles com partilhavam uma mesma linha teórica,tendem' a abordar os mesmos temas e mudam frequenteme nte de uma disciplina para outra".

As décadas de cinquenta com modificações estruturais no cenário político e renovações sensíveis no panorama científico, seguida da década de sessenta , onde se assistiu' a expansão dos cursos superiores no Brasil, a ida de professores ao exterior , buscando especialização e posteriormente o exílio de vários cientistas sociais , visados pela Revolução' de 1964.Ao lado da produção intelectual realizada antes de 1964,marcada pela influência teórica do estruturalismo inspirando estudos renovados com tendências para as pesquisas a respeito de populações urbanas e rurais, observou-se , de for ma sensível o decréscimo das investigações e dos debates , ' dado o cerceamento das ações.

Tentando analisar a "Trajetória Intelectual" , bem como a obra de Estevão Pinto, procuramos seguir o pensamento coerente de Marisa Correa, quando sugere:

"Investigar o quadro de possibilidades que ' lhe estavam abertas no contexto social,político e intelectual da época, o sentido das escolhas feitas por eles e as suas consequências' para a definição de algumas áreas no campo ' das ciências sociais".CORREA(1982:158)

Ou ainda:

"Tentar recuperar o sentido que estes autores davam aos conceitos que utilizavam em seu próprio momento histórico. Esta parece uma abordagem metodológica mais apropriada a fazer emergir a visão dos próprios autores que nos interessam, sem subordiná-la de antemão a algum mentor teórico ou às interpretações de seus seguidores". CORREA (1982:15).

### CONSTRUINDO A DISSERTAÇÃO

Traçar a bio-bibliografia e analisar a obra etnológica de Estevão Pinto, não constituiu tarefa fácil, sobretudo devido à distância temporal que separa o etnólogo dos estudiosos da atualidade. Entre as décadas de trinta e cinquenta quando o autor estava na plenitude de sua carreira, e a década de noventa, são sessenta anos que nos separam e nos obrigam a dizer pela enésima vez que a memória dos brasileiros é cada vez mais curta e os arquivos são sempre deficientes e mal cuidados.

A tarefa mais difícil foi a de encontrar contemporâneos do estudioso para estabelecer entrevista. A maior parte dos professores que listamos em um primeiro momento, ou já eram falecidos, ou estavam sem condições físicas de depor, entre eles estavam Waldemar Valente, Nilo Pereira e Lavareda. Existiram aqueles que, por certos pruridos explicáveis, não quiseram conceder entrevistas, foram Lígia Estevão de Oliveira e Graziela Brusky.

Em verdade, a exceção do Prof. Dr. Roberto Motta, apenas entrevistamos pessoas que tiveram pouco contacto com o antropólogo, isto é, o conheceram quase nos últimos anos de sua vida, e isso não os permitiu fazer um juízo mais reto que possibilitasse a elaboração de

uma biografia , sem as inúmeras dúvidas e claros existentes' na "Trajetória intelectual", que tomou esse título , por realmente não ser aquilo que desejávamos : o estabelecimento de uma biografia, onde fossem observados certos detalhes que não conseguimos responder; ademais , nas próprias obras de Estevão , ele não "dava pistas" de como conseguiu estabelecer articulações para publicação de seus livros , nem sequer agradecia aqueles que o permitiram seu surgimento. O que aparece publicado é a obra propriamente dita , sem pormenores que possam fazer entender a sua viabilização.

Marca determinante em Estevão é que enquanto inúmeros estudiosos se debruçaram sobre os seus estudos, prestando críticas ou depoimentos analíticos, o etnólogo não fez grandes análises de obras de contemporâneos - ao revés, foram os contemporâneos que fizeram análises e citações de obras suas , assim como procederam BRANDÃO (1937:26), MATOS (1938: 318) entre outros. No entanto o antropólogo manteve correspondência com estudiosos do porte de Plínio Airosa (citação IN: MÉTRAUX, 1979:20) e o próprio Alfred Métraux, quando elaborava a tradução de sua obra acima referida , para citarmos poucos e importantes homens de ciência - se assim tivesse procedido, poderíamos perceber amiúde as ligações políticas ou pelo menos ligações sociais que explicassem algo sobre a viabilização de sua obra.

Na quase ausência de fontes orais, servimo-nos de uma bibliografia , nem sempre explicativa , mas que deram alguns informes para que prosseguíssemos com o intento de preencher lacunas.

A abordagem metodológica empregada constituiu basicamente de dois momentos distintos : no primeiro, tentamos fazer uma revisão bibliográfica nas obras do autor , a seguir em obras de estudiosos que comentaram ou simplesmente registraram a presença do estudioso; em seguida analisamos a

bibliografia antropológica brasileira dedicada à causa indígena , especialmente em estudos surgidos nas décadas de trinta a cinquenta ; passamos a seguir a análise em obras que trataram de aspectos da História da Antropologia no Brasil e algumas européias e americanas e finalmente , pesquisas em fontes secundárias , encontradas em diversos arquivos , tentando a elaboração do currículum-vitae do etnólogo. Pouco , muito pouco encontramos em fontes primárias , principalmente porque os arquivos de Estevão Pinto , doados ao então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais , foram destruídos por uma cheia demolidora , segundo a bibliotecária Lúcia Gaspar, diretora da Biblioteca Blanche Knopf , da FUNDAJ.

O segundo momento da pesquisa concentrou-se em entrevistas com alguns estudiosos contemporâneos do autor , bem como a dois de seus familiares : sua filha e sua neta. A esta, inclusive, agradecemos o empréstimo do material fotográfico do acervo da família.

As entrevistas objetivavam a possibilidade de situar o homem em seu tempo e espaço , complementando ou aclarando os poucos informes biográficos encontrados , bem como tentar perceber as ligações do antropólogo com outros estudiosos , visando ascultar através dessas ligações , contribuições e melhorias para sua obra e sobretudo , desfazer certos de sentendimentos ou má compreensão em sua trajetória como estudioso e como homem público.

Do ponto de vista teórico, tentamos fazer a crítica interna de suas obras , procurando observar se os pressupostos teórico-metodológicos empregados possuíam ressonâncias com teorias contemporâneas e também verificar as escolas antropológicas as quais tinha o autor " se filiado" e que críticas lhes fazia ; por fim , que propostas e contribuições à ciência antropológica teria feito o estudioso.

Tentamos ainda estabelecer crítica externa de sua obra, procurando perceber os pontos de ligação com antropólogos brasileiros e estrangeiros.

Estruturamos a presente Dissertação obedecendo a seguinte sistemática :

No capítulo I - O Homem traçamos uma trajetória ' intelectual , na qual , para evitar que o personagem ficasse incircunscrito , tentamos enquadrar essa trajetória ao lado' de fatos relevantes que aconteceram na sociedade e na cultura recifense em cada período histórico. Nesse desenrolar , deparamo-nos com suas obras principais e a análise das mesmas' por estudiosos e críticos do Brasil, do exterior e de Pernambuco. Procuramos nos deter , a propósito , na fundação da Faculdade de Filosofia Estadual e na criação do Instituto de Antropologia, ambos tendo a concorrência do autor focalizado, e o fizemos demoradamente , para preencher os claros existentes : a ausência de uma história daquela casa de ensino superior.

A seguir , tentamos esclarecer rumores maldizentes , fruto de má interpretação reinante na sociedade recifense, que depunha contra a vida e as ações de Estevão Pinto. E já que tocávamos na obra meritória de Linguística , de Geraldo Lapenda , criticamos certo estudo descabido sobre a ' língua Iatê , elaborado por estudioso apressado.

O capítulo II - A OBRA , é uma tentativa de análise crítica da obra do etnólogo. Iniciamos por demonstrar que apesar dos estudos iniciais terem sido marcados por pesquisas bibliográficas , numa segunda fase , o autor demonstrou' sobejas qualidades de pesquisador de campo , em especial , quando elabora sua obra maior "Etnologia brasileira - fulniô, os últimos tapuias".

Passamos a seguir a registrar a presença do antropólogo como elaborador de obras didáticas de caráter histórico , no qual, foi, nas palavras de Gilberto Freyre "Historiador bem informado (...) que no livro didático, não há hoje , em nosso país, quem(o) exceda" (FREYRE(1965:12)

Registramos o pioneirismo de Estevão Pinto em relação aos estudos sobre o negro , no qual embora não seguisse , pelo menos suscitou pesquisas : seu trabalho data de 1925 !

"A Obra etnológica" é a parte essencial da Dissertação , onde procuramos analisar , com vagar , a sua contribuição como etnólogo , através do estudo de suas principais obras.

Terminamos este capítulo discorrendo a respeito de uma descoberta casual : o encontro em uma das suas principais obras -Os Indígenas do Nordeste , Vol.I - de críticas feitas por professor pernambucano bem intensionado.

O capítulo III -A bibliografia - trata de relacionar , por ordem temática a obra de Estevão Pinto ; elaboramos , não como simples bibliografia , mas ao fazê-la procuramos analisar as obras, principalmente as mais conhecidas e destacadas.

Se acaso conseguimos realizar o intento a que nos propomos , não nos cabe avaliar agora por estar tão imbuído dos objetivos e metas traçadas , sentimos apenas que o esforço dispendido foi descomunal , para o pouco tempo de realização.

Em todo o tempo tentamos analisar Estevão Pinto e sua obra , enquadrando-os no tempo , pois a cada momento tudo nos fazia entender que analisar o autor com o "olhar" da teoria antropológica da atualidade , era coisa descabida, pois o homem intemporal e incircunscrito é uma verdadeira abstração.

O autor

## Capítulo I

### 0 HOMEM

**1.1.**

**Trajetória Intelectual**

"O biógrafo deve sempre ressuscitar e jamais participar de velórios . Particularmente, ressuscitar as faces ignoradas ou obscuras' dos biografados e estudá-los em função do espaço e do tempo , num complexo de análises literárias , psicológicas e histórico - social. Tal circunstância afasta a biografia autêntica das contingências monográficas e do conceito de história descritiva ou narrativa".

MAURO MOTA IN:PEREIRA,1987 : 81

"Há sempre um elemento misterioso e imponderável na idéia nova que se gera dentro do mais íntimo do recesso , do recolhimento do criador.Nunca se pode reduzir um autor a ' simples epifenômeno das condições sociais e econômicas do seu tempo. Não é possível explicá-lo simplesmente pelo clima intelectual da época , pela formação que recebeu , ' pelas influências que sofreu. Alguma coisa' escapa a todas as análises.

Mas é , igualmente verdadeiro que as idéias não surgem do nada.Provém exatamente do clima intelectual da época , explicam-se ' pela formação , pelos contactos formais ou informais dos seus autores , refletem o "Zeitgeist" com suas raízes econômicas e sociais."

ROBERTO MOTTA.IN: MOTTA(1978:Vii)

Diferentemente de inúmeras outras capitais brasileiras, Maceió não surgiu na época do Brasil colônia, vez que até 1839 era simplesmente uma pequena vila, desenvolvida, não às custas de antigo engenho como pretendem inúmeros historiadores, mas graças a pesca e sobretudo ao bom desenvolvimento de seu porto, no Jaraguá.

O ano de 1839 é um marco inapagável na história, nessa data, possibilitado por "movimento sedicioso" ocorreu a mudança da capital: de Alagoas (atual Marechal Deodoro) para Maceió. Portanto, a nova capital povoada nos fins do século XVIII para inícios do século XIX, é uma cidade tipicamente imperial, edificada de forma desordenada, sem obedecer a nenhum planejamento, embora existisse para tal, uma planta elaborada na época do governador Sebastião Francisco de Melo Póvoas (1820), que não foi seguida; esse fato permitiu o surgimento de um urbanismo desordenado e defeituoso.

As ruas centrais de Maceió nos finais do século XIX, denotavam ares de província muito acanhada; o espírito da antiga vila pairava em cada esquina. Conforme DIÉGUES JUNIOR (1981:201), eram essas características marcantes:

"Ruas cheirando a peixe frito, a tapióca, a arroz-doce, vendidos nas esquinas em tabuleiros enfeitados com papel de seda cortado em desenhos ou figurinhas de variadas cores. (...)

Ruas cheias de negras trajando vistosos cha

les e turbantes de cores fortes na cabeça!"

Em 1890 a população da cidade era de 31.498 habitantes. A partir desse ano o progresso começou a surgir ,tendendo a mudar a cidade de feição , imprimindo novo ritmo a urbe : era a modernização que chegava , clamando por modificações estruturais.

O orçamento e as finanças públicas são postos a serviço de um novo sentido urbano e os trabalhos são iniciados ,objetivando a real e coerente construção da nova cidade.

Na visão dos administradores progressistas ,era' preciso tudo renovar

"O necessário era fazer a cidade ; urbanizá-la como que para lhe tirar os ares passadistas que tinha.(...)Acabar com as (casas de)biqueiras , com as janelas de xadrez,com as casas de taipa.Surgem assim novas edificações".DIÉGUES JÚNIOR (1981:200-201)

No entanto , somente em 1927 ,com a ação modernizante do prefeito Moreira Lima , foram derrubados velhos 'quarteirões de taipa do centro da cidade ,para que em seu lugar surgissem casas modernas , bem iluminadas e algumas com vitrines ,próprias para a ação comercial.É nessa fase administrativa que a antiga Rua do Açougue , nessa época já denominada Primeiro de Março , foi posta em linha reta.A cidade , em última análise , sofria um verdadeiro "rebolicho na vida urbana".

Foi nesse clima efervescente de agitação modernizadora que no dia 17 de fevereiro de 1895 o lar dos Ferreira' Pinto , situado à Rua Primeiro de Março (atual Moreira Lima)' em pleno centro comercial de Maceió , também se encheu de reboliços e festas, com o tradicional "cachimbo" pois, precisa-

mente às 13 horas , nascia o rebento que seria o primogênito e tomaria na pia batismal o prenome Estevão e teria, depois ' de registrado em cartório , o nome Estevão de Menezes Ferreira Pinto.

Ao primeiro filho seguiram-se outros cinco : José (Zéca), Manuel, Jonas , Luís (Lula) e Lúcia , a caçula. Todos já falecidos , na atualidade.

Eram pais da criança o despachante federal Júlio ' Lópes Ferreira Pinto e D. Emília de Menezes Ferreira Pinto, de profissão prendas domésticas.

O recém-nascido tem como avós paternos Joaquim ' Lópes Ferreira Pinto e D. Carolina Leopoldina Ferreira Pinto. ' Como avós maternos Dr. Manuel Ribeiro Barreto de Menezes e D. Francisca Taveiros de Menezes, ambas tradicionais famílias alagoanas, segundo informes de Heloísa Pinto, filha do estudioso.

Estevão foi registrado civilmente em sua cidade ' natal , no cartório de Adélia de Cerqueira Castilho , escritã oficial de registro civil, no distrito de Maceió ; o ato foi registrado no Livro 5 , nº 17 , folha 177.

O garoto possuía como característicos somáticos ' a cor branca , olhos castanhos , nariz comprido , rosto oval , boca regular , sem sinais particulares.

Os estudos das primeiras letras foram feitos em casa , sob a orientação cuidadosa de D. Emília. Contando dez ' anos de idade , o jovem foi matriculado no terceiro ano primário , na turma (de 1905) fundadora do Colégio Diocesano, dos Irmãos Maristas , em sua cidade. Instalado inicialmente na Rua 15 de novembro ; era esse colégio de elite , apropriado "para ' instrução e educação dos meninos de 5 anos a 12".

Dada a situação de escola iniciante , os exames finais foram realizados no tradicional Lyceu Alagoano , perante banca especial, composta por professores ligados a colégios '

particulares.

Os resultados das provas de Estevão nesse ano foram :Aprovado Simplesmente em Português e História do Brasil ; Aprovado Plenamente em Geografia ;Aprovado com distinção em Geometria.RAMALHO (1978).

Dos colegas do Colégio Diocesano , o mais lembrado e sempre procurado era Osman Loureiro , futuro professor universitário e administrador de atividades açucareiras em Alagoas e intelectual de renome no Estado.

Em 1912 , contando dezessete anos de idade , estuda o Curso Preparatório à Faculdade de Direito na mesma escola onde estudara alguns anos do curso primário.

A partir da data de 31 de julho de 1912 , assume o cargo de escriturário do Tesouro do Estado de Alagoas ,onde trabalha até 26 de julho de 1917 , mesmo residindo em Recife, onde estuda.

No ano seguinte , publica em Maceió seu primeiro livro que tem por título "Mozaicos, poesias"(sic).

O lançamento da obra é feito sem estardalhaços , apenas o então consagrado poeta, historiador e jornalista Jayme D'Altavilla estampa em março de 1914 comentário onde afirma :

"Mozaicos é um livro que recomenda bastante o seu autor e de certo terá um acolhimento extremo , da parte dos filhos dessa terra exuberante que é Alagoas".

O comentarista entra em grande contradição em suas afirmativas ,pois, no início do artigo ,tristemente comenta :

"Nesta terra onde não há amor verdadeiramente pelas letras , é um herói o que vence as camadas primeiras da burguesia e publica

versos para um reduzido número de leitores colegas". D'ALTAVILLA (1914).

Comentando a obra poemática muitos anos depois , MOTA (1968) afirma que após a publicação do livro, o autor "logo depois ,renegaria ,por julga-la 'pura manifestação de sarampo literário de todo brasileiro'."

Estudo sobre essa obra, vide "Bibliografia, 4-Literatura", nesta Dissertação.

No ano de sua estréia literária , enfrenta os exames vestibulares (à época denominado de "Exame de Admissão") ao "Curso Jurídico e Social" , na tradicional Faculdade de Direito do Recife , tendo recebido aprovação.

O referido exame constou , além de provas de outras disciplinas , o exercício físico , incluindo ginástica suéca ; para o teste de língua estrangeira ,optou por língua inglesa.

Em 11 de abril de 1913 matricula-se na turma formada por cinqüenta alunos , dentre eles merecendo destaque Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho , futuro escritor de renome nacional e Governador do Estado de Pernambuco ; Nestor Diógenes e Melo , também futuramente escritor e folclorista ; Olívio Montenegro, professor e escritor. Embora Waldemar Valente tenha assegurado ter sido o futuro escritor Sylvio Rabello seu colega de turma , seu nome não consta da relação de alunos. O curso, com duração de cinco anos , foi concluído no ano de 1917.

Na capital pernambucana Estevão reside inicialmente em "república de estudantes" ; por sua conta e risco , trabalha para se manter.

A respeito desse período de estudante , comenta MOTA (1967b):

"Aluno direito há quem duvide que ele tenha sido da Faculdade de Direito do Recife. Aluno direito no sentido da fidelidade ao Corpus Juris Civilis , aqui tomado como símbolo de todas as disciplinas do curso.

Há quem afirme , menos ele , que se defendeu contra as ameaças da bacharelise e da bacharelização ; que as suas relações, nesse tempo , eram menos com os professores ' austeros - sabe-se que gostava de um ou outro e conversava com eles nos corredores , um Odilon Nestor , um Gervásio Fioravanti, poetas famosos da época - do que com os be déis que lhe davam , nas cadernetas , a ' frequência nas aulas que quase não frequentava , livre da rotina didática, da compilação de pontos de fazer exame, da ' miúda política acadêmica , para deixar-se ' ficar nas bibliotecas, nas indagações literárias e científicas , nos artigos de jornais , na convivência (...) de jovens amigos chamados Gilberto Freyre , Sylvio Rabello , Olívio Montenegro.

Mesmo assim , Estevão Pinto torna-se advogado. O anel chuveiro, o nome nas folhas, os óculos , as roupas de casemira inglesa , as gravatas francesas (em homenagem a Thevet) o conto O Primeiro Natal , primeiro prêmio, duzentos mil réis , em concurso promovido' no Governo Sérgio Loreto , influem no convite para ser consultor jurídico da Great Western. E , logo depois , em outro : para' escrever a história da antiga empresa bri-

tânica com sede no Recife".

O ano de 1917 não apenas foi demarcado pela chegada do bonde elétrico a Recife. Foi em verdade, um ano turbulento. Ano de guerra iniciada na Europa, com repercussões fortíssimas no Brasil. Foi nesse ano que o Brasil declarou guerra ao Kaiser da Alemanha ! No Recife, uma multidão incontida de tocha às mãos, fazia comício e tocava fogo nas casas dos alemães, situadas nas ruas do Comércio.

A "Casa Alemã", famoso magazine da época, que ficava na esquina da atual Rua Nova, com a Praça Joaquim Nabuco, não fugiu a regra, e enquanto as labaredas subiam, concorridos comícios aconteciam naquela praça. NUTELS(1976:9)

Nesse ano de grandes agitações, dois acontecimentos marcantes mudaram o rumo da vida de Estevão Pinto, torna-se advogado, concluindo o "Curso Jurídico e Social" e realiza os enlaces matrimoniais. Seu casamento foi celebrado no Palácio da Justiça de Pernambuco, em Recife, no cartório de Firmino Jacobino de Siqueira, no dia 8 de dezembro. Contrai nupcias com Maria Cândida de Oliveira Braga, pernambucana de nascimento, vindo ao mundo no dia 29 de agosto de 1899, filha de Seraphim Affonso Braga e D. Maria Rosa de Oliveira Braga.

Cândida era uma jovem morena, de tez bronzeada e cabelos pretos. Muito prendada, executava muito bem peças musicais ao piano, costurava, pintava quadros à óleo, que eram apreciados por todos. Talvez, devido a tantos afazeres, fosse um tanto nervosa. Não gostava de viajar, preferindo o recolhimento do lar. Quando o marido insistia para que o acompanhasse, ela desconversava.

O ato nupcial foi registrado à página 27, do livro de número 30, sob o número 7171. A partir daí a jovem esposa passou a assinar Maria Cândida Braga Pinto.

Do casamento nasceram três filhos : Júlio, o primeiro , era moreno como o avô e teve pouco tempo de vida. Aos seis meses de idade morreu com difteria. É que D. Cândida fora visitar uma amiga cujo filho estava acometido com difteria e ao voltar para casa , Júlio, estando nos braços da empregada, lançou-se para sí , a mãe , esquecendo os cuidados , tomou-o nos braços , e assim , o menino contraiu a doença. Na época , por não existir vacinas , o garoto não resistiu, vindo a falecer.

Júlio, assim como as outras duas meninas do casal, foram criados por Nãna , índia fulniô , que serviu a família' durante mais de quarenta anos.

As duas meninas : Jarina e Heloísa , receberam os prenomes em homenagem a duas primas do casal ; Jarina foi inclusive nome inspirado em um tipo de coco , do Pará.

Jarina Braga Pinto ao casar com George Foster, filho de americanos, passou a assinar Jarina Braga Foster, essa aproximação levou-a a gostar tanto do idioma inglês que se tornou professora, lecionando durante vários anos. O casal ' possuiu quatro filhos : Jenniffer, Denis, Doris e Willie. George Foster era alto funcionário da Coperbo, em Recife.

Heloísa Pinto, a filha caçula, carinhosamente chamada de Lalai pelos familiares , é branca, de olhos azuis e cabelos louros, foi a filha mais querida e preciosa auxiliar, espécie de secretária , que juntamente com a verdadeira ' Secretária da Escola Normal, Graziela Brusky, datilografava' os originais das pesquisas do pai. Devido a eficiência, foi nomeada bibliotecária da Escola Normal, onde trabalhou vários anos. Esses detalhes foram conseguidos com Heloísa Pinto.

Como Jarina, Heloísa casou com filho de americanos seu esposo era William Tuxford Hubbard Huttchinson, sem nenhuma ligação com antropólogo de sobrenome homógrafo.

William várias vezes acompanhou o sogro a tribo '

fulniô , de Águas Belas , era ele quem se encarregava de tirar as fotografias do grupo; para a aldeia seguiram algumas vezes de avião popularmente chamado "téco-téco" ,de onde faziam as fotografias de conjunto,para melhor percepção da comunidade como um todo.Além de fotografar , o genro também revelava as películas.

Depois de casada, Heloísa passou trinta anos residindo no Estado de São Paulo.Em 1989 falecia seu marido e companheiro; saudosa e angustiada, voltou em 1991 para Recife onde mora.

Do casório de Heloísa nasceram quatro filhos : Anne Elizabeth ,Stephan William,Louise Mary e Mary Patrícia.

Com os netos, Estevão era muito brincalhão,aproveitando as poucas folgas ,colocava-os no colo, contava histórias , lia revistas em quadrinhos.Adorava ver Patrícia representar textos de teatro infantil ,mas era Anne Elizabeth' de quem mais gostava ; sempre estava às voltas com a neta ' preferida , mimando-a , enchendo-a de alegria e de mimos.

A satisfação maior do avô , porém, era veranejar com os filhos e netos em Boa Viagem.Para seguir a aquela ' aprazível praia na década de quarenta e cinquents, era uma verdadeira viagem, cheia de peripécias e aventuras,dada a ' falta de boas estradas e vias de acesso.

A década de vinte em Recife é iniciada com muitas agitações operárias sob a liderança e inspiração de Joaquim Pimenta ; a crise chega ao ápice entre 1920 e 1922.Na ' visão de Souza Barros

Os anos vinte começariam "sob o rumor da grande greve geral do ano de 1919 ,com a repercussão dos acontecimentos europeus,com os reflexos da revolução de outubro na Rússia , que se alastrava em movimentos parale

los por toda a Europa e que, mesmo sem a profundidade das alterações de estrutura, tinha mesmo entre nós, do ponto de vista da colocação de reivindicações sociais de grande amplitude, uma conotação inteiramente nova. Mesmo no Brasil, estes reflexos contra os padrões da época se produziam pelas aspirações de redução de horas de trabalho, aumento de salários e, no plano político, eleições livres, liberdade sindical, etc."BARROS (1985:233)

Enquanto a população do Estado de Pernambuco é formada por 2.154.835 habitantes, a capital conta com apenas 238.843 habitantes.

Ao movimento de agitação, soma-se o processo de modernização, é que o prefeito Lima Castro faz o serviço de calçamento da cidade do Recife e inicia a urbanização da Praça do Derby; é no total, calçada uma área de 173.630 m<sup>2</sup> do perímetro urbano. Para tanto, a Prefeitura faz empréstimo de três mil contos de réis.

Nesse período Estevão Pinto frequenta o grupo de intelectuais do "Helvética", composto por Esmaragdo de Freitas, Rômulo e "outros solteirões empedernidos". LIMA SOBRINHO (1985).

Foi em 1920 que Estevão publicou seu primeiro estudo de cunho historiográfico, que recebeu o título "Figuras do passado" no Jornal do Comércio, do Recife, a 12 de setembro. Tempo depois, no governo Sérgio Loreto, recebe prêmio bastante concorrido, com o trabalho contístico "O Primeiro Natal". Aos poucos, o jovem advogado se firmava no cenário intelectual da capital pernambucana.

Dois anos depois, o movimento de modernização con-

tinuava acirrado ; o propósito da existência de uma capital ' progressista , era o sonho de todos , que ia se tornando reali-  
dade. Nesse ano de 1922 , a administração municipal completava a iluminação da cidade e, por influência do governo do Estado' era instalada uma agência do Banco do Brasil, com o objetivo' de ajudar nessa arrancada de modernização.

Em 1922 Estevão publica obra de caráter históri-  
co-social , de título "Pernambuco no século XIX".

Embora o autor tivesse afirmado :

"É coisa de juventude. Tirei logo de circula-  
ção. Ninguém conhece". MOTA (1967 a)

Na visão de Waldemar Valente

"Embora o título possa sugerir , como lembra Mauro Mota , a dureza dos fatos ou a sim-  
ples sequência datal , é , sem favor, magnífi-  
co ensaio sob critério , não apenas históri-  
co , mas sociológico, e até certo ponto psi-  
co-social e antropológico-cultural. Nele re-  
vela-se ainda o historiador social. Também o  
cronista do Recife , numa das épocas mais'  
ricas de sugestões e de temas, de motivos e  
de inspirações. (...)

À argúcia de Estevão Pinto nada escapa. Os'  
hábitos e costumes sociais mais ostensivos'  
e aparentes , como os que se relacionavam '  
com as modas, tanto dos gamenhos, como das '  
gamenhas - os play-boys e jovens sofisticada--  
dos de ontem - das iaiás e dos iôios". VALEN-  
TE (1969).

A obra é artisticamente ilustrada por Heinrich '  
Moser, criativo artista alemão que residiu em Recife à partir  
de 1910 e deixou de sua lavra , obras imorredouras em vitra-

is ,murais , quadros à óleo , ilustrações em revistas ,livros ,jornais e partituras.CF. WEBER (1987).

Nesse ano de 1922 , Estevão Pinto toma posse como sócio-efetivo do Instituto Arqueológico , Histórico e Geográfico Pernambucano ,certamente o convite para sócio dessa instituição foi motivado pela publicação da obra "Per nambuco no século XIX".O ato ocorreu na sessão ordinária do dia 12 de outubro.

Na revista daquele Instituto publicou apenas alguns estudos históricos , o que parece fazer crer que o historiador não se entrosou bem com os seus pares ; outro fato pode ratificar a nossa afirmativa , é que a partir de 1933, com a posse do antropólogo Waldemar Valente , algo de diferente começa a ser processado : um grupo de jovens sócios , descontentes com as normas da instituição ,tentava criar condições para um movimento de renovação a todo custo.

Augusto Rodrigues (pai) com seu espírito inquieto e sua capacidade de museólogo bem intensionado , estava à frente dos acontecimentos que ia de encontro a ala conservadora.Estevão , juntando-se a Rodrigues , Waldemar e ao folclorista e historiador José Rodrigues de Carvalho , fizeram a "revolução" naquele silogeu que abrigava o pensamento estamental de então.

O Movimento Modernista que fervilhava em São Paulo , estendia seus tentáculos ao Recife , e a ponte que tentava fazer a elisão , conseguindo intérpretes e filiados foi Joaquim Inojosa ,que na visão de BARROS (1985:158) era

"Agitador de idéias que incorpora diversos escritores e poetas ao novo credo da arte, tornando-se líder incontestável do movimento , em terras do Nordeste!"

É ainda Souza Barros quem procura demonstrar

que o movimento paulista não teve ligações com o pernambucano, e segundo ele

"É erro grosseiro filiar-se o movimento recifense ao paulista-carioca". BARROS (1985: 153).

É que, como afirma Gilberto Freyre, o movimento modernista em Pernambuco, especialmente no Recife, tem raízes nos Estados Unidos, em Paris e Munich, trazido para Pernambuco por Freyre, Vicente e Joaquim do Rego Monteiro.

Mesmo tendo publicado obras em versos e prosa e sendo considerado por seus trabalhos "cronista literário" (BARROS, 1985:191); (PEREIRA, 1979:111), Estevão está completamente ausente do movimento modernista, afirma-o Inojosa (1968-1969). O estudioso nessa época prefere o sossego do lar, onde realiza seus estudos, à agitação efervescente dos movimentos literários demolidores.

Embora afastado dos movimentos renovadores, Estevão escreve seus trabalhos, publica-os nos jornais da terra, provando sua inteligência e demonstrando seus pendores intelectuais, pois como testemunha Souza Barros

"Não se podia admitir o intelectual se ele não aparecesse na imprensa numa atividade qualquer, nela trabalhando diretamente ou levando como colaborador as suas produções. A dificuldade dos meios editoriais, sobretudo os especializados, as revistas técnicas, etc. faziam do jornal o divulgador central de tudo o que aparecia". BARROS (1985:180).

No ano de 1923, a cidade do Recife mais uma vez tomando dianteira da modernização, inaugura a primeira estação de radiodifusão brasileira, a PR A 8 - Rádio Clube de Pernambuco.

Um ano depois, é fundado no Recife o Centro Regionalista do Nordeste, que em termos, prepararia o Movimento Regionalista. Estevão mais uma vez está ausente.

O ano de 1925 é cheio de acontecimentos marcantes para a sociedade pernambucana e nordestina, inicia-se a correspondência aérea ligando Recife ao Rio de Janeiro e a Buenos Aires, pela Companhia Latecoère.

Do ponto de vista intelectual dois movimentos culturais foram importantes: o lançamento de "O Livro do Nordeste", em comemoração ao centenário do Diário de Pernambuco, por iniciativa de Gilberto Freyre. A obra analisa aspectos variados da cultura e da sociedade nordestina e foi escrita por intelectuais de escola de Pernambuco. Mais uma vez, Estevão não se faz presente.

O outro acontecimento de importância foi a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, presidido por Gilberto Freyre, que, de certa forma corresponderia ao Movimento Modernista de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Embora ausente desses acontecimentos culturais, Estevão pesquisa, escreve e publica estudos de valor, como fez no dia 7 de novembro de 1925, com seu primeiro trabalho de etnografia, de título "O Diário de Pernambuco como subsídio etnográfico"; o estudo, como observamos em capítulo desta dissertação, antecede a todas as obras de cunho antropológico ou sociológico escritas sobre o negro em Pernambuco.

Parece ser pertinente neste momento lembrar uma observação de Sylvio Rabello sobre a obra de Estevão Pinto, a quem denominara mestre de 'proveito e exemplo', e de quem percebera ter sido "desorientado a princípio nas suas leituras". RABELLO (1979:163). A análise prende-se, certamente, a capacidade de estar sempre influenciado por inúmeros temas dispersos, não se ligando com profundidade em nenhum deles.

A partir de 1926 , a cinco de julho , Estevão ' torna-se catedrático de História Geral da Escola Normal Oficial de Pernambuco. Com a extinção do Curso Comercial que funcionava na mesma escola , onde o mestre lecionava História da Civilização , o professor é transferido para o Curso Ginásial, onde iria ensinar a mesma disciplina. Naquela escola permanece até 1962 , quando se aposenta, e é substituído pelo prof. Roberto Mauro Cortez Motta , na qualidade de Catedrático interino.

Na informação de Rui Ayres Bello

"Desde as suas origens , tivera a Escola ' Normal o seu corpo docente integrado por figuras das mais representativas do magistério e da cultura , não só de Pernambuco, como de outras áreas do território nacional.(...)

Tinham honrado as cátedras dessa Escola ' mestres do porte de Jerônimo Gueiros, Júlio Pires Ferreira, Ulisses Pernambucano , Eustórgio Wanderley, Paulino de Andrade, França Pereira, Pinto de Abreu, Aníbal Bruno, maestro Euclides Fonseca, Lucilo Varejão, Edwiges Sá Pereira" BELLO(1982:238-239).

Para demonstrar a importância da Escola Normal, basta que se atente para o que diz Nilo Pereira:

"O velho Ginásio Pernambucano (...) era, a seu modo, uma pré-universidade. Ser professor do Ginásio era um status quase universitário. Os melhores professores de Pernambuco ou estavam no velho Ginásio Pernambucano ou na antiga Escola Normal , hoje Instituto de Educação , outro centro cultural digno de toda atenção por parte de estudo

sos e pesquisadores da vida intelectual ' pernambucana".PEREIRA (1978:47)

Ou Mauro Mota , quando aprecia a condição de ser' professor do Ginásio Pernambucano.Em seus termos

"Ser catedrático do Ginásio -acontecia o mesmo em relação ao Instituto de Educação,a antiga Escola Normal (...) era possuir uma' das posições mais desejadas aqui e que se obtinha através de concursos públicos". ' MOTA (1979:XVII)

Ou ainda como diz ,para finalizar, Palhares Morei  
ra Reis :

"Naquela época,ser catedrático da Escola ' Normal e do Ginásio Pernambucano , em méri to e em prestígio se igualava , senão ultra passava , em determinados casos, a ser cate drático da então recente (...) Universidade do Recife".IN:PEREIRA(1987:151)

Para Pernambuco, o ano de 1927 não é apenas a ' data de instalação dos telefones automáticos ,com cinco esta- ções e 1.500 assinaturas ; nem apenas o ano da celebração do Centenário do Recife como capital do Estado, mas o início da época de Estácio Coimbra , que tantos acontecimentos importan tes provocou no Estado.

Estácio,que fora vice-Presidente da República no governo Artur Bernardes,no quadriênio 1922-26 , agora voltava para governar sua terra , querendo imprimir a ação política ' novos rumos.(BARROS,1985:55);CF. COSTA PORTO (1977).

Pretendendo desenvolver a ação cultural, Coimbra ' convida Gilberto Freyre para ser seu assessor; Freyre passa ' no cargo de 1927 a 1930 , quando foi deposto pela Revolução , junto ao governador.

Estácio não aceitava o "comunismo" de Freyre , ' acatava suas inovações , mas não concórdava em muitos pontos' com o seu pensamento , no entanto afirmava :

"O teu socialismo não deixa de ter razão."  
CUNHA (1986:38)

Uma das grandes realizações do governo Coimbra ' aconteceu no terreno da educação , foi a chamada Reforma Carneiro Leão , assim assinalada por Zaida Cavalcanti :

"Um dos pontos altos da Reforma Carneiro ' Leão foi a criação da cadeira de Sociologia, na Escola Normal.(...)Começou a funcionar ' em 1929 , tendo como titular o jovem sociólogo Gilberto Freyre.O programa apresentado pelo novo professor (...) compreendia o estudo analítico dos fatos sociais próximos ' no espaço e no tempo, o uso de procedimentos estatísticos e das técnicas americanas' de pesquisa social.Compreendia ainda o exercício da observação e da pesquisa de campo, com visita dos alunos, orientadas pelo professor , a locais do centro e dos arrabaldes do Recife.

As atividades docentes de Gilberto Freyre' encerram-se em outubro de 1930,quando o mesmo acompanha Estácio Coimbra ao exílio". ' CAVALCANTI (1986:18)

Ruy de Ayres Bello demonstra a importância da criação da disciplina , enfatizando que essa foi

"A primeira cátedra de Sociologia Educacional a funcionar em Escola Normal do Brasil' inteiro, sendo (...) Gilberto , o seu primeiro ocupante infelizmente,por pouco tem--

po, porque, um ano depois, por ato da Revolução de 30, seria o jovem cientista (...) exilado na Europa, juntamente com seu amigo Estácio Coimbra". BELLO (1982:239)

Não foi, segundo Nogueira (1979-1981:193), a "primeira cátedra", e sim a segunda, pois antes dela, em 1920 no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, fora criada a disciplina no curso secundário; em São Paulo, a disciplina surgiu após a prática do Recife.

Em depoimento sobre essa inovação, afirma Gilberto Freyre:

"Durante dois anos, dirigi a primeira cátedra de Antropologia social e cultural que funcionou no Brasil, creio que foi também a primeira cátedra de antropologia social e cultural na América do Sul, como a cátedra de Sociologia na Escola Normal de Pernambuco - criada pela reforma Carneiro Leão (...) - fora a primeira cátedra de sociologia moderna a funcionar no Brasil e talvez na América do Sul sob base antropológica e acompanhada de pesquisa de campo". FREYRE (1962: LXVI).

O pensamento avançado e inovador de Freyre frente a cadeira de Sociologia da Escola Normal, bem como o uso de sua biblioteca particular, especializada, permitiu que um grupo de estudiosos a ele se apegasse e se tornasse, por assim dizer seus discípulos, são eles, segundo Freyre: Estevão Pinto, René Ribeiro, Mário Marroquim, Gonçalves Fernandes, José Antonio Gonçalves de Melo, Manuel Diégues Júnior e outros. FREYRE (1962:LXVI).

O ano de 1929 é marcado pela crise da Bolsa de

Nova York , Souza Barros enxerga nessa crise

Uma "espécie de ressaca, que levou algumas ' de suas ondas até os centros açucareiros de Pernambuco , abafando-lhe as estruturas, com o conflito que a baixa universal dos preços do açúcar acarretara entre usineiros e fornecedores de cana".

Discutindo o desenrolar histórico da educação em Pernambuco , visando dar um nexu lógico a problemática da criação da Universidade do Recife, Gadiel Perruci aponta grande avanço

"a partir de novo surto modernizante, empreendido pelo governo de Carlos de Lima, nos anos de 1930. O ensino secundário se expande, tanto no setor humanístico , com a fundação de inúmeros estabelecimentos confessionais, como no setor de "artes e ofícios". PERRUCCI' (1986:505).

Aníbal Bruno , moço arejado e idealista , era o diretor técnico da educação de Pernambuco no início da década de trinta (PINTO,1932:72), a ele deverá ser creditado partes' desse avanço.

Interpretação da década de trinta das mais percucientes é a feita pelo historiador pernambucano Potiguar Mattos , quando conclui que

"A década de 30 é uma pequena nebulosa dentro da nossa história.(...)

Antes de tudo, há o tumulto mundial, atingindo-nos com suas linhas de choque , provocantes e desestruturadoras.(...)

No Brasil, estávamos perdidos. O símbolo poder ser a Coluna da Morte, nas suas andan-

ças sobre o mapa nacional , avançando e re-  
cuando , matando e vivendo , num ritmo de  
espasmos , um deles , o tenentismo, guar-  
dando amargos venenos para o futuro.

A revolução de 30 abriu-nos as portas  
para o desafio do século, antecipado pelas  
tensões de Arte Moderna , de São Paulo, ou  
do Movimento Regionalista de Gilberto Frey-  
re, em Pernambuco. Abriu-nos as portas para  
a luz da verdade , mas os seus guias eram  
cegos. Lutamos em 32, em São Paulo , fize-  
mos uma Constituição natimorta em 34 ; suja-  
mos as mãos de sangue em 35 e assassinamos,  
em 1937 , com o punhal de um fascismo medío-  
cre e co~~r~~rupto, os sonhos de liberdade e jus-  
tiça de uma geração inteira.

Como não compreender, então, que a década  
assistisse à nossa caminhada para o suicí-  
dio dos extremismos imperdoáveis ?

Éramos da direita ou da esquerda. O libera-  
lismo parecia morto. O que nos embriagava  
era o vinho forte dos radicalismos". MATOS'  
(1991:24-25)

Fernando de Azevedo analisa a Revolução de Trin-  
ta, procurando principalmente perceber as import~~an~~tes conse-  
quências por ela propiciadas ; em uma de suas observações co-  
meça buscando às razões basilares para o surto do movimento :

"O que compeliu a essa revolução intelectu-  
al, que nos iniciou no espírito crítico e  
experimental , em todos os domínios, e nos  
abriu o caminho aos estudos e às pesquisas  
sociológicas , foi, no entanto, o desenvol-

vimento da indústria e do comércio , nos grandes centros urbanos do país e, particularmente , em São Paulo e no Rio de Janeiro. O primeiro surto industrial , em 1918, em consequência da guerra mundial, as transformações de estrutura econômica e social que daí resultaram , e a revolução de 1930 que, provocada por essas mudanças contribuiu para intensificá-las, repercutindo nas esferas culturais, devem estar na origem da nova atitude crítica na mentalidade das elites novas, dos movimentos de renovação em diversos setores, como nos das letras e das artes, da educação e da política , e do interesse crescente pelos estudos científicos das realidades sociais. Não deixaram, porém, de influir vigorosamente nesse desenvolvimento, a criação de cadeiras de sociologia, em 1928, na Escola Normal do Recife e na do Distrito Federal, pelas reformas que empreenderam naquele Estado A. Carneiro Leão, e na capital do país". AZEVEDO (1955:380).

No início dos anos trinta a Aliança Liberal faz grande movimentação no Recife , com comícios e propagandas , tendentes a colocar no poder maior da república , Getúlio Vargas.

Com a demissão de Gilberto Freyre , feita pelo governo revolucionário, fica vaga a cadeira de Sociologia Educacional , para suprir a falta , Estevão Pinto que já ensinava História Geral na Escola Normal , assumiu interinamente a cátedra.

Quando começa a lecionar a disciplina , interes-

demais por ela e pretende , ao invés de apenas ser substituído, ser o titular. Nesse ínterim , sai o edital de concurso , apresentando-se dois candidatos : Estevão e Geraldo de Andrade.

Geraldo era médico e na época ex-diretor do Serviço de Antropologia do Departamento de Saúde Pública, pois ' sofreu perseguições políticas e foi demitido por ocasião da Revolução de Trinta. Waldemar Valente que também perdera seu primeiro emprego por ocasião daquele movimento , cheio de solidariedade , ajudou bastante a Andrade , traduzindo obras ' de sociologia escritas em língua inglesa , pertencentes a ' Gilberto Freyre , então depositadas na residência de seu genitor , o professor, latinista e mestre na ciência do Direito Alfredo Freyre, situada na Rua das Pernambucanas.

Feito o sorteio do tema , coube a Estevão discorrer sobre a problemática "A escola e a formação da mentalidade popular no Brasil". Realizada a investigação , o trabalho fora escrito "conforme as técnicas de pesquisa psicopedagógica vigentes (...) realçando de modo particular o sentido democrático que soube imprimir as sugestões para resolução do problema".

Na defesa da tese, requeria-se do candidato que não apenas tivesse argumentos convincentes , mas eloquência , fluência no falar , para impressionar a banca examinadora e o público que sempre estava torcendo por um dos candidatos.

Geraldo, contrário de Estevão , tinha o dom da palavra fácil , possuía o poder da persuasão dialética, argumentação segura e convincente. Estevão não era orador, nem retórico e comunicava com muita dificuldade , dado os tiques nervosos que lhes eram próprios. Queria sim, em sua simplicidade, comunicar idéias e argumentos de forma meteórica, acotovelando , muitas vezes as palavras.

Sem muitos atrativos na cidade , os concursos '

nessa época eram locais que atraíam dezenas de pessoas, ansiosas por acompanhar esses duelos de inteligência e cultura, onde às vezes até aconteciam agressões físicas. A defesa de tese era, sem sombra de dúvidas, local onde os "partidos" realmente funcionavam. Cada candidato possuía uma pequena legião de admiradores que torcia por si, e tudo fazia para prejudicar o opositor. A ação dos "partidos", de certa forma, influia no julgamento da banca examinadora.

A vitória de Estevão despertou entre os torcedores de Geraldo, sentimentos de revolta e indignação. Na própria Escola Normal, onde o adversário possuía admiradores, ocorreram incidentes desagradáveis. Certo catedrático daquela escola, não querendo aceitar o resultado do concurso, bradava em altos tons em sala de aula, coisas absurdas, tais como: "A burrice e o protecionismo da banca examinadora proporcionaram um absurdo: a Escola receber, como professor, um homem 'curto', fechando as portas a um 'culto'".

Ao saber disso, Estevão que muitas vezes era dado a exaltação, ajudado pela força da combatividade, tornava-se ofensivo, agressivo, irritado, buscando defesa para suas idéias e planos. Esfurecia-se e desabafava na roda de amigos. Desabafava com desaforos e até com palavrões incômodos; isso como que o fazia diminuir as tensões.

Na verdade, Estevão não era homem de tomar iniciativas de ofensas ou ataques, mas na defesa era uma fera, agressivo à toda prova. Procurava os pontos vulneráveis do adversário, para atingí-lo fulminantemente. Na pretensão de acabar de vez com os achincalhamentos, descobriu uma tese perdida, "arrogante pela pretensa originalidade genial" nada mais, nada menos, uma cópia de um estudo desconhecido no Brasil, de um autor francês, publicada meses antes.

Depois da descoberta do plágio, publicou como

matéria paga no Diário de Pernambuco , duas páginas inteiras, com escandaloso título, para chamar a atenção de todos. Na matéria fazia cotejo entre a tese e o ensaio : "o plágio estava configurado de maneira irresponsável".

Ao invés de ter resolvido o problema , a situação piorou : a direção da Escola anulou o concurso, em atenção aos protestos de Geraldo, alegando que durante as provas, fora adotado o programa lecionado pelo candidato, que era regente interino da cadeira.

Fora marcado novo concurso no ano de 1932, dessa vez, além dos dois contendores, apareceram outros dois : Luiz Delgado e Olívio Montenegro. O resultado do concurso deu vitória a Geraldo. Estevão aceitou o resultado sem protestos, porém não aceitou o julgamento parcial de um dos examinadores, que teria influenciado os membros da banca. Na visão de Estevão isso constituía revanche.

O tema sorteado para a tese desse segundo concurso foi "O dever do Estado reletivamente à assistência aos mais capazes". Estevão escreveu mais um notável ensaio, que logo seria traduzido para o espanhol e reeditado em português em 1933, com o título "A Educação dos bem dotados".

No ano de 1931 Estevão Pinto aplica questionários em um total de 559 alunos na Escola de Aplicação e na Escola Experimental Maciel Pinheiro , com o objetivo de perceber como se comportam na escola as crianças bem dotadas ou supernormais , o resultado dessa pesquisa foi a elaboração da obra "O problema da educação dos bem dotados" a pesquisa teve a mesma metodologia da empregada na realizada no ano anterior quando fizera inquérito com 2.597 alunos do Recife, cujos resultados estão contidos na obra "A escola e a formação da mentalidade popular do Brasil".

Analisando a primeira dessas obras , sentencia

Mauro Mota :

Com "A educação dos bem dotados" a nossa antiga Escola Normal e seu jovem catedrático logo ganharam o mundo brasileiro e o mundo ibérico. Importante editora de São Paulo(..) ainda hoje , a mantém em sua biblioteca educativa, através de sucessivas edições, promoveu o lançamento da primeira, em âmbito nacional com prefácio de Lourenço Filho, em cuja opinião, estamos diante de um livro 'equilibrado e profundo, com a visão geral, clara e perfeita do assunto'. Simultaneamente, saía a edição espanhola , em tradução 'de Gervásio Manrique e sob o patrocínio de Lourenço Luzuriaga, da 'Revista de Pedagogia' de Madrid , editora das autoridades em matéria pedagógica". MOTA (1968:132).

Lourenço Filho , o prefaciador da obra de Estevão Pinto era um dos maiores mestres da educação brasileira, de todos os tempos. Foi Presidente da Associação Brasileira de Educação e Professor Emérito da Universidade do Brasil. Publicou inúmeras obras sobre Educação e Psicologia Educacional.

Nesse ano de 1932 é fundada em Recife a Associação Pernambucana de Imprensa e dois anos depois, aparece uma obra que iria renovar a visão dos estudos sócio-antropológicos no Brasil. A obra concebida em Pernambuco, foi escrita 'pelo sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre e teve por título' "Casa Grande & Senzala".

A partir de 1933 , iniciando a 26 de março, Estevão passa a ensinar as disciplinas Legislação e Administração Escolar na Escola de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação de Pernambuco, permanecendo no cargo até 22 de dezembro de 1937.

No ano seguinte realiza-se em Recife, de 14 a 15 de novembro o Primeiro Congresso Afro-brasileiro, que tantas perspectivas abriu para o avanço dos estudos antropológicos brasileiros. Estevão Pinto não participa desse Congresso.

- 1 9 3 5 -

O primeiro volume da sua obra "Os indígenas do Nordeste" é publicado pela prestimosa coleção Brasileira. O estudo recebeu críticas entusiásticas de pesquisadores americanos e brasileiros, dentre eles : Percy Martin, professor de História Latino-Americana da Universidade de Stanford ; Antonio Serrano, diretor do Museu de Entre-Rios, Argentina ; Rüdger Bilden, professor da Fisk University ; Raimundo de Moraes, Gilberto Freyre e Angione Costa.

Ao analisar a obra, Arthur Ramos assim se expressou :

"Estevão Pinto no seu 'Indígenas do Nordeste' (...), fez uma interessante interpretação psicanalítica dos personagens da seriação mítica dos Maire, segundo o texto de Thevet... Não é aqui o lugar de comentar as notáveis descobertas de Estevão Pinto".

IN: Posse(...) na Academia Pernambucana de Letras. Diário de Pernambuco, Recife, 11 nov. 1951.

Para Herbert Baldus "As sínteses do material de Etnologia Brasileira, que melhor caracterizam o respectivo estudo do seu desenvolvimento, foram feitas por Martius em 1867, Ehrenreich em 1891 e 1905, Wilhelm Schmidt em 1913, Krickeberg em 1922 e 1939, Estevão Pinto em 1935, Pericot y Garcia em 1936, Gillin em 1940 e Radin em 1942".

IN: Posse(...) na Academia Pernambucana de Letras, citado.

Agripino Grieco, crítico literário dos mais severos, sentenciou :

"Autor de um livro que Sud Mennucci enxergou o melhor texto didático de História do Brasil, o Sr. Estevão Pinto é um apaixonado do Nordeste, da (vida) das tribos selvagens. Falando de jesuítas ou dos pretos escravos, traz sempre uma estimável novidade, acrescenta sempre algo de inédito a (obra), que (fez), nos últimos tempos, centro de convergência dos estudos de tantos eruditos".

IN: Posse (...) na Academia Pernambucana de Letras, citado.

Heloísa Pontes, (PONTES, 1989) discorrendo sobre editores brasileiros, percebe que toda a motivação da publicação de obras brasileiras tem início na década de trinta, consequência do movimento revolucionário, movimento que levou os brasileiros ao desejo de conhecer o país e suas potencialidades.

Até a década de vinte, publicar no país era coisa muito difícil, a falta de parque gráfico obrigava os editores a mandar confeccionar as obras na França ou em Portugal, portanto encarecia demais a edição. Com a ampliação e modernização das escolas à partir de Trinta, o livro didático teve a sua vez e permitiu o surgimento de editoras importantes no país, assim é que apareceu a Biblioteca Pedagógica Brasileira, que abrigava cinco sub séries, estando aí a Coleção Brasileira, dirigida por Fernando de Azevedo.

Com base no "Índice da Coleção Brasileira", elaborado por Fonseca (1969), listando 365 obras publicadas até aquela data, pode-se saber que durante a vida da importante "Enciclopédia brasileira", no dizer de Anísio Teixeira, le-

vando-se em conta o número de volumes publicados por autor, ' entendendo-se obra original e também listando nesse conjunto' as traduções elaboradas , computando-se cada um desses ítems' um volume a ser somado , depreende-se que apenas um autor pu- blicou no total a quantia de dez obras , o crédito vai para ' João Pandiá Calógeras ; outro dos autores editou a quantia de nove obras , é o caso de Auguste Saint Hilaire ; dois publica- ram o total de oito obras, dois editaram sete obras e dois ' editaram seis volumes , estando aí o nome de Estevão Pinto , que conseguiu lançar quatro livros de sua autoria e traduziu' e prefaciou dois livros , respectivamente : Indígenas do Nor- deste (vols.1 e 2,1935 e 1938) ; Tradução e Prefácio a "Singu- laridades da França Antártica , de André Thevet (1944) ; tam- bém Tradução e Prefácio a Religião dos Tupinambá , de Alfred' Métraux(1950) ; Etnologia Brasileira, Fulniô - os últimos ta- puias(1956) e Muxarabis e Balcões & Outros ensaios( 1958).

Tendo-se em vista esta computação , Estevão Pinto é o quinto autor a divulgar maior número de obras , mesmo le- vando-se em conta que nos terceiro,quarto e quinto lugares , os autores são duplicados , constitui portanto um grande pres- tígíio para o autor situado no Nordeste do Brasil, a publica- ção nessa importante coleção , que acolhia os mais destacados autores brasileiros do tempo.

A Coleção Brasileira surgida em 1931 e editada ' pela Companhia Editora Nacional , de São Paulo, foi dirigida' até o volume 286 (1956) pelo professor Fernando de Azevedo e a partir do volume 287 (1957) pelo historiador Américo Jacobi na Lacombe. Até o vulume 304(1958) a Brasileira fazia parte da coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira (Quinta série) , tor- nando-se uma coleção independente a partir do volume 305(1959).

No caso das obras de Estevão Pinto , todos os li- vros pertenceram a Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira , cinco deles , tendo a direção de Fernando de Azevedo e apenas um , do historiador Jacobina Lacombe.

Desde quando os editores da Companhia Editora Nacional pensaram em expansão de seus projetos , em vários pontos do país , estabeleceram representantes , assim , no Recife também existiu a sua livraria -escritório na Rua da Imperatriz.

Na década de cinquenta gerenciava o escritório ' Waldomiro Gomez , que , aos sábados , juntava a intelectualidade da capital para , em meio a uma bebida e outra, discutir ' assuntos de literatura , artes, política , religião , ou mesmo "falar da vida alheia".

Nesses encontros , conseguia-se traçar normas e diretrizes para edições de obras ; talvez isso explique o ' "processo" da edição de obras de certos autores nordestinos . A informação está contida em VALENTE (1976 e 1984:110).

Grande novidade surgia na Escola Normal no ano ' de 1935, era a inauguração do Serviço de Rádio Difusão, e a primeira rádio-aula discorria sobre a Constituição do Estado. No princípio a rádio-educação era feita através de retransmissão radiofônica para normalistas ; eram aulas preparadas ' pelo órgão federal de educação e cultura e retransmitidas ' para as alunas reunidas no próprio recinto da Escola; posteriormente, as atividades radiofônicas não mais se destinavam ' às atividades de sala de aula ,mas apenas aos trabalhos artísticos.

Um ano depois, Gilberto Freyre publica "Sobrados e Mocambos" , dando continuidade a sua obra basilar sobre a Família Patriarcal Brasileira.

No ano de 1937, a 10 de julho , o etnólogo pernambucano Carlos Estevão de Oliveira profere palestra no Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano , no Recife, sob o tema Indígenas do Nordeste ,que seria publicado na mesma instituição em sua revista, sob o título "O Ossuário da Gruta-do-Padre em Itaparica e algumas notícias sobre

remanescentes indígenas do Nordeste". Foi essa conferência que provocou a chamada "polêmica entre Oliveira e Estevão Pinto, discutida nesta Dissertação.

Essa mesma conferência motivou Estevão a seguir no mesmo ano a aldeia Pancararu, onde realizou pesquisas para compor o estudo sobre "As máscaras-de-dança dos Pancararu", complementando a obra de Carlos Estevão.

O segundo tomo de "Os Indígenas do Nordeste", saiu editado pela Coleção Brasileira no ano de 1938; como o primeiro, recebeu críticas elogiosas de estudiosos do Brasil e de países estrangeiros, assim é que Angione Costa, pré-historiador, assim se expressou:

"O seu livro é o melhor trabalho sistematizado, escrito sobre o índio do Brasil. (...) Para a sua constância no estudo, tenho chamado sempre a atenção, recomendando aos meus alunos do Museu.

O método, a clareza, as boas fontes, exaustivamente citadas, marcam de maneira muito singular a sua presença entre os etnógrafos do Brasil, quiçá da América".

IN: Posse (...) na Academia Pernambucana de Letras. Diário de Pernambuco, Recife, 11 nov. 1951.

Percy A. Martin, professor de História Latino Americana da Universidade de Stanford, Califórnia, E.U.A., desta forma analisou a obra:

"You have succeeded in setting forth in a most scholarly and lucid manner an immense amount of valuable information on the Indians of Northeastern Brazil.

Permit me to say that in preparing this manual you have placed all students of Brazilian anthropology in your debt."

IN:Posse (...) na Academia Pernambucana' de Letras,citado.

Antonio Serrano , etnógrafo e diretor do Museu de Entre Rios,Argentina, viu a obra desta forma :

"Su 2º tomo no desmerece por cierto el alto valor científico del 1º y hasta me atrevo a decir que lo supera.Ha hecho ud con ellos ' una valiosa obra constructiva y lo felicito del corazon".

IN:Posse (...) na Academia Pernambucana' de Letras,citado.

Em livro de memória, Ruy Ayres Bello faz um retrato do corpo docente da Escola Normal no ano de 1938 ,qualificando-o como o "de mais alta qualificação".A sua relação inclui : Sizenando Silveira e Aurino Maciel , de Português ; Luiz Freyre e Sizenando Carneiro Leão , de Matemática ; Ernesto Silva, de Química ; Arnaldo Carneiro Leão , de Física ; Sylvio Rabello , de Psicologia Educacional ; seu irmão Dácio Rabello , de Geografia ; Estevão Pinto , de História Geral; Valdemar de Oliveira e Gilberto Fraga Rocha , de História Natural ; Armando Gama , de inglês ; Meira Lins e Maria Luisa Maranhão , de Anatomia e Fisiologia Humana ;Geraldo de Andrade, de Sociologia da Educação ; Fernando Simões Barbosa , de Higiene e Puericultura ; Eulália Fonseca , de Metodologia; os três Ivans , o Fonseca , de desenho ; o Alecrim , de Biologia e o Loureiro , de Matemática ; Oscar Coutinho , de Ciências ; Naíde Rabello, de Trabalhos Manuais ; Arlindo Lima e Milton Cabral , de Francês ; Padre Silvino Guedes , de Latim; Mons. José Olímpio dos Santos , de História do Brasil ; Maestro Er-

nane Braga e Maria do Carmo Barbosa, de Música e Canto ; Ana de Sá Pereira , irmã de Edwirges , de Artes Dramáticas". BELLO (1982:238-239).

A longa citação é pertinente, pois objetiva situar Estevão ao lado de seus pares , alguns deles que foram partícipes de certos dramas na trajetória do etnólogo.

De cabelos grisalhos , tendo um metro e sessenta e nove de altura, assim são algumas das características somáticas atribuídas a Estevão , constante na carteira de reservista de terceira categoria, é que , no ano de 1938 o estudioso alistou-se no Exército , embora contasse quarenta anos de idade.

Nesse ano , torna-se advogado da Rede Ferroviária do Nordeste, depois chamada Rede Ferroviária Federal S/A. , denominação moderna da antiga Great Western , corporação que anos depois era pesquisada e daria possibilidade da elaboração de uma obra definitiva. O registro do novo funcionário recebe a letra A , o número 115 e sua matrícula data de 1 de junho; nesse cargo permaneceu até 30 de setembro de 1951.

Além de advogado dos ferroviários , orgulhava-se de também ter sido advogado dos pescadores de Olinda (PE.) e nunca ter perdido uma causa.

Ainda nesse ano sai publicada a obra "As máscaras -de-dança dos Pancararus", a pesquisa foi feita por solicitação e motivação de Gilberto Freyre; nesse mesmo ano o mesmo estudo foi publicado em Buenos Aires sob o título "Las máscaras de danza dos Pancarus".

Junto com Ulisses Freyre , Estevão levantou as plantas de dois muxarabis , um situado no Pátio de São Pedro e outro na Rua do Amparo , ambos no Recife ; o levantamento era destinado ao livro de Gilberto Freyre "Olinda, segundo guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira" , publicado no Recife um ano depois, 1939.

Em meados de dezembro de 1938 Estevão, qual filho pródigo, volta a sua terra natal, cheio de saudades. Em entrevista concedida a Gazeta de Alagoas, matutino de Maceió, desabafa :

"Venho mesmo ansioso por entrar em contato com a minha gente. Quero saborear o sururu' ensopado em coco e as belas ostras de Alagoas. Quero andar de canoa nas águas do Mangaba. Quero tomar banho em Bebedouro. Quero rever o Farol, a Levada, o Pontal da Barra, os trapiches de Jaraguá, a praia da Pajussara. E a Volta d'Água, Santa Rita, os Remédios e a Bica da Pedra".

Em passeio pela cidade de Maceió reviu inúmeros prédios históricos e artísticos e esbravejou contra a descaracterização e a derrubada desse patrimônio histórico; chegou mesmo a clamar contra esse descaso.

Durante o ano de 1939 Estevão faz pesquisas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, então dirigida por Rodolfo Garcia; na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, sob a direção de Jorge Calmon e no Gabinete Português de Leitura, do Recife; o objetivo dessas pesquisas era a complementação de dados para a tradução da obra de André Thetvet "Singularidades da França Antártica(...), publicada pela Coleção Brasileira, nº 229, São Paulo, 1944).

Visando elaborar uma tradução onde não pairassem dúvidas sobre as afirmativas do autor, Estevão após ao trabalho 625 notas de pé-de-página, onde clareia certos detalhes nebulosos. No capítulo desta Dissertação Bibliografia 5-Traduções, vide comentário sobre o trabalho.

Nesse ano, no Recife, é fundada a Casa do Estudante de Pernambuco.

O censo demográfico registra em 1940, a quantia

de 348.424 habitantes na cidade do Recife. Levando-se em conta que o censo de 1920 acusava 238.843 habitantes, percebe-se claramente que a população não teve grande aumento nesses vinte anos; duas hipóteses poderiam ser colocadas: teria existido um grandioso número de óbitos, ou pouco número de nascimentos? A diferença de 109.581 habitantes em vinte anos, dá motivos para se pensar em uma dessas hipóteses!

Nesse ano de 1940 Estevão Pinto tem o prazer de ver lançada mais uma obra de fôlego de sua autoria, trata-se de "A Associação Comercial de Pernambuco", pesquisa de caráter histórico, da qual Menotti del Picchia assim analisa:

"Estevão Pinto nos dá uma obra densa de documentação e de interesse indispensável aos futuros estudos sobre a economia brasileira!"

IN: Posse (...) na Academia Pernambucana de Letras. Diário de Pernambuco, Recife, 11 nov. 1951.

Por sua vez o escritor Odilon Nestor depôs nos termos:

"A preocupação objetiva do geógrafo ou do historiador não empana a visão sentimental do ágil escritor que é o Sr. Estevão Pinto".

IN: Posse (...) na Academia Pernambucana de Letras, citado.

É Waldemar Valente quem mais se demora na análise, quando afirma:

"No trabalho do professor Estevão Pinto não sabemos quais as suas qualidades de pesquisador e estudioso dos problemas brasileiros e principalmente do Nordeste (que) realça com mais vigor; se o espírito do historiador, fiel a verdade dos fatos pela interpretação inteligente dos documentos, se o apurado

senso sociológico e a compreensão exata do fenômeno econômico!"

IN:Posse (...) na Academia Pernambucana ' de Letras, citado.

O Teatro de Amadores de Pernambuco é criado por ' Valdemar de Oliveira , dando continuidade ao trabalho do Grupo Gente Nossa ; o TAP é o grupo teatral de mais longa duração no Brasil, e seu surgimento ocorreu em 1941.

Dois anos depois, Recife inaugurava com muitas ' festas , a Ponte Duarte Coelho.

Com a entrada do Brasil na IIª Guerra Mundial, in telectuais franceses em atividade no Rio de Janeiro , realizam excursões científicas e conferências no Recife ; o grupo ' era formado por Roger Bastide , Michel Simon, Jacques Lambert, Antoine Bon e Pierre Monbeig.

Roger Bastide chega a Recife em fevereiro de 1944 sendo recebido com exibições de grupos folclóricos , dentre os quais o Maracatu. Como fosse incubido pelos Diários Associados de realizar amplo estudo sobre a cultura do Estado , visita ' alguns municípios do interior , onde faz importantes observações de caráter sociológico. São dele estas afirmações :

"Procurarei conhecer os contactos religiosos e o fetichismo , os costumes dos negros e mulatos, a vida religiosa do preto , a arte popular. Igualmente , desejo ver as igrejas e conventos religiosos cuja arte sobretudo me preocupa quando analiso o problema do barroco. (...)

Venho estudar as sobrevivências culturais ' africanas , em primeiro lugar , e depois, o barroco. Aqui permanecerei uns quinze dias , pois pretendo ver também o carnaval pernambucano e conhecer o tão falado passo".

Bastide conheceu clubes carnavalescos tradicionais , troças, maracatus e caboclinhos ; irmandades de igrejas' de pretos e examinou ex-votos em cidades do interior , principalmente em São Severino dos Ramos. Entrou em contacto com artistas da terra , dentre os quais Hélio Feijó , Ascenso Ferreira e Lula Cardoso Ayres. Pronunciou conferências na Faculdade de Medicina , no salão nobre da Faculdade de Direito, esta, a convite do Comitê da França combatente , acerca da amizade' franco-brasileira. Nessas palestras , Jarbas Pernambucano era o apresentador. (Arquivos, 1944).

No Recife , Bastide entra em contacto com Estevão Pinto e sua obra, tanto é que o apresentou a Lucian Febre e este, entusiasmado, convidou o antropólogo alagoano-pernambucano , para fazer conferências na Sorbonne em 1952.

Michel Simon chega em 11 de maio a Recife. Sua ' vinda prende-se a convite do governo do Estado , por iniciativa da Casa do Estudante de Pernambuco , para uma sêrie de conferências sobre a moderna poesia francesa.

No dia 13 de maio, Simon faz palestra no auditório da Faculdade de Direito, versando sobre a obra de Rimbaud; a 16 , disserta sobre a poesia de Verlaine e no dia 20, encerra o ciclo discorrendo sobre a poesia francesa da resistência.

Simon volta ao Brasil em 1956 para realizar pesquisas de campo sobre o Bumba-meu-boi; informações a respeito dessa pesquisa ver IN:BRANDÃO (1957) "Uma pesquisa sobre' o Bumba".

Jacques Lambert , da Universidade de Lyon, na ' época dirigindo curso de sociologia na Faculdade Nacional de Filosofia , chega a Recife no mês de julho de 1944 a convite da Secretaria do Interior , do governo do Estado, numa iniciativa da Casa do Estudante de Pernambuco, com a finalidade de realizar palestras.

Na capital realiza três conferências : no dia 20 discorre sobre o Tratado de Versalhes e as tentativas de cons...

trução da paz ; dia 22 disserta a respeito do fracasso da segurança coletiva. A última conferência foi acontecida no dia ' primeiro de agosto, versando o estudioso sobre as organizações da paz e a opinião pública.

Antoine Bon , catedrático da Universidade de Montpellier , residente no Brasil desde 1939, lecionando História da Arte na Faculdade Nacional de Filosofia, chega a Recife em novembro de 1944 a convite da Secretaria do Interior para proferir conferências. Na capital pernambucana realiza quatro : a 7 de novembro discorre sobre arte barroca ; dia 9 , discute a pintura impressionista francesa ; dia 11 , a pintura francesa no século XX , a última , a 14 de novembro disserta a respeito do tema "Do Parthenon ao arranha-céu".

O conferencista foi saudado por Pelópidas Silveira , diretor da Escola de Belas Artes.

Francisco Curt Lange , musicólogo uruguaio, diretor do Instituto Latino-Americano de Música, chega a Recife a convite da Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo, ' para pronunciar palestras no Gabinete Português de Leitura. O musicólogo aproveitou a viagem para colher material para o Boletim Latino-americano de Música , do qual era diretor.

Nesse ano de 1944 Estevão publica pela Coleção ' Brasileira a tradução de "Singularidades da França Antártica, a que outros chamam América" , de autoria de André Thevet. ' Além da tradução prefacia a obra. Em apreciação ao trabalho de tradução , diz Antonio França:

"Nome suficientemente conhecido nos meios ' educacionais e intelectuais do país para que o apresentemos , da-nos uma notável, sob todos os pontos de vista, tradução do livro de Thevet".

IN: Posse (...) na Academia Pernambucana de Letras. Diário de Pernambuco, Recife, 11 nov. 1951.

Para demonstrarmos o espírito popular dos recifenses na década de quarenta, em relação a arte moderna, um fato nos faz refletir: fora inaugurado o prédio da Secretaria da Fazenda em 1944, no saguão, o artista plástico Cícero Dias pintara um afresco que provocou tantas críticas e celeumas que as autoridades se sentiram obrigadas a "caiar" dias depois. Vencera o preconceito! Notável é imaginar a dicotomia e a tensão entre escritores e artistas avançados de um lado, e do outro, populares ridicularizados perante as novas e arrojadas propostas da arte!

Com o término da IIª Guerra Mundial em 1945, a população do Recife assiste jubilosa a chegada do grupo de caça da Força Aérea Brasileira que se encontrava na frente italiana.

O Departamento de Estatística, Propaganda e Turismo -DEPT- é transformado em Diretoria, ampliando consideravelmente a atuação do município na área da cultura. A partir de então, a Diretoria passa a se responsabilizar pelo assessoramento de vários cientistas sociais e artistas que vinham realizar apresentações ou pesquisas em Recife, tendo o concurso de intelectuais e artistas locais.

É lançado neste ano, em 28 de junho o primeiro número da Revista Nordeste, redatorizada por Aderbal Jurema.

Nesse 1945, Recife celebra o tricentenário da Batalha do Monte Tabocas.

As obras de abertura da Avenida Dantas Barreto, que possibilitaram melhor escoamento do trânsito e deram melhor feição ao centro do Recife, foram iniciadas em 1946.

Nesse ano, Hermilo Borba Filho funda o Teatro do Estudante de Pernambuco, durante uma semana de cultura. O objetivo da criação desse grupo era levar o teatro aos círculos operários e outros ambientes populares. O TEP teve atuação até 1953, quando Hermilo foi residir em São Paulo.

A Universidade do Recife , depois denominada ' Universidade Federal de Pernambuco , foi instalada nesse ' ano , em solenidade acontecida no Teatro Santa Isabel.A ' nova Universidade reunia a Escola de Belas-Artes , a Faculda de de Direito, Engenharia, Farmácia e Química.

No ano de 1947 circula a revista de cultura Nordeste , sob a inspiração e direção de Esmaragdo Marroquim.

Novo desafio aparece para Estevão em 1948 , é que neste ano passa a dirigir o Instituto de Educação de ' Pernambuco , cargo que ocupa até 1950.A frente da institui-- ção , desenvolveu obras meritórias , promovendo enérgicas ' ações e, segundo Waldemar Valente,

"reformando e renovando velhos critérios pe dagógicos.(...) Fundou e animou grêmios li terários , publicou um bem feito jornal es colar , melhorou as condições de merenda es colar , inclusive com a orientação de um dietista.Prestigiou os esportes, desenvol-- veu o gosto dos alunos pela música e pelo ' teatro, pelos temas regionais e pelos moti- vos folclóricos peculiares a Pernambuco e ao Nordeste".IN:MOTA (1972).

Nesse ano , importantes movidades surgiam em Re- cife : tendo por sede o Teatro Santa Isabel, realiza-se o ' Congresso de Cantadores , valorizando sobretudo a cantoria' de viola e a poesia popular nordestina.No Congresso , Ariano Suaassuna era o apresentador das duplas desafiantes.

A Comissão Pernambucana de Folclore é fundada , reunindo a alta intelectualidade do Recife , principalmente' aqueles estudiosos dedicados às ciências sociais.

Com Cícero Dias , o autor do painel da Secreta--

ria da Fazenda que tanta celeuma causou, reabre-se no Recife a polêmica sobre arte moderna ; o grande opositor é o jornalista Mário Melo. Ao lado disso , realiza-se o Primeiro Salão de Poesia do Recife.

Edson Nery da Fonseca inicia nesse ano a organização do Curso de Biblioteconomia na Universidade do Recife, enquanto isso instalam-se bibliotecas populares em vários bairros da cidade do Recife.

A inauguração da Discoteca Pública Municipal, da Diretoria de Documentação e Cultura , encerra as atividades culturais desse ano.

Com a publicação da "História de uma estrada-de Ferro do Nordeste" em 1949 pela valiosa "Coleção Documentos Brasileiros" da José Olympio , Estevão Pinto se afirma nacionalmente como historiador.

A crítica nacional deu a obra uma acolhida consagrada. Para uma mostra do prestígio , basta que citemos algumas opiniões de conhecidos mestres :

"Falando de livros que provocam livros, aí está o caso da História de uma estrada-de-ferro do Nordeste".

Raul Lima, escritor e historiador

IN: Homenagem do Colégio Estadual do Recife:8.

"Estudo(...) cheio de ricas sugestões e de um vasto manancial de informações. Retrata-nos a Great-Western em sua posição central na economia do Nordeste."

Diégues Júnior.

IN:GRIZ(1972:9)

"Dá o Sr. Estevão Pinto prova de uma estranha receptividade e uma ágil percepção de

historiador na forma em que reconstitui os fatos de uma plasticidade difícil de sua história , trazendo-os sempre em conexão com outros fatos altamente significativos da vida econômica e social do Nordeste e particularmente de Pernambuco".

Olívio Montenegro

IN:Posse (...)na Academia Pernambucana de Letras.Diário de Pernambuco,Recife,11 nov.1951.

"O escritor deu ao seu livro um caráter de interpretação sociológica , ao lado do melhor pitoresco , da cor local, do anedótico, valorizado pela narrativa fluente".

José Lins do Rego.

IN:Posse(...) na Academia Pernambucana de Letras.Diário de Pernambuco,Recife,11 nov.1951.

Nesse ano de 1949 realiza-se o II Congresso de Cantadores no Teatro Santa Isabel.Abre-se o Teatro do Derby' com quinhentos lugares ; concorreu para essa abertura, a ação do comandante da Polícia Militar Cel.Viriato de Medeiros.O Teatro Universitário,sob a direção de Ziembisky, encena a peça "Fim de Jornada", de autoria de Sheriff.

Por ação eficiente do então deputado federal Gilberto Freyre , é criado o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais , com sede em Recife.

Recife recebe nesse ano a visita do historiador francês Lucien Febvre ,que na capital realiza conferências.

A cidade conta em 1950 com 524.628 habitantes,se-

gundo o censo demográfico.

Funda-se nesse ano o Cine-Clube de Pernambuco que passa a funcionar uma vez por semana, no cinema do Derby, no Recife, funcionando no quartel da Polícia. O cine-club de orientação católica conta com duzentos associados, a direção cabe a Valdir Coelho.

### DÉCADA DE CINQUENTA

#### O SURGIMENTO DA FACULDADE DE FILOSOFIA

Seguindo os "passos" de Gadiel Perruci, quando traça aspectos da História da Universidade Federal de Pernambuco, percebe-se que

"Até 1946, não tínhamos ainda Universidade em Pernambuco. Era preciso 'reunir', 'organizar', 'modernizar'(...)

Os principais centros de ensino superior já existiam, alguns até com uma certa tradição de qualidade como Direito, Engenharia e Medicina que formam, conjuntamente, o tripé de sustentação da futura Universidade; as três escolas (na verdade, as 'grandes Escolas' da época oligárquica) foram criadas e eram denominadas pelo que se poderia chamar de 'projeto oligárquico' de ensino superior para acolher os melhores filhos das grandes famílias e de alguns elementos talentosos saídos da classe média emergente".

A 'redemocratização' com a queda do Estado Novo, em 1945, propiciou uma conjuntura favorável à retomada da autonomia estadual e o ensino superior se redefine, a partir de então, em termos de mudança(...) e de controle(...) formalizados em termos de uma cen--

tralização acadêmica e administrativa, reunindo as diversas escolas isoladas no que se denominou, pomposamente, de 'Universidade do Recife'.

O primeiro período histórico da história da UFPE (...) 1946-1959 é marcado, no reitorado do jurista Joaquim Amazonas, pela preocupação de centralizar, crescer e manter o Recife - e, por extensão o Nordeste - sob os mesmos padrões de ensino superior de outrora(...).

A intensa ebulição intelectual que sempre marcou o Recife e que, por falta justamente de uma Universidade, se manifestava através dos jornais, com os seus suplementos literários, e de suas 'rodas de intelectuais'(...)

(Nas faculdades) o catedrático, cercado de assistentes fiéis e sem poder de contestação, exercia um poder de verdadeiro oligarca acadêmico".PERRUCCI(1984:507-508).

Através de ato governamental de nº 45, datado de 9 de janeiro de 1950, Estevão Pinto, então diretor do Instituto de Educação de Pernambuco, foi convocado pelo governador do Estado Barbosa Lima Sobrinho, para instalar a Faculdade Estadual de Filosofia.

Essa Faculdade Estadual fora idealizada por Ageu Magalhães, transformada em Lei pelo esforço de José Domingues, fundada pelo "obreiro-mor" Sylvio Rabello, instituída oficialmente pelo Decreto-Lei nº 1390, datado de 10 de junho de 1946.

Atendendo a convocação do governante, Estevão com sua equipe, desenvolve ações e trabalhos tão rápidos

que no Diário Oficial de 11 de janeiro de 1950 ,p.1 ,estampa-  
va-se o Regimento Interno dessa faculdade.

Para que as idéias passassem para o terreno da  
práxis , Estevão solicita a concorrência de Sylvio Rabello, Se  
cretário da Educação , líderes políticos , chefes de bancadas  
nas câmaras estadual e federal, senadores , ministros, asses-  
sores do Ministério da Educação e pessoas ligadas por laços '  
de amizade ao Presidente Getúlio Vargas .O esforço foi tama--  
nho que em maio de 1950 , o governo federal autorizava o fun-  
cionamento dessa instituição de ensino ,que pela Lei Estadual  
de nº 930, datada de 6 de outubro de 1950 , passou a ser desig  
nada de Faculdade de Filosofia de Pernambuco e a funcionar em  
sede própria , a Rua Nunes Machado, nº 42, bairro da Soledade,  
centro do Recife, rua popularmente chamada de Beco da Coruja ,  
no oitão da desaparecida fábrica de guaraná Fratelli Vita '  
(VALENTE, 1984).

Convém salientar que antes de 1946 ,quando fora '  
instalada a Universidade do Recife (que em 1965 passa a ser  
denominada Universidade Federal de Pernambuco) existiam na ca  
pital pernambucana a Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE)  
fundada em 1941 e mantida pela Congregação de Santa Dorotéia '  
do Brasil Nordeste , dirigentes do Colégio São José e a Facul  
dade Manuel da Nóbrega , fundada em 1943 sob a inspiração do  
padre Antonio dos Santos Abranches , instalada provisoriamen-  
te no Colégio Nóbrega , funcionando no período noturno ; futu-  
ra matriz da Universidade Católica de Pernambuco.

O mesmo governador que o convocara, nomeia Este--  
vão Pinto diretor daquela Faculdade de Filosofia ; a indica--  
ção para o cargo foi feita por amigos e admiradores ,dentre '  
os quais Sylvio Rabello. O ato foi datado de 17 de abril de  
1950, recebendo o número 1177. Como diretor, Estevão teve que  
enfrentar inúmeras dificuldades dentre as quais a cobrança de

dívidas contraídas com os favores e serviços prestados. Deputados, senadores e secretários de Estado, exigiam cátedras e empregos para familiares e amigos.

No discurso de instalação da Faculdade de Filosofia de Pernambuco (junho de 1950), o professor Luiz Delgado, fez referências elogiosas ao governador Barbosa Lima Sobrinho e a Sylvio Rabello, do qual afirmou ser "indiscutivelmente o principal e decisivo criador desta casa". (DELGADO 1966:78). 'Sintomático é que no longo texto, não fez a menor referência' ao nome daquele que foi um dos responsáveis pela instalação da Faculdade: Estevão Pinto! Seria uma espécie de revanche do professor por ter concorrido com Estevão ao concurso da Escola Normal em 1932, e não ter obtido vitória?

Em discurso-relatório, datado de 14 de fevereiro' daquele ano, o governador Lima Sobrinho afirmou, quase em tom de amargura:

"Faculdade Estadual de Filosofia, instituição cujos benefícios a Pernambuco nem todos sabem avaliar no seu justo valor". IN: MATOS (1986:35).

A amargura ou desabafo expendida tinha razões de sobra pois a criação da Faculdade não transcorreu em um mar de rosas; diversos adversários, em maioria gratuitos, apontavam a idéia como protecionismo por parte do governante a um grupo de professores seus amigos.

Ao perceber que a idéia estava vitoriosa e aceita pela sociedade pernambucana, do alto da tribuna da Assembléia Legislativa, o deputado Augusto Novais cometeu desfeitas em altos brados, taxando a criação como "a grande farra da Faculdade de Filosofia!". Criticou o governo por não ter enviado mensagem solicitando a aprovação da Assembléia Legislativa para a criação de cargos funcionais e de carreira. Jornal do Comercio, Recife, 19 abr. 1950.

Comentando a ação dos opositores , jornalista ' anônimo da Folha da Manhã (Recife, 11 jan.1950) analisava :

"Um dos aspectos mais pitorescos do combate era o que dizia respeito aos princípios da economia e preservação do erário , preconizado por alguns deputados".

Defendendo a criação da Faculdade , Sylvio Rabello , Secretário da Educação e Cultura do Estado , dois meses ' antes , no Rio de Janeiro (Gazeta de Notícias, 14 fev.1950) ' opinava :

"Se por ventura adversários prevenidos contra toda iniciativa de seu governo ou interessados na disseminação do ensino à feição puramente comercial encontraram motivos para desvirtuar o sentido de uma realização como a da Faculdade de Filosofia e até para negar a oportunidade ou a conveniência de sua próxima instalação , melhor do que toda essa crítica mal fundada de uns e de outros -dirá o futuro".

Mas os descontentamentos continuavam , tentando' persuadir os opositores. Estevão Pinto , em matéria publicada' no Diário da Noite, do Rio de Janeiro (11 maio 1950) demonstrava as razões lógicas da necessidade dessa Faculdade , percebendo-a não como luxo , mas como algo necessário, imprescindível , para a comunidade pernambucana.

O testemunho de Waldemar Valente , demonstra as dificuldades enfrentadas e o esforço no sentido da realização:

"A criação da Faculdade de Filosofia não se fez facilmente, Foi trabalho que exigiu, ' pelos barulhos que provocou e pelas complicações que teve de enfrentar , não só co--

nhecimento de assunto ,mas traquejo político , a troca de promessas ,algumas difíceis de cumprir , aos líderes de bancadas, parlamentares, secretários de Estado e até ministros. Porque não dizer inteligência e espreiteza foram coisas que não faltaram a Estevão Pinto nas conversas com o próprio Presidente Getúlio Vargas e seus assessores mais ligados à Educação". VALENTE (1984:111).

Em discurso de paraninfo pronunciado na Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife em 1952 ,Barbosa Lima Sobrinho , analisa a problemática que envolveu a criação dessa casa de ensino:

"Posso proclamar, neste momento , como em qualquer outro, que o corpo docente da Faculdade de Filosofia de Pernambuco foi o melhor que se poderia encontrar em nosso Estado, na ocasião em que se criou a Faculdade. Não fiz injustiça a ninguém, não preteri nenhum valor incontestável ; fiz o possível para não esquecer nenhum merecimento indiscutível, Nenhum sentimento de ordem pessoal pode impedir que eu convidasse para as cátedras os nossos, mais ilustres.(...)

Não foi fácil nossa batalha.(...) Animoso era o grupo de entusiasmados :Sylvio Rabello, Nilo Pereira, Estevão Pinto, Magalhães Melo e Gilberto Osório. Não nos faltavam prestigiosos e decididos aliados, para compensação de opositores que surgiram também, não se sabe bem porque. Falava-se, é verdade, na situação financeira do Estado, situação que era tão difícil, como continua a ser.

"Havia um certo desdém pela palavra 'filosofia'. Tanta coisa prática a realizar e cogita-se de uma Faculdade de Filosofia ! - diziam os críticos, já desconfiados com o que consideravam a tendência intelectual do governante.

Coube-me nesse entrevero , resistir à censura , ao mesmo passo que ia temperando os ardores de alguns temperamentos para que ' não cresceram os obstáculos. Animava-me a convicção de que as despesas poderiam vir' a ser transferidas ao governo da união, dentro da fórmula da federalização das escolas superiores de todo o Brasil. Além do' mais, não poderia compreender Universidade do Recife(...) universidade leiga, uma Faculdade (...) de origem confessional".

Através de um novo ato governamental, datado de 19 de maio de 1950 , Estevão Pinto é nomeado professor catedrático do curso de Geografia e História, para lecionar Antropologia e Etnografia. Em dezembro daquele ano , é qualificado, no dia 7, como Professor Catedrático Padrão O. Em janeiro de 1952, foi nomeado pela segunda vez diretor da Faculdade. Na data de 18 de dezembro de 1954 , seu nome consta de uma lista tríplice para diretor da Faculdade de Filosofia, tendo sido reeleito. Sua posse ocorreu no dia 8 de março de 1955, foi festiva e teve como orador Gláucio Veiga, professor da casa.

À frente da Faculdade de Filosofia , criou e instalou o laboratório de fonética , um gabinete especializado para estudos de Geografia, outro para ciências físicas e naturais e a criação do famoso Instituto de Antropologia.

Um balanço das atividades culturais da Faculda-

de de Filosofia em 1954 , incluía como realizações de três ' anos de atividade, a publicação de vinte trabalhos de seus ' mestres , excursões a várias regiões naturais do Estado, ori- entados por seus professores , onde os alunos seguiam em ver- dadeira viagem de pesquisa ; cursos ministrados por cientis- tas de renome internacional ; biblioteca enriquecida com um grande acervo de obras de temas bastante variados.

Waldemar Valente conclui o balanço assinalando ' que "semelhante situação não teria sido conse-- guida sem o apôio do reitor Joaquim Amazo- nas.(...) A Faculdade de Filosofia, hoje, no Brasil, somente (é) comparável à sua congê- nere de São Paulo!"

Artigo publicado um ano depois (1955) nos dá ' conta que a Faculdade de Filosofia (...) já editou mais de 30 publicações de diversos professores de diferentes cursos. São edições fora do comércio, para distribuição entre o pes- soal docente e discente, em geral mimeografados, todos jun-- tos, constituem um valiosíssimo documentário.

O corpo docente é formado por mestres na verda- deira acepção do termo, professores-pesquisadores que se es- forçam não para repetir os conteúdos dos compêndios, mas ofe- recer contribuição pessoal fruto de suas investigações, no-- mes como :Gilberto Osório de Andrade , Olívio Montenegro, Este- vão Pinto, Aníbal Fernandes, Hilton Sette, Tadeu Rocha, Manoel ' Correia de Andrade, Waldemar de Oliveira, Jean Orechioni, Gláu- cio Veiga, Geraldo Lapenda, Eládio Ramos.

No ano de 1955 surgiram rumores de irregularida- des cometidas na administração da Faculdade. Estevão como di- retor consciencioso , afasta-se do cargo temporariamente para que fosse procedido inquérito , para apurar tais irregularida- des. A comissão composta pelos professores Newton Maia, Ferrei

ra dos Santos e Nelson da Costa Carvalho, chegou a conclusão que "nada se tem apurado que justificasse as acusações feitas à administração". Ato contínuo é a reintegração de seu diretor ao cargo, que recebe votos de congratulações da Assembléia Legislativa de Pernambuco através de requerimento do deputado Júlio de Melo, aprovação unânime dos parlamentares.

As irregularidades apontadas contra a administração de Estevão Pinto, possivelmente refletiam o pensamento daqueles que, como Augusto Novais, cinco anos antes, do alto da tribuna da Assembléia Legislativa bradava, apontando "a grande farra da Faculdade de Filosofia!" querendo indicar que a criação da casa de ensino seria um "cabide de empregos" para amigos e familiares.

A memória de quem viveu aquele tempo, aponta que só integraria o corpo docente da Faculdade quem fosse do partido do governo Barbosa Lima Sobrinho -PSD- aqueles que fossem da UDN, estavam fora do processo; udenistas não entravam, René Ribeiro, é exemplo disso; a prática é tão séria que provocava desavenças, desentendimentos, brigas, como aqueles despeites entre Waldemar Valente e René Ribeiro, tudo isso interferia no processo de escolha e obtenção de cargos.

O fato de Estevão Pinto ter indicado Waldemar Valente para o substituir na Faculdade, e o fato de ser apontado Estevão como elemento centralizador de poder, é bastante sintomático e nos faz refletir sobre o que diz Fernando de Azevedo a respeito de patrulhas ideológicas:

"Quando a política monta guarda à sociologia e mantém nos seus domínios sentinela à vista, ou quando nela faz seu ninho um nacionalismo exacerbado, deixa a sociologia de ser ciência para se transformar num instrumento a serviço do poder ou de interesses de classes, mascarados sob o nome de nação". AZEVEDO(1955:394).

Em 1956 Estevão Pinto renuncia voluntariamente ao cargo de Diretor da Faculdade , através de ofício datado de 26 de junho. Passa a ser diretor o prof. Francisco Apolônio , mais conhecido como Monsenhor Salles. A partir de 1958 é novamente nomeado Diretor , em março , apresenta sua Declaração de Bens , que consta de : casa própria , situada a Rua Guimarães Peixoto , nº 163 , Casa Amarela, Recife , antigo Beco da Facada ; biblioteca especializada , móveis de jacarandá, objetos de arte e jóias de família.

Por informação de sua filha Heloísa , sabemos que Estevão gostava de decoração com móveis e santos antigos, de estilo. Em sua aprazível residência , estimava oferecer almoços e jantares aos amigos , bem como , por ocasião dos festejos juninos, apreciava organizar festas , mas não bebia, senão em raríssimas vezes. Gostava mesmo era de fumar cachimbo.

Na qualidade de decano dos professores de Antropologia e Etnografia, forma uma equipe de professores-pesquisadores que se dedicam ao ensino e às pesquisas daquelas disciplinas e o professor José de Ligório Hésketh Lavareda passa a ser seu assistente , mas com interesses e tendências bem diversas das do mestre , o que constituía qualidade salutar : era a interdisciplinaridade que funcionava a contento, como a assinalada na Universidade de São Paulo por Schaden (1984:254)

Analisando as qualidades do Estevão professor, Waldemar Valente assevera :

era "um mestre que se mostrava em dia com as técnicas áudio-visuais e em cujas aulas havia todo um eficiente equipamento pedagógico, ilustrando as curtas introduções verbais, completando-as , e dando-lhes poderosa força de convencimento , inclusive com o uso de slides , filmes e gravações". IN: MOTA (1972).

Como administrador da Faculdade de Filosofia ,

além de ter criado, desenvolvido e implementado serviços e obras materiais, soube trazer para a escola cientistas brasileiros e estrangeiros, para que , através de palestras , sempre seguida de debates, pudessem elevar o nível teórico da comunidade. Gurvitch, Juan Comas e Herkovits , são alguns dos nomes que podem ser apontados.

Evocando a época de sua administração governamental, Barbosa Lima Sobrinho recorda o grupo de estudiosos que o cercava : era a mesma equipe que o ajudara a fundar a Faculdade de Filosofia. Em suas palavras:

"Os intelectuais (...) começaram a ver em mim não um governador de Estado, mas tão somente o companheiro que chegava , com a preocupação de servi-los naquilo que estivesse ao alcance de sua autoridade. (...)

Havíamos formado um grupo , de que todos (...) participavam, em torno de meus secretários de governo, Nilo Pereira, Sylvio Rabello, e no qual já estavam presentes Olívio Montenegro, Estevão Pinto, Andrade Lima e muitos outros, que estão mais presentes na minha saudade do que na minha memória".  
IN: PEREIRA (1987:13-14).

..

No ano de 1950 os estudiosos brasileiros, dedicados às ciências sociais foram agraciados com a tradução da obra "A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupis", de autoria do estudioso francês Alfred Métraux , feita por Estevão Pinto.

A obra publicada pela Coleção Brasiliana não foi uma simples tradução, constituiu um sério trabalho de revisão, feito através do diálogo à distância com o autor

que , ficou tão recompensado pelo trabalho que chegou a afirmar que a tradução brasileira era muito melhor que o estudo original. Estudo sobre a tradução, ver nesta Dissertação (Bibliografia 5-Traduições).

Em dezembro desse ano, Estevão é o paraninfo da turma das professorandas do Instituto de Educação de Pernambuco ; a colação de grau acontece no Teatro Santa Isabel, do Recife.

Por ocasião do centenário de nascimento do historiador pernambucano Francisco Augusto Pereira da Costa em 1951, sob a égide do governo Agamenon Magalhães, publicam-se os "Anais Pernambucanos" importante repositório dos fastos da História de Pernambuco e do Nordeste.

Nesse ano, a 27 de setembro, instala-se a Universidade Católica de Pernambuco.

Pela importância do conjunto de sua obra, Estevão Pinto foi eleito membro da Academia Pernambucana de Letras, tomando posse no dia 14 de novembro de 1951. Naquele sítio ocupa a Cadeira nº 29 , cujo patrono é o Pe. Antonio Gomes Pacheco e o antecessor Mário Sette. Em meio a um ambiente solene e festivo, o novo imortal foi saudado pelo acadêmico Nilo Pereira. Com seu falecimento, a Cadeira foi ocupada pelo escritor Jayme Griz , que tomou posse em 1971; dez anos depois falecia Griz, sendo a vaga preenchida pela escritora Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, atual ocupante.

As primeiras palavras contidas no discurso de posse são uma espécie de reprimenda aos estatutos da casa :

"São terríveis os estatutos da Academia, pois ameaçam tornar sem efeito as eleições dos sócios, que não tomarem posse dentro de determinado prazo. E, assim, receoso dos resultados, apressei os passos. Ou melhor, corri. Quero, porém, servir-me do ensejo para

anunciar , desde já , que constitui um dos pontos do meu programa , nesta casa, promover a anulação de tão exdrúxulo dispositivo. A imortalidade não é uma gravata , que a pessoa muda ou troca de acordo com o gosto ou conveniência. A imortalidade é ou não é. Teria graça um simples artiguinho de regulamento tivesse a força mágica de por ' abaixo disposições olímpicas".

No início do ano de 1952 , os jornais pernambucanos abrem espaços para anunciar que Estevão fora convidado ' para pronunciar conferência na École Pratique des Hautes Etudes, Section Sciences Economique et Sociales , da Sorbonne , Paris.

O convite , possivelmente motivado pelas traduções, por Estevão , da obra de Thevet , em 1944 e de Métraux, em 1950 , foi feito pelo cientista social e historiador Lucien' Febvre , então Presidente da VI Section daquela Universidade. A indicação do nome de Estevão partiu , segundo carta-convidate de Febvre a Estevão , do sociólogo francês , então residente no Brasil Roger Bastide. A respeito da obra de Febvre ' CF.MOTA(1978).

A notícia a respeito da conferência na Sorbonne ' teve repercussão tanto em Recife , quanto em Alagoas. Jornalista anônimo da Folha da Manhã , do Recife , estampa matéria elogiosa e defensiva , que foi transcrita pelo Jornal de Alagoas, de Maceió , na data de 25 de janeiro. Alguns trechos' do comentário , de título "Um honroso convite" , nos permite avaliar a repercussão desse chamado , bem como entender certos pruridos reinantes nos meios culturais pernambucanos.

'Ninguém desconhece a atividade cultural do professor Estevão Pinto e mesmo aqueles que

o combatem, não o fazem por negar seus méritos, mas exatamente porque o proclamam. Também devemos considerar o convite feito ao escritor e educador como uma vitória da província.(...)

Quando o governo fundou a Faculdade de Filosofia do Recife, não faltou quem dissesse que estava nomeando professores por favoritismo; em um dos atingidos por essa crítica era o professor Estevão Pinto. Pois aí está a melhor resposta a essa invenção. Um antropologista que é convidado para realizar conferência na Sorbonne tem, sem nenhum favor, uma obra respeitável, de que há muito transpôs fronteiras do Nordeste e já agora do país. Nosso mal é combater os valores que temos com campanhas pessoais, carregada aqui e ali de inveja. O que devemos é exaltá-los, pois, quando o não fazemos, os de fora o fazem; e com toda essa consagração, de certo chocante para os invejosos e despeitados.

Para a Universidade do Recife é uma honra que um dos diretores das Faculdades que a integram, seja chamado à Sorbonne para a missão cultural dessa natureza. Isso mostra que somos, de fato, uma Universidade e que a Faculdade de Filosofia oficial não é uma instituição arranjada para proteger privilegiados".

Na Sorbonne o mestre realiza duas palestras bastante concorridas no mês de abril; nessas conferências subordinadas ao tema: "Evolution et état actuel des études anthropo-

logiques au Brésil" estiveram presente, além de Febvre, Charles Mozaré e Fernand Braudel, com quem Estevão conviveu em Paris durante quase um mês.

Nessa primeira viagem a Europa, seguida de outras, foi desacompanhado, pois a esposa, por questões de nervosismos, não gostava de viagens, especialmente aquelas realizadas ao exterior. Aproveitando a ida a Paris, visitou Genebra, Zurich, Roma, Florença, Nápoles, Veneza, Madrid, Lisboa e Coimbra.

Na volta ao Brasil, passando em Lisboa, concede entrevista a um dos jornais, afirmando que está empenhado em fazer uma expedição de pesquisa a região habitada pelos Pancararus.

No dia 23 de maio desse ano, profere conferência no salão nobre do Instituto de Educação de Pernambuco sob o tema "Imagens da Europa". A palestra foi presidida pelo prof. Dácio Rabello. Nesse mesmo mês, os professores da Faculdade de Filosofia oferecem um almoço de recepção ao professor recém vindo da Sorbonne. A solenidade aconteceu no Clube Internacional do Recife e a saudação em nome dos professores foi feita pelo professor e historiador Amaro Quintas. A saudação foi publicada sob título "Um antropologista brasileiro". QUINTAS(1952).

A 25 de agosto profere conferência na Faculdade de Direito do Recife subordinada ao tema "A antropologia do Brasil", versão da conferência pronunciada na Sorbonne; o conferencista foi saudado pelo acadêmico Vamireh Chacon.

Em outubro desse ano, estando no Rio de Janeiro, é convidado pelo Ministro da Educação e Cultura para proferir palestras de sua especialidade no auditório do MEC, no entanto adia as conferências para voltar ao Recife e participar da campanha eleitoral próxima e trabalhar apoiando o senador Etelvino Lins, pois entende que o parlamentar teve gran

de senso administrativo , especialmente no setor educacional. O senador, nesse pleito, foi eleito governador em embate bastante concorrido. A notícia sobre o convite do ministro é estampada no Jornal do Commercio, Recife, 16 out. 1952.

Nesse ano Estevão Pinto publica em Paris a obra ' "As máscaras-de-dança dos Pancararus , no Journal de la société des americanistes.

Também nesse ano a cidade do Recife celebra o centenário da Biblioteca Pública Estadual que conta com um acervo de 80.000 volumes.

Outro acontecimento cultural marcante nesse ano ' de 1952 foi a publicação da obra poética "Elegias" de Mauro ' Mota, premiada pela Academia Brasileira de Letras.

Foi também em 1952 que Estevão foi admitido ' como sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas; a admissão foi proposta do etnólogo Abelardo Duarte e do folclorista Théo Brandão. A proposição foi emitida no dia 31 de dezembro.

Chega ao Recife em 1953 o Pe. Lebret (Louis Joseph), do grupo francês de Economia e Humanismo , para realizar estudos sobre o desenvolvimento regional.

Pe. Lebret foi convidado por Souza Barros, Secretário Geral da CONDEPE. No mês de chegada, são iniciadas as ' pesquisas sócio-econômicas para o trabalho do intelectual ' francês.

Estevão Pinto segue nesse ano a aldeia Fulniô, em Águas Belas (PE.) com o objetivo de realizar pesquisas ; segue , no mês de setembro, com um grupo de alunos e professores , dentre os quais Manuel Correia de Andrade, Waldemar Valente, Tadeu Rocha e Gilberto Osório de Andrade.

Em novembro, participa do Congresso de Antropologia, no Rio de Janeiro, apresentando comunicação de sua especialidade.

Publica nesse ano , no Boletim da Sociedade de

Geografia de Lisboa o estudo "As máscaras de dança dos Panca-raru".

Recebe convite especial do prof. Herbert Baldus para participar, proferindo palestra no XXXI Congresso de Americanistas, em São Paulo, que acontece de 23 a 28 de setembro de 1954. O tema de sua palestra foi "Aculturação dos índios fulniô de Águas Belas".

Nesse Congresso entra em contacto com José Imbelloni, diretor do Museu Etnográfico de Buenos Aires e professor da Universidade da Argentina; Roger Bastide; Fernando Ortiz; Melville Herskovitz; Karstein, antropólogo finlandês, uma das maiores autoridades em etnologia sul-americana; Herbert Baldus, Presidente do Congresso, Diretor do Museu Paulista.

O antropólogo Waldemar Valente também compareceu, apresentando estudo sobre "Marcas muçulmanas nos xangôs de Pernambuco". Compareceu ainda o mestre René Ribeiro, antropólogo pernambucano, que apresenta a pesquisa "Novos aspectos do processo de reinterpretação nos cultos afro-brasileiros do Recife".

Uma das resoluções tomadas no Congresso, foi a recomendação de ser incentivado com intensidade os estudos afro-brasileiros.

Na volta daquele Congresso, Estevão realiza a 29 de setembro conferência na Faculdade de Filosofia do Recife, subordinada ao tema "Fulniô, uma cultura em mudança".

Em 1955, uma mostra de artes plásticas modernistas de Cícero Dias, na Faculdade de Direito, gera repulsas e polêmicas nos círculos mais conservadores.

Incentivado por Estevão, diretor da Faculdade e titular da cadeira de Antropologia, o professor e antropólogo Waldemar Valente requereu sua inclusão como professor de língua tupi, naquela faculdade; a congregação aceitou a proposta e submeteu a pretensão ao reitor, no entanto, segundo o Prof.

Dr. Roberto Motta, a disciplina "Língua Tupí" não foi criada, causando deste modo, constrangimentos no proponente e também naquele que sugeriu a idéia.

A respeito da disciplina Língua Tupí, informa ' Luiz de Castro Faria:

"Em setembro de 1954 ,surgiu uma lei(nº 2311, de 3 de setembro) que criava uma cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupí,que passaria a integrar o currículo desses cursos . Ainda em 1956, a Diretoria do Ensino Superior do MEC , não tinha posição firmada sobre' a maneira de fazer cumprir essa lei.(...) ' Essa Lei foi totalmente ignorada e em nada ' foi alterada a prática do ensino de Antropologia".FARIA (1984:240).

No ano de 1956 sai editada pela Coleção Brasília na Os fulniô - os últimos tapuias ,é a obra antropológica máxima de Estevão Pinto.Na pesquisa , enquadra os fulniô na ' grande família linguística dos Macro-gê (da classificação de Mason).

Importantes comentários foram feitos a respeito' da obra, dentre eles, o de Carlos Estevão de Oliveira,quando frisa :

"No momento não sei de outro estudo que possa ter,para a etnografia brasileira,maior ' interesse".PINTO(1956:1)

"Un ouvrage bien remarquable er que j'ai lu avec joie".

Roger Bastide IN:GRIZ(1972:10)

"It looks like a very useful raportand we ' are glad to have it in our library."

Betty Meggers.IN:Homenagem do Colégio Estadual do Recife:10.

Ao retornar da Northwestern University (USA) ' Evanston -Illinois , com o título de Master of Arts, conseguido com a tese "The Afrobrasilian cult-groups of Recife, a study in social adjustment", defendida em 1949, René Ribeiro assume em 1950 , o cargo de chefe do Departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e, só em 1957 ' torna-se professor titular da disciplina Etnografia do Brasil, do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, atual UFPE.

Nesse ano de 1957, cria-se no Recife um Curso de Arte Dramática, tendo como corpo docente Paulo Freyre, Aloí--sio Magalhães, Ariano Suassuna, Joel Pontes e Anita Paes Barreto. Por sua vez, o Teatro Adolescente lança a peça "O Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna, no Festival Nacional de Teatro Amador.

Em 1958 tem início o Curso de Teatro na Escola ' de Belas Artes. Hermilo Borba Filho volta a Recife e ensina ' nesse curso, participa do Teatro de Arena e funda o Teatro Po

ular do Nordeste, renovando a dramaturgia no Recife.

Na capital pernambucana, realiza-se o I Festival Nacional de Teatro de Estudantes.

Por ocasião da III Reunião Brasileira de Antropologia , no Recife, de 10 a 13 de fevereiro de 1958, Estevão ' Pinto não se fez presente. Nos Anais do Encontro e principalmente no Relatório Geral apresentado pelo sociólogo Manuel ' Diéguas Júnior, seu nome não aparece mencionado.

Nesse ano publica Estevão em revista do Instituto Indigenista Interamericano, do México, o estudo "Introdução à história da Antropologia indígena no Brasil (século XVI)!"

Edita pela Coleção Brasileira "Muxarabis & Balcões e outros ensaios", que como a "Etnologia Brasileira", foram publicados por incentivo do educador Anísio Teixeira. Comentários importantes sobre a obra foram feitos :

"Em todos esses ensaios, em extremos complexos, não raro tem de se haver o autor com falta de documentação, dúvidas sobre o que existe e controvérsias de autoridades. Sempre intervindo no entanto o professor Estevão Pinto com segurança e felicidade para esclarecer a matéria"(...). Um livro atraentíssimo".

J.F. de Almeida Prado. PRADO(1959)

"Escritor dos mais férteis - a sua produção literária é das maiores da Província-(...). (Com) Etnologia Brasileira(...) não sabemos o que mais admirar, se o investigador integrado nos modernos métodos etnológicos, se o arguto analista do material colhido. Agora surge com uma nova obra Muxarabis & Balcões (...) nova obra que não somente o destaca no nosso meio universitário, como notável mestre e intelectual, mas também acentua o quanto, em Pernambuco, se têm projetado os estudos etnológicos e antropológicos".

Amaro Quintas. Historiador. IN: Homenagem do Colégio Estadual do Recife.

"Em jornais temos lido trabalhos que por seu conteúdo e pelo estilo seriam partes de obras-primas e muitos desses artigos passam mesmo a constituir depois de capítulos de livros (...). (Isto) vem a propósito do mais recente livro (...) Muxarabis & Balcões(...) Trabalho a que o veículo de divulgação não veio abastardar a informação, nem conspurcar a forma literária. Não fosse o seu autor um mestre, não somente na sua ciência,

mas sobretudo do estilo".

Laurênio Lima (LIMA (1965)

No ano de 1959 o governo Juscelino Kubstschek cria a SUDENE, com sede no Recife, dando perspectivas de melhoria para a economia do Nordeste. Acontece, em virtude dessa criação, em Garanhuns (PE.) um seminário sobre Desenvolvimento do Nordeste.

Sentindo-se doente Estevão Pinto pede licença para tratamento de saúde; do diagnóstico feito resulta:

"esclerose, que ao progredir, lhe tira grandemente a visão. Os últimos diagnósticos, da década de sessenta são definitivos: acuidade no olho direito zero, no esquerdo 1/3"

LACERDA (1990:3)

Em 1960 tem início o funcionamento de duas emissoras de televisão em Recife: a TV Jornal do Comércio, Canal 2 e a TV Rádio Clube de Pernambuco, com geração de programas locais: tele-teatro e festivais de música, ao vivo.

Alfredo de Oliveira cria o Teatro de Arena, com proposta de profissionalização dos atores, tendo em vista os cursos de teatro e os tele-teatros das TVs locais.

No dia 8 de outubro de 1961 Estevão é nomeado membro do Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. Nesse ano, passa a colaborar com resenhas no Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Seu primeiro trabalho é uma análise de "O Candomblé da Bahia-rito nagô", de autoria de Roger Bastide.

Em 1962 passa a lecionar no Colégio Estadual do Recife, que foi um desdobramento da Escola Normal, permanecendo no cargo até o ano de 1965.

## O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

Nesse ano de 1961, instala o Instituto de Antropologia, na Faculdade de Filosofia, organismo por ele idealizado, organizado e montado.

Preocupado com a problemática que envolve o estudo, o ensino e a aprendizagem eficiente da Antropologia em nível universitário, Estevão, em entrevista ao Jornal do Comércio, do Recife, em 10 de dezembro de 1961, assim se expressa:

"Dar aulas (...) é apenas uma das funções do professor universitário, mas não é a mais importante. A essência do regime inglês por exemplo, é o "tutorial system", no qual o estudante empreende investigações e estudos sob a orientação dos mestres - estes fazendo o mesmo, pois o professor universitário difere do aluno em ser apenas um estudante mais experiente e mais adiantado.

O excessivo teoricismo com o qual são transmitidas as respectivas matérias ou ciências' (...) (provoca) o desinteresse, por parte dos' alunos, em relação a algumas delas.

Temos que confessar, com melancolia, que as nossas universidades, com raras exceções, não participam da vida da nação. As Universidades' brasileiras, inclusive as do Recife, não estão preparadas para formar técnicos e pesquisadores necessários aos serviços públicos ou privados, destinados ao desenvolvimento econômico, científico e cultural do país".

Tentando reverter esse quadro a nível de Nordeste, entendeu o estudioso que a melhoria para a situação seria a

criação de um Instituto de Antropologia Física e Antropologia Sócio-Cultural, congregando professores e alunos para que juntos estudassem e aprendessem com eficiência.

Perseguindo o objetivo, passa todo o segundo semestre de 1961 elaborando o projeto, que ao estar pronto ficou consubstanciado em 100 páginas datilografadas. Com o projeto pronto, vinculando o Instituto a disciplina Antropologia, da Faculdade de Filosofia, segue para Brasília com o interesse de entregar ao Ministro da Educação Oliveira Brito e ao diretor do Ensino Superior Durmeval Trigueiros.

Dada a seriedade dos objetivos, o projeto alcançou grandes repercussões nos círculos culturais da educação e da cultura do país, disso comenta o antropólogo:

"Não esperava que o trabalho de um professor provinciano que vive no seu canto humilde e seu pobre borralho -tivesse tão alta repercussão a ponto de considerar-se o projeto verdadeiramente revolucionário em matéria educacional. Serei eu, na verdade, um revolucionário sem o saber, como era prosador, também sem o saber, aquele célebre personagem de Molière? De qualquer maneira, o fato é para mim confortador. E a isso, se ainda estivesse no mundo dos vivos -o meu amigo Aníbal Fernandes chamaria de salário moral".

No entanto, embora tivesse tentado, Estevão não foi convidado pelo reitor João Alfredo, de sua Universidade, para discutir seus planos, o que causou para si grande má-gua; disso, enfatiza:

"O Estado, por sua engrenagem burocrática, age com os pés de elefante - a frase é do escritor Olívio Montenegro -esmagando ini--

ciativas muitas v<sup>e</sup>zes importantes".

Apesar das agruras , o Instituto foi instalado e inaugurado na Faculdade de Filosofia ,no dia 10 de maio de 1962.Ao ato de inauguração compareceram : prof.José Lourenço, diretor interino da Faculdade de Filosofia,cônsules da ' França, da Alemanha e da Noruega, além de professores catedráticos de diversas escolas superiores.

Foram oradores o prof.Estevão Pinto, idealizador da obra, e o Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade' Oserias Gouveia.

Percebendo a seriedade da nóvel instituição,Ri--cardo Cavalcante, professor assistente de Antropologia, dirige carta ao prof.Palhares Moreira Reis, do Instituto de Ciências Políticas e Sociais, fazendo opção consciente pelo novo Instituto.

Poucos dias depois da inauguração, o Instituto ' iniciava pesquisas sobre estereótipos nacionais e sociais , através da aplicação de questionários entre alunos do Recife. Para que a instituição tivesse caráter jurídico, foi elaborado o Estatuto e publicado no Diário Oficial de 24 de julho ' de 1962.

Em março de 1963 Estevão profere palestra subordinada ao tema "Antropologia Moderna" , no Instituto de Antropologia, atual Museu Câmara Cascudo, da Universidade Rural ' do Nordeste, em Natal (RGN).Nesse Estado leciona também a ' disciplina "Índios do Nordeste" no Primeiro Curso de Pesquisas em Antropologia" , na Universidade do Rio Grande do Norte.

No ano de 1964, dia 21 de fevereiro, ingressa ' como funcionário do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas ' Sociais, atual Fundação Joaquim Nabuco.O convite para ocupar o cargo foi feito pelo poeta e escritor Mauro Mota, então diretor da instituição.O novo funcionário ocupa inicialmente o cargo de Coordenador do grupo de pesquisas em antropologia .

Foi em seguida nomeado Diretor do Departamento de Antropologia, cargo que ocupou até o ano de 1968, quando faleceu.

Sentindo-se adoentado, faz consultas com médicos do Recife, o exame médico realizado no dia 30 de março constata que é portador de estado progressivo de esclerose, apresentando manifestações generalizadas, afetando particularmente o globo ocular.

No dia seguinte acontece a denominada Revolução' de 31 de março de 1964, vários intelectuais pernambucanos foram cassados ou se exilaram, procurando espaço para desenvolver suas atividades.

Dom Hélder Câmara assume a Arquidiocese de Olinda e Recife, renunciando em 1984, ao completar a idade limite estabelecida pela Igreja.

Designado por ato de nº 2252, de 30 de abril, do governo do Estado de Pernambuco, passa a ocupar o cargo de membro no Conselho Estadual de Educação. Seu mandato foi renovado em 1968; portanto, faleceu no exercício de conselheiro, sendo substituído pela professora Maria Graziela Peregrino.

Profere, a 9 de julho, a conferência no Instituto Joaquim Nabuco, para alunos da Escola Superior de Guerra sob o título "Cultura e Educação". Trata-se de "um esquema da cultura brasileira e uma análise do pluralismo cultural do Brasil".

Elabora para o Departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco, questionários sobre estereótipos raciais e nacionais para ser aplicado entre universitários de Pernambuco. Os inquéritos dessa pesquisa foram aplicados com 900 alunos do Recife. (Boletim do IJNPS, Vol. 15, 1966:257)

Sendo Professor Titular, símbolo M-401-6, registrado sob matrícula nº 881.501 recebe aposentadoria compulsória a partir de 17 de fevereiro de 1965, através de decreto assinado pelo Presidente da República Castelo Branco, sendo

Ministro da Educação e Cultura Flávio Suplicy de Lacerda, o ato consta do Diário Oficial da União, do dia 26 de outubro.

A seis de maio, recebe o título de Professor Emérito do Colégio Estadual de Pernambuco. À solenidade compareceram os professores dessa casa de ensino e o governador do Estado Paulo Guerra.

O diploma foi confeccionado pela pintora Ladjane' Bandeira, a mesma artista que desenhara gráficos para sua obra Etnologia Brasileira, fulniô, os últimos tapuias (PINTO 1956:4). A saudação ao professor foi feita pelo escritor Mauro Mota.

Juntamente com os escritores Mauro Mota e Waldemar de Oliveira, Estevão Pinto faz parte da comissão julgadora do Prêmio Deca, versão 1965, do Departamento de Extensão Cultural e Artístico, da Secretaria da Educação e Cultura de Pernambuco.

Estevão foi o relator do parecer que aprovou por unanimidade a obra o "Padre Carapuceiro, crítico de costumes na primeira metade do século ~~XK~~", de autoria do antropólogo Waldemar Valente. O parecer aparece IN:VALENTE (1969:XXV-XXVI)

A grande enchente que assola o Recife no inverno de 1975, atinge drasticamente grande número de documentos e livros de acervos públicos e particulares de grande interesse para a cultura brasileira.

O acervo de Estevão Pinto, incluindo biblioteca e documentos manuscritos inéditos que fora doado ao Instituto Joaquim Nabuco, perdeu-se nessa catástrofe.

No dia 6 de abril desse ano, pronuncia conferência no Instituto Joaquim Nabuco sob o tema "O papel das forças armadas na formação histórica do Brasil".

O governo Nilo Coelho, através da Secretaria da Educação e Cultura, tendo por titular Roberto Magalhães, incentiva, a partir de 1967 a consolidação de Nova Jerusalém,

teatro ao ar livre ,que representa a Paixão de Cristo, por ' ocasião da Semana Santa.

Em setembro desse ano, é criado o Conselho Estadual de Cultura, sendo primeiros conselheiros:Gilberto Freyre,Luis Delgado,Nilo Pereira, Mauro Mota,José Antonio Gonçalves de Mello,Ariano Suassuna,Cussy de Almeida e Paulo Fernando Craveiro.

Bem próximo de ser acometido da doença que o vitimou, Estevão telefona para o escritor Orlando Parahym com a finalidade de discutir a respeito das moléstias mais comuns nos indígenas brasileiros da época da descoberta do Bra--sil; concluía, informa Parahym , que a doença mais comum era a malária.

Contando setenta e três anos de idade, falece ' em uma sexta-feira, dia 11 de outubro de 1968, às 13 horas , na Casa de Saúde Georgina Carvalho, onde se encontrava interno há vários dias.No hospital, ansiava por terminar uma de suas pesquisas , para isso pediu que lhe levassem uma pran--cha de madeira , para que pudesse se apoiar e escrever no ' leito.

Para Waldemar Valente,

"Quem acompanhou de perto a evolução da do--ença(...) sabe o quanto reagiu, o quanto lutou,com sua imensa vontade de vencer,com um esforço e uma resistência que bem demonstravam o espírito forte e combativo que, em momento algum amofinou-se , fazendo-o sem es--peranças.(...)

Não era difícil descobrir em Estevão, a ' proporção que a moléstia progredia,sorrateiramente,insidiosamente, vencendo todas as esperanças da Medicina e da Terapêutica, a tenaz preocupação em não parecer inválido.

Mal podendo aprumar-se de pé, fazia ques--

tão de vir todos os dias ao Joaquim Nabuco, enfrentando enormes dificuldades para subir e descer do carro, caminhando devagar, quase sem poder tirar o pé do chão, conversando com um e com outro, remanchoando, como se tudo fosse normal. Na verdade, procurava esconder a sua invalidez física, apenas física, porque a mente, a inteligência, conservou-se válida, íntegra, lúcida até o fim.

Mesmo em cadeira de rodas ou prostrado no leito durante vários meses, mesmo assim não perdeu o gosto de viver e a esperança de ficar bom para reiniciar os trabalhos no Joaquim Nabuco.

Na cama, sem poder mais se levantar, escrevia com o auxílio de uma tábua sobre o peito, escrevia com letras trêmulas e quase indecifrável, tentando terminar dois relatórios de pesquisa : o de Estereótipos e o que discutia as questões de pesquisa, antropologia e trópico". VALENTE (1969).

Dias antes de se internar no hospital de onde não sairia vivo, pediu a Waldemar Valente sugestões de um trabalho, que pudesse fazer no leito. Valente sugeriu uma refundição de Muxarabis & Balcões ; ao ouvir isso, de triste e desanimado que estava, tomou ares de felicidade, reanimando-se. Afirmou que, trabalharia sério no hospital, para tanto levaria livros e notas necessárias e, em três semanas ficaria pronto o trabalho, "garanto que vai ficar um trabalho bom", afirmou exultante.

Tristemente arremata Valente :

"Se tivesse vivido as três semanas, o trabalho estaria realmente pronto !"

Estevão faleceu vítima de Caquexia Neoplásica (Câncer na próstata). O atestado de óbito foi assinado pelo Dr. Milton Cunha Filho.

O corpo ficou em câmara ardente no Instituto Joaquim Nabuco, de onde saiu o féretro. Seu enterramento aconteceu às 17 horas no Cemitério de Santo Amaro, tendo acompanhado da esposa e das filhas e de diversos escritores, amigos e admiradores, entre os quais :Gilberto Freyre, sociólogo e antropólogo ; Mauro Mota, escritor e jornalista; Luiz Delgado, escritor ;Amaro Quintas, historiador; Nelson Saldanha, sociólogo; José Brasileiro Vilanova, professor; Lourival Vilanova ; Renato Carneiro Campos, sociólogo; Waldemar Valente, antropólogo.

Além dos intelectuais da terra, compareceram inúmeros de seus ex-alunos.

A comissão organizadora do 2º ano pedagógico da Escola Normal encarregada da Festa da Primavera que seria realizada no dia 13, transferiu o evento para o dia 20, no anexo do grupo João Barbalho.

Várias missas de 7º dia foram celebradas no dia 17 : na Matriz da Piedade e na Basílica de Nossa Senhora do Carmo; nesta, diversas missas foram rezadas, sob os auspícios do Instituto de Educação, do Colégio Estadual do Recife ,do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e do Conselho Estadual de Educação .

A morte do mestre não foi, infelizmente noticiada pelos jornais de sua terra natal ; em O Semeador , no "Correio de Maceió", no Jornal de Alagoas e na Gazeta de Alagoas , há um silêncio lamentável em torno do seu passamento e, no próprio Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, onde era sócio-correspondente, nada foi escrito IN Memoriam em páginas de sua revista.

Esse silêncio conivente , merece uma análise bastante aprofundada, principalmente no que concerne ao fato da

maioria dos alagoanos não perdoar a saída de seus filhos da terra natal. Aqueles que emigram em busca de melhoria material ou intelectual, são ideologicamente esquecidos. É o que ocorreu com o nosso antropólogo !

Do tema do desprezo por aqueles alagoanos que partem buscando melhorias de vida, tratamos em "Alagoas, a cultura que surgiu das águas"(ROCHA,1991:153).

A respeito da morte do antropólogo, Gilberto Freyre fez comunicação ao Conselho Federal de Cultura, nos termos:

"Comunico a este ilustre Conselho ter falecido há poucas semanas no Recife um estudioso de assuntos brasileiros, um mestre de História e de Sociologia (...) um pesquisador científico especializado em História social e em Antropologia cultural e linguística, com valiosos serviços a cultura nacional : o Professor Estevão Pinto.(...)

Ninguém -nenhum recifense nato (é) mais recifense do que ele.(...)

Estevão Pinto perdeu no Recife certos penhores para a literatura retórica que, segundo ele próprio, trouxera de Alagoas ; substituiu-os, sob a influência da constante intelectual do Recife, pelo gosto por estudos analíticos, críticos e até científicos, primeiro no campo da História social, depois no da Antropologia Social e Cultural e da Sociologia, tendo sido, nesses estudos, embora um tanto mais velho do que eu, meu companheiro e dizendo-se neles influenciado por orientações que afirmava ter encontrado em livros meus e em livros revelados pelos meus".FREYRE(1968:35-36).

A Revista Brasileira de Folclore, periódico da ' Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do MEC, estampou, no número 24 de maio/agosto de 1969:171, o necrológio do estudioso, fazendo registrar como é de praxe, algumas de suas obras.

Por iniciativa do geógrafo e escritor Mauro Mota, Diretor do Instituto Joaquim Nabuco, foi aposto, no dia 22 de maio de 1969 o retrato de Estevão Pinto na galeria de honra daquela instituição. A cerimônia foi presidida pelo sociólogo Gilberto Freyre e, na ocasião foi proferida pelo antropólogo Waldemar Valente, palestra sobre vida e obra do mestre falecido. Durante todo o mês de junho daquele ano, também por iniciativa de Mauro Mota, foi realizada no Museu de Antropologia do Instituto, uma exposição com as obras e pertences de Estevão Pinto. (Boletim do IJNPS, 1971:199-202).

É instalada em 1979 a "Livraria Estevão Pinto" no Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, situada a Av. 17 de agosto, nº 2187, Casa Forte, Recife.

Em 1989 são escolhidos os patronos de sessenta cadeiras do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Estevão Pinto passa a ser patrono da cadeira de nº 56, ocupada atualmente pelo sócio Francisco Valois de Andrade Costa.

INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS  
DAS QUAIS ESTEVÃO PINTO ERA MEMBRO

- .Academia Pernambucana de Letras, 1951 ;
- .Instituto Arqueológico ,Histórico e Geográfico Pernambucano ,1922;
- .Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1952;
- .Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ;
- .Sociedade Brasileira de Geografia (São Paulo);
- .Sociedade Geográfica Americana (Buenos Aires);
- .Societé des Américanistes (Paris);
- .Membro Efetivo do Seminário de Tropicologia, UFPE-FUNDAJ.

PERSONALIDADES COM QUEM CONVIVEU  
OU MANTEVE CONTACTOS ESTREITOS

- .Amaro Quintas, Historiador ;
- .Mauro Mota, Escritor e Poeta;
- .Nilo Pereira, Escritor e Jornalista;

- .Olívio Montenegro, Professor e Jornalista;
- .Sylvio Rabello, Escritor;
- .Sizenando Carneiro Leão, Professor;
- .Waldemar Valente , Antropólogo.

### CARACTERÍSTICAS DEFINIDORAS

Estevão Pinto definia seu temperamento como:

"Homem trêfego e inquieto, temperamento de quem não sabe esperar e não ama a delonga".

IN: PINTO, Estevão. Um 'bacharel de batina' e um moralista. Discurso de Posse na A.P.L. Jornal do Commercio, Recife, 25 novembro 1951.

A autocrítica se coaduna com uma análise traçada por articulista anônimo da Folha da Manhã, provavelmente Nilo Pereira, segundo a informação do Prof. Dr. Roberto Motta, que em matéria datada do Recife (18 abr. 1950) chega a afirmar:

"De temperamento inquieto, para Estevão Pinto as coisas devem ser realizadas o mais depressa possível, daí o seu dinamismo, a sua inquietação diante dos problemas que lhe cabe resolver e que nunca constituem um desafio à sua tenacidade e à sua pertinácia. (...)

De uma atividade prática e eficiente, esse letrado desce às pugnas como um cruzado, sabendo batalhar até o fim, isto é, até a vitória".

Quem convivesse de perto com o estudioso, como o

professor Naltemir Noronha, pode analisar o comportamento do amigo, nos termos:

"Estava sempre preocupado com mil coisas ; não era pessoa de se concentrar no que estava fazendo, no entanto, era ameno, não era mandão, nem explosivo".

Característica definidora de fato talvez fosse a salutar mania de trajar sempre muito bem; constantemente estava trajado com impecáveis ternos; brancos principalmente, era dos que mais gostava.

Nilo Pereira, o amigo que o recebeu na Academia Pernambucana de Letras, analisa seu comportamento desta forma :

"Seu 'temperamento' (era) tão nordestinamente inquieto e tão poeticamente distraído (...). Não sei de pernambucano honorário mais consciente, mais entusiasta, mais romanticamente integrado na paisagem recifense, do que este novo acadêmico".

Nilo Pereira. Discurso de Saudação: 1 e 2,

Também como afirma VALENTE (1969) : possuía um vício de linguagem todo próprio, um "heim" interjeitivo,

"à modo de cacoete de linguagem que atrapalhava de certo modo quem como ele ainda não estava familiarizado".

"Embora sua personalidade psicológica denunciasse tendência ciclotímica, com oscilação entre a exaltação e a depressão, entre o sentimento de superioridade ou de autossuficiência, de um lado, e de outro, a falta de confiança nele próprio, com visão exagerada de suas fraquezas e deficiências, o que mais ocorria em Estevão era o otimismo.

Um otimismo saudável no sentido de reconhecer que seria capaz de vencer dificuldades e conseguir realizar aspirações de homem de estudo, de cientista social e de escritor".

Embora trajando bem, não relaxando suas roupas de legítimo diagonal inglês, alvíssimos e bem passados, suas finas gravatas estrangeiras -italianas, portuguesas ou francesas -seus sapatos sempre polidos, na boca um charuto da melhor qualidade ou, o que era mais frequente, um cachimbo queimando aromático fumo inglês, Estevão era um tanto descuidado no porte, mais prá gordo que prá magro, chegando a ser até do jeito chamboqueiro, quase sempre característico de homem simples e bom.

De aparência debonnaire, diria Aníbal Fernandes. De qualquer modo, seu dinamismo, sua extraordinária capacidade de trabalho, certa inquietação intelectual, não combinavam bem com tal jeito ou com tal aparência. A impressão, que dava era a de um indivíduo mole, banzeiro, preguiçoso, apático, incapaz do menor esforço físico ou da mais insignificante atividade mental. Ainda por cima, confirmando a desarmonia, a inteligência veloz. Era, o que se pode chamar uma contradição psico-somática. A sua capacidade de produção, diante da sua aparência, mostrava-se ainda mais surpreendente".

## 1.2

DE RUMORES E APROPRIAÇÕES INDÉBITAS ,  
A "POLÊMICA" ESTEVÃO PINTO x CARLOS ESTEVÃO

Quando , em 1990 iniciamos a coleta de dados ' para compor uma bio-bibliografia do etnólogo e historiador alagoano-pernambucano Estevão Pinto , algumas pessoas preocupadas com a história da cultura, em especial das ciências sociais em Pernambuco , lembraram , sem estardalhaços , de rumores que surgiram à boca miúda na década de quarenta' no Recife , envolvendo dois antropólogos que viveram e trabalharam naquele Estado. Os dois , coincidentemente , possuem uma mesma tendência : os estudos sobre os índios do nordeste ; os dois eram igualmente chamados Estevão -Estevão' Pinto e Carlos Estevão de Oliveira.

Os rumores davam conta de que Estevão Pinto teria se apossado de um dos manuscritos de uma obra inédita ' escrita por Oliveira e a teria publicado com o seu nome. Alguns informantes chegaram a asseverar que Carlos Estevão, de tanto desgosto, teria morrido dado a tristeza dessa apropriação!

Esses rumores tomam vigor e atualidade , quando, em 1991 , a antropóloga pernambucana Celina Ribeiro Hutzler (HUTZLER, 1991:25, nota 6) afirma , a propósito da posição ' de Estevão Pinto perante a antropologia brasileira :

"A polêmica com Carlos Estevão de Oliveira talvez explique seu ostracismo pela comunidade antropológica. É notável -ênfatiza - que ele não tenha participado de nenhuma atividade da III ' Reunião Brasileira de Antropologia que se sediou no Recife em 1958 (...) nem se associou à ABA"(Associação Brasileira de Antropologia).

Tentando apurar a verdade dos fatos , tencionamos entrevistar a Sra. Lígia Estevão de Oliveira , filha de Carlos Estevão , e igualmente escritora. Por telefone , de forma gentil, D. Lígia nos persuadiu a não procura-la , pois nada teria a falar,mas disse reticente :

"Isso ( a polêmica) nunca existiu...já faz muito tempo...nem me lembro mais ; o melhor é esquecer tudo !"

Depois de muita insistência, apenas falou :

"É, o que aconteceu meu pai não tomou conhecimento, apenas os amigos é que tomaram partido!"

Mesmo com as afirmações tangenciais , D. Lígia confirmou : em verdade , os rumores existiram de fato. Mas , como teria acontecido ? Que obra teria sido a pedra-de-toque para propiciar o surgimento dessas polêmicas ?

A obra causadora de todos esses rumores possuiu por título original "Alguns aspectos da cultura artística dos Pancarus " e foi publicada na Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional , de nº 2, editada pelo Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1938.

Citado estudo recebeu posteriormente , nas sucessivas edições o título "As máscaras-de-dança dos Pancarus". Para as análises que serão feitas , sirvo-me apenas da edição de 1953 , publicada pela Faculdade de Filosofia de Pernambuco , vez que foi impossível localizar as primeiras edições.

No dia 10 de julho de 1937 Carlos Estevão de Oliveira proferiu conferência no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano , subordinado ao título " O ossuário da 'Gruta-do-padre' , em Itaparica , e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do nordeste". Referida con

ferência seria publicada anos depois pelo Boletim do Museu Nacional , em 1941, e pela Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano , em 1943.

É possível que Estevão Pinto tenha assistido a conferência, principalmente porque além de ser membro efetivo do Instituto , o tema era-lhe muito caro ; é possível também que Oliveira o tenha obsequiado ( ou emprestado ) com uma cópia datilográfica do estudo. O que é fato, é que um ano depois, (1938) , três anos antes da publicação de Oliveira, Estevão publicou seu artigo na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (PINTO, 1938a)

Um cotejo entre as duas obras nos permite verificar que Estevão Pinto teve como base fundamental para o seu trabalho, o estudo de Carlos Estevão de Oliveira , e que de forma correta e honesta citou seu trabalho no decorrer do texto, por duas vezes , de forma um tanto enfática.

Por desconhecermos as edições anteriores, repetimos, apenas citamos a publicação de 1953 , nela Estevão Pinto inseriu este comentário crítico :

"O único estudo sério a respeito desses remanescentes indígenas do nordeste brasileiro é o de Carlos Estevão publicado no Boletim do Museu Nacional (...) Carlos Estevão, entretanto , não deixou a descrição das máscaras-de-dança dos Pan cararu".

Resta saber se esse comentário teria sido inserido nas sucessivas edições que aconteceram após os rumores e as polêmicas , como forma de retratação , ou se foi um registro surgido também na primeira edição do mesmo. Infelizmente não conseguimos localizar tais edições e ficamos, desta forma, sem resposta.

A leitura atenta nos dois trabalhos , cotejando-os , nos leva a desacreditar na hipótese de plágio, ou apropriação , vez que houve um procedimento correto e normal : um estudioso faz uma pesquisa e toma por "empréstimo" dados do outro , usando-o de forma honesta , sincera , apondo a citação da fonte onde for cabível. A proposta de Estevão , como o próprio estudioso apontou , seria a complementação do trabalho de Oliveira , vez que em seu modo de entender , estaria incompleto, não tendo a visão aprofundada das máscaras cerimoniais usadas pelo grupo.

Então , a partir de pesquisa-de-campo e com dados novos obtidos , Pinto confecciona , não apenas um trabalho repetitivo , dá nova visão aos dados , e traz a novidade do objetivo a que se propôs : estudar as máscaras-de-dança.

Logo na introdução do seu trabalho (PINTO,1953:5) o autor registra essa ida ao campo , nos termos :

"Em missão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (...) visitei, há alguns anos passados, (antes de 1938 !) as populações primitivas do Brejo-dos-Padres, no município de Tacaratu".

A pesquisa , aliás , recebeu crítica elogiosa de Almir de Andrade (ANDRADE,1939:80-81) que entendeu ser o trabalho

"Um interessantíssimo estudo crítico-cultural de alguns aspectos da arte dos índios Pancararu do sertão de Pernambuco".

Para Herbert Baldus (BALDUS,1954:543-544) trata-se de

"Ligeiras notas sobre esses índios visitados pelo autor em junho de 1937(...) As observações concernentes a danças e máscaras têm importância especial".

Tão certo estava da repercussão de sua obra , porquanto fora publicada em Buenos Aires , em 1938, no mesmo ano de publicação no Rio de Janeiro , que , ao observar um estudo publicado por Robert H. Lowie , de título "The Pancararu" no Handbook of South American Indians (Washington, 1946, Vol. I , p. 561 ) julgou ser uma síntese de seu trabalho , quando , na realidade , Lowie se apoiava no estudo de Carlos ' Estevão de Oliveira (OLIVEIRA , 1938-1941). Vide ANEXO.

Por acreditar naquela idéia , registrou a citação em PINTO (1953), PINTO (1956), esta , na primeira dobra ' ou "orelha" do livro ; no entanto , na relação das "Principais obras" do autor, no mesmo livro , não há referências a publicação do "Handbook". Em "Muxarabis & Balcões e outros ensaios" (1958) nas "Principais obras" , não há o registro da publicação de Lowie , no entanto , nas notas da p. 52, da mesma obra , afirma Estevão :

"Já em 1946, o prof. Robert H. Lowie , da Universidade da Califórnia , tinha feito o resumo do trabalho (CF. 'The Pancararu' em Handbook of South America Indians, Vol. I, Washington ), mas fazendo confusão do meu nome com o de Carlos ' Estevão de Oliveira, obra cit. pp. 561-591".

Na atual publicação das Máscaras-de-dança (PINTO , 1991) , o editor acusa a publicação do "resumo" do estudo no Handbook.

Em verdade , Robert Lowie cita, de forma correta , estudo de Carlos Estevão de Oliveira, de título "O osuário da 'Gruta-do-Padre' em Itaparica e algumas notícias ' sobre remanescentes indígenas do Nordeste". IN: Boletim do Museu Nacional , Rio de Janeiro , Vol. XIV-XVII (1938-1941). Cita-

do trabalho ainda foi publicado na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife Vol. 38:147-175, 1943.

Sirvo-me da segunda publicação , onde se observa que às páginas 151-159 , Oliveira discorre sobre os Pancararus , tecendo demorados comentários sobre os rituais , que foram posteriormente comentados pelo antropólogo americano.

Não é , como afirmou enfático Estevão Pinto um resumo do seu trabalho As máscaras-de-dança dos Pancararu , mas sim, apenas uma página publicada , a de número 561, que trata unicamente dos Pancararu, com dados do trabalho de Oliveira. O nome de Estevão Pinto (PINTO, 1935) é citado apenas à p. 574, da mesma publicação, quando Alfred Métraux discorre sobre The Teremembé (Tremembé). Vide ANEXO.

A conclusão a que se pode chegar diante das evidências é que a acusação de plágio ou apropriação indébita não passou de um mal entendido dos objetivos da pesquisa de Estevão Pinto.

O uso dos dados do estudo de Carlos Estevão de Oliveira é algo natural e honesto , desde quando existem pesquisas científicas e honestas ; afinal , para que existem as citações ? Para que se requer tanto que os autores acusem de onde retiraram tal ou qual afirmação ?

Estevão procedeu de forma honesta e científica, basta um cortejo das duas pesquisas em confronto , para que se compreenda bem a questão e se acabe de vez com os pruridos sem cabimento !

Na segunda observação, o caso da citação no Handbook , Estevão estava tão certo de ter Lowie citado de seu trabalho, por ter o mesmo recebido publicação no Brasil e fora dele, que, registrou a "confusão" de Lowie, quando o

mesmo citava diretamente de Carlos Estevão de Oliveira.

O fato pode ser tido como incompreensão, má leitura e exaltação de Estevão Pinto, nunca má fé !

A última palavra , porém , pode não estar comigo e sim em outros estudiosos de mais recursos , que queiram reexaminar o problema ; ação, aliás muito louvável, para ser restabelecido de vez o crédito a aquele que tanto lutou, procurando elevar o nome de uma ciência tão importante.

.....

Entendemos ser da maior importância estamparmos a bibliografia de Carlos Estevão de Oliveira , para certos e necessários confrontos.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de.

1930. Os apinagés do Alto-Tocantins. Costumes, crenças, artes, lendas, contos e vocabulários. Boletim do Museu Nacional , Vol. VI, nº 2, Rio de Janeiro, pp. 61-110+ 14 estampas.

1931. Uma lenda tapuia (do Alto Tocantins). Os carnijós de Águas Belas. Revista do Museu Paulista, 17(1): 520-527.

1938-1943. O Ossuário da 'Gruta-do-Padre' em Itaparica, e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do nordeste , Boletim do Museu Nacional , Vol. XIV-XVII, Rio de Janeiro, 1938-1941. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano , Vol. 38:147-175, Recife, 1943.

1939. A cerâmica de Santarém. Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 3, Rio de Janeiro.

Acerca da vida e obra do estudioso Carlos Estevão de Oliveira existe uma pequena biografia publicada, que é CUNHA, Maria Iracy Vieira da. 1988. Carlos Estevão de Oliveira, um etnólogo pernambucano. Nordeste Indígena, 1(1):9-12), Recife, out.

\_\_\_\_\_. Centenário de nascimento do cientista ' Carlos Estevão de Oliveira. Revista de Antropologia Vol. 23, São Paulo, pp. 161-163. ' 1980.

Biografia e transcrição de texto existe IN:

CASCUDO, Luis da Câmara. 1971. Antologia do Folclore Brasileiro, São Paulo, Martins. pp. 536-538.

O autor transcreve o texto "Bebendo jurema na festa do ajucá", texto encontrado' IN: O ossuário da 'Gruta-do-Padre'...

A respeito da administração do estudioso frente ao Museu Goeldi (1930-1945), ler :

"O Museu Paraense Emílio Goeldi". São Paulo, Banco Safra, 1986, especialmente as páginas 13, 14 e 35.

....

Gostaríamos de agradecer ao bibliotecário da ' Columbia University João Soeiro de Carvalho, que localizou' e enviou xerox do trabalho de Robert Lowie , também ao doutorando da mesma universidade , John Patrick Murphy, que ' fez as apresentações ao Soeiro de Carvalho, bem como a tradução do texto de Robert H. Lowie.

....

1.3

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO FORMA DE COOPERAÇÃO :  
A OBRA DE GERALDO LAPENDA

Em notas introdutórias a sua obra "Etnologia Brasileira", o antropólogo (PINTO, 1956:4) historia a construção do seu estudo, dando realce ao papel daquele que foi seu discípulo e o ajudou sobejamente em estudos de aspectos da antropologia lingüística, setor a que Estevão não se aventurou, pela própria característica específica da disciplina que requer conhecimento bastante especializado.

Para usar suas palavras : " Logo após o mês de setembro (do ano de 1953) recomecei minhas visitas à aldeia dos Fulniô, empreendendo, desde então, um verdadeiro estudo-de-campo. Em uma delas, tomou parte o professor Geraldo Lapenda, a quem, por motivo de sua cultura e vocação lingüística, encarreguei de organizar a gramática e o vocabulário Yathê, (tentando confirmar 'a explicação dada pelo etnólogo francês Max Boudin').

Durante perto de dois meses, proporcionei ao professor Geraldo Lapenda o contacto quase diário, em conjunto, ou separadamente, de três caboclos de Águas Belas. (...)"

Comentando a respeito de seu trabalho de colaboração, informa LAPENDA (1952-56 :54-55):

"Com respeito a (cultura dos índios fulniô) é de se supor que o prof. Estevão Pinto falará mais amplamente em seu livro (Os fulniôs : uma cultura em transição), o qual talvez ainda será publicado no presente ano (1954) ou mesmo no próximo. (...)

"Cheguei a (...) conclusão (a respeito da diluição do termo fulniô ) depois de vários dias de estudos. O prof. Estevão Pinto pedira-me que eu investigasse qual seria mesmo a etimologia do nome 'fulniô. (...)

Apreciei sua sinceridade em reconhecer que apenas como etnólogo e antropólogo (aliás ilustríssimo ), não podia aventurar-se no campo lingüístico. Portanto, procurei desempenhar tal incumbência também com a maior sinceridade possível para com o prezado Professor (apesar de sua pressa habitual).

E continua :

"Em três meses já havia feito um esboço essencial da gramática e conseguido catalogar cerca ' de 300 palavras. O vocabulário teria de apressa-lo, porque o Dr. Estevão Pinto necessitava dele ' para compor alguns capítulos do livro referente ' à pesca, à caça, à fauna, à flora. Também a gramática não estava completa , mas devia prepara-la assim mesmo, pois o Etnólogo precisava dela para escrever o capítulo referente à língua. Ao mesmo ' tempo estava ao meu encargo colher os vários mitos em língua yathê, o que de fato fiz. (...)

Levamos pouco mais de um ano nesse estudo e durante todo esse tempo procurei burilar a gramática e o vocabulário, sem nada mais acrescentar-lhe, porque serviria de apêndice ao livro. (...)

Portanto , restou-me ainda quase sem efeito ' um material abundante. (...) Possuo ainda todo ' esse material , mais ou menos coordenado. Espero, quando a oportunidade mo permitir , publica-lo ' em sua totalidade". LAPENDA (1952-56:57)

Lapenda entregou a Estevão Pinto não apenas o vocabulário e partes elaboradas da gramática, mas também alguns mitos coligidos :

"Quanto aos mitos e outras estórias, eu não pude-  
ra nos primeiros meses coligi-los , porque meu  
ouvido não estava ainda treinado a perceber e dis-  
tinguir os vocábulos em frases pronunciadas fluen-  
temente. Só depois disso me foi possível (...). Infe-  
lizmente só pude fornecer (...) as seguintes len-  
das em iatê e com o significado português justa-  
posto :

- 1-A santa dos caboclos (texto completo);
- 2-O dilúvio e a criação do homem (texto incom-  
pleto );
- 3-A consecução do fogo por Walká-Iyá (texto re-  
sumidíssimo.

Cedi-lhe também três outros trechos, acompanha-  
dos igualmente de tradução (...) um dos quais o  
índio Lourenço Correia contava o modo de tirar ' mel ; em outro, o processo com que outrora se fa-  
zia fogo , quando durante as caçadas queriam fu-  
mar ; e , no terceiro, a expectativa do nascimen-  
to de um primogênito. Levamos mais de um ano nes-  
sas pesquisas(...)" .LAPENDA (1968:22)

Entusiasmado com os resultados dessas pesquisas ,  
em entrevista ao Diário de Pernambuco , datado de 4 de abril'  
de 1954 , Estevão Pinto informou, em meio a elogios ao discí-  
pulo, que o professor já havia levantado partes do material '  
atinentes ao vocabulário , e agora estava a esboçar a gramáti-  
ca iatê.

No mesmo ano, meses depois (PINTO, 1954, 26 ago.) em

outra entrevista ao jornal paulistano Folha da Manhã, dava conta que Lapenda havia mapeado a gramática dos fulniô, sendo esse trabalho, um apêndice à sua obra.

De fato, em "Etnologia Brasileira" (PINTO, 1956: 265-276) estampa os "Vocabulários da língua yathê falada pelos Fulniô de Águas Belas (...) seleção do vocabulário organizado, a pedido do autor, pelo prof. Geraldo Lapenda, o qual será oportunamente publicado, com a respectiva gramática".

Mas, não apenas os vocabulários são publicados, a presença da pesquisa de Lapenda encontra-se no capítulo sobre "a língua dos fulniô" (p.70-81), os créditos aparecendo às páginas 74, 75 e 78.

No capítulo que trata de Mitos e Lendas, pp.167-184, embora não seja consignado seu nome, o autor estampa três mitos conseguidos por Lapenda, com a devida tradução, são eles:

Como os fulniô conseguiram fogo, p.168;

A criação do homem após o dilúvio, p.173;

A santa dos caboclos, p.182; aliás, os mesmos mitos assinalados antes pelo pesquisador.

Em verdade, o trabalho completo (LAPENDA, 1968) seria publicado anos depois, e por coincidência, no ano de falecimento de Estevão Pinto.

Em apreciação a obra, sentencia José Cavalcanti Sá Barreto, Prefácio pp. 7-9:

"Desde os primeiros passos, dados em 1928 (...) nada se fez que se possa comparar à obra de Geraldo Lapenda: pela amplitude de vistas, pela segurança doutrinária, pela extensão dos problemas; pelas numerosas e sugestivas inovações que

aponta , pelo acervo de material estudado ;enfim pela preparação específica e raros dotes que o autor pôs a serviço do empreendimento."(...)

"Tudo feito com probidade exemplar , paciência beneditina e processos modernos , que não dispensaram as gravações e o aparelhamento técnico , embora ainda rudimentar , existente no gabinete de Fonética da Faculdade de Filosofia de Pernambuco!"

Em nota explicativa (LAPENDA ,1968 :11) escrita' em 4 de março de 1965 , afirma o estudioso :

"O presente trabalho era, no começo, o desenvolvimento do apresentado à revista 'Arquivos' . Contudo se transformou de tal maneira que só conserva daquele uma esfumatura, exceto na introdução (essencialmente quase a mesma)."

Esses dados foram reunidos especialmente como um esforço na busca do entendimento para certas incompreensões' reinantes em torno dos dois estudiosos : o mestre teria se apossado e apropriado do trabalho do discípulo !

Pelo exposto, baseado apenas nas afirmações dos autores envolvidos , percebe-se claramente a cordialidade ' que existia entre os pesquisadores : é o mestre que solicita ajuda a seu amigo e discípulo , que por sua vez, sem se sentir que estava fazendo um trabalho servil , realizou, empreendeu , deu sua parcela de colaboração de bom grado. Aliás essa cooperação sempre foi e é muito normal entre estudiosos , é a interdisciplinaridade que funciona a contento , quando ' existe a seriedade de propósitos , e pelo visto , houve de fato.

1.4

LINGÜÍSTICA IATÊ :OS DESCAMINHOS DE UMA PESQUISA !

Em estudo de título "Sobre a fala fulniô" ,que 'pretende ser uma crítica exacerbada às pesquisas lingüísti--cas acerca da língua iatê falada pelos índios fulniô de Pernambuco , o autor Araken Guedes Barbosa ,afirma incisivo :

"Ao nosso ver , pode-se verificar sem muito ' esforço que os estudos existentes (em especial ' sobre os Fulniô) são fragmentários , insatisfatórios etnograficamente , enfocando apenas alguns' aspectos sócio-culturais e lingüísticos visivelmente reduzidos".E enfatiza : " o que encontramos publicado até agora a respeito dos Fulniô e sua língua não parece também preencher as muitas lacunas no campo do estudo etnográfico". ' (BARBOSA,1988:9-10)

A princípio a severa crítica parece ter procedên cia , dado o tom de mestre que o autor imprime ao estudo.Mas, ao procedermos uma análise demorada naquilo que mais critica, verdades vão surgindo e, a cada passo constatamos o quanto ' foi apressado e mal orientado o seu autor, o que nos propicia levar a afirmar que melhor seria não tê-la feito , dadas as fragilidades das afirmações cometidas de forma anti-cien tífica e talvez nos permitisse dizer irresponsável!

A severidade com que tratamos tal estudo nos ' obrigou a procedermos um criterioso levantamento bibliográfi co , especialmente no período anterior a 1988 , data da pu--blicação do artigo,tentando provar que muito simples é apontar o "não existente" ,difícil mesmo é a posição séria de es

estudioso que antes de apontar falhas , debruça-se sobre tudo o que foi dito/escrito sobre o tema , analisa-o, ficando assenhoreado da situação, para não cometer desvario ,mas' perpetrar análise séria ,não preconceituosa.

Um simples olhar de relance na bibliografia levantada ( em anexo) permite-nos verificar que antes da data' da publicação do trabalho de BARBOSA (1988) diversas análises , estudos e artigos poderiam auxiliar o autor na confecção de um competente e conseqüente trabalho. A lei do menor ' esforço , porém , apenas o permitiu vislumbrar a obra de ' LAPENDA (1968) , esquecendo até estudos anteriores do mesmo' autor LAPENDA (1952-1965), LAPENDA (1956) estes , em verdade, ensaios prévios que seriam incluídos na obra definitiva de 1968.

Contra a afirmação da ausência de bons trabalhos etnográficos sobre os fulniô , especialmente no que tange a aspectos lingüísticos, a bibliografia prova que dos cinqüenta estudos relacionados, quatorze tratam detidamente dos ' aspectos lingüísticos da fala iatê, o que prova mais uma vez a pressa e "autoridade" inconsequente impressa ao artigo.

Evidentemente que dos cinqüenta estudos relacionados, apenas um (LAPENDA ,1968) trata com rigor e demorada-- mente da lingüística iatê ,isto não quer dizer que os outros estudos não sejam sérios , ou destituídos de veracidade e de provas científicas em seu tratamento.

INDIOS FULNIÔBIBLIOGRAFIA ANTERIOR A 1988

BARBOSA, A. Lemos.

1950. Conversando com um índio fulniô: notas etnográficas e lingüísticas. IN: Verbum, Vol. VII, fasc. 3. Rio de Janeiro, setembro.

BOUDIN, Max H.

1949. Aspectos da vida tribal dos índios fulniô. Cultura, Rio de Janeiro, 1(3):47-76, maio/ago.

Estuda sobretudo a organização social e a religião dos índios fulniô. Segundo Baldus (1954:139), "Certas passagens deste trabalho inspiram pouca confiança".

1950. Singularidades da língua iatê. IN: Verbum, vol. VII, fasc. I, Rio de Janeiro, março.

S. D. Gramática, vocabulário e textos da língua iatê falada pelos índios fulniô de Águas Belas, Estado de Pernambuco. MS do Museu do Índio, Rio de Janeiro nº 195.951.

BRANNER, John C.

1923. Os carnijós de Águas Belas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XCIV, vol. 148 (1923), Rio de Janeiro, 1927, pp. 359-365.

Trata principalmente da língua iatê, transcrevendo vocabulário.

CÉSAR, Getúlio.

1955. Uma lenda dos fulniôs. Diário de Pernambuco, Recife, 3 julho.

1955a. Totemismo dos fulniô e pancararus. Diário de Pernambuco, Recife, 16 jun.

AS COMUNIDADES indígenas de Pernambuco.1981.Condepe,Recife.

A respeito dos fulniô , trata às pp.71-77+4 p. com fotografias.É estudo geral sobre a comunidade , onde se dá maior apreço a situação sócio-econômica.

DÂMASO,Alfredo Pinto.

1931.Pelos índios.O Serviço de Proteção aos índios e a tribo Carijós (sic) no sertão de Pernambuco.Rio de Janeiro,1931.12 p.,s.ed. Antes publicado IN: ' O Jornal, Rio de Janeiro, 28 abr.1931, e Jornal do Comércio,Rio de Janeiro,30 abril 1931.

Descreve a situação social do Posto Indígena Dantas Barreto,onde está situada a aldeia fulniô.

HOFFNAGEL,Judith Chambliss.

1984.A situação das comunidades indígenas de Pernambuco.IN:AXIUVYEN,Boletim do Núcleo de Estudos Indigenistas, 3(3):6-13,Recife.

Tem a preocupação em localizar os grupos,detectando sua situação sócio-cultural , discutindo a problemática tão angustiante para o grande público : o que é ser índio na atualidade ? Questiona ainda problemas fundamentais como : saúde,educação e terra , frente a ação governamental.

Iatê, a língua fulniô.IN:Boletim Informativo Funai,3(9-10) : 8.Brasília,IV Trimestre 1973 e I Trimestre 1974. Notícia rápida a respeito da língua iatê, com base nos estudos de Mário Mello (citado nesta bibliografia).

LAPENDA,Geraldo C.

1952.1965.Perfil da língua iathê.IN:Arquivos,nº 21/47 Recife,Secretaria da Educação e Cultura,Prefeitura Municipal do Recife.

Estudo preliminar sobre a língua iatê,que seria '

complementado em estudo exaustivo abaixo mencionado.

1956. Vocabulários da língua yatê, falada pelos fulniô de Águas Belas (Pernambuco, Brasil) IN: PINTO, Estevão. 1956. Etnologia Brasileira (Fulniô - os últimos tapuias). São Paulo, Companhia Editora Nacional. Col. Brasiliana, Vol. 285 pp. 265-276.

1968. Estrutura da língua iatê. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

MELAND, Douglas.

1968. Fulniô Grammar. Arquivo lingüístico. nº 26, Brasília, Summer Institute of Linguistics.

MELLO, Luiz Gonzaga de.

1976. Notas etnográficas .Os índios fulniô de Águas Belas. IN: Symposium , Rev. UNICAP, Vol. 18, nº 2, pp. 69-95.

Resultante de uma excursão a Águas Belas, o autor, valendo-se de informações obtidas por alunos, através de relatório e de bibliografia especializada, compôs um quadro geral sobre a aldeia fulniô, tratando especialmente dos seguintes aspectos : situação geo-histórica; aspectos sócio-econômicos; religião, em especial o problema do Ouricuri.

MELLO, Mário.

1928. Os carnijós de Águas Belas. Diário de Pernambuco, Recife, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28 e 29 de junho e 1, 3, 5 e 6 jul. 1928.

1928 a. Sobre os carnijós de Águas Belas. Diário de Pernambuco, Recife, 8 jul. 1928.

1929. Os carnijós de Águas Belas. Revista do Museu Paulista, Tomo XVI, pp. 793-846+ 3 pranchas. Reproduzido IN: Revista do Instituto Arqueológico e Geo--

gráfico Pernambucano. Vol. XXIX, nº 135-142 (1928-1929), Recife, 1930. pp. 179-227+5 pranchas.

Trata da história, das danças e da língua dos fulniô.

1935. Etnografia pernambucana, os Xucurus de Ararobá. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Vol. XXXIII, nº 155-158 (1933-1935). Recife, 1935 pp. 43-45.

Com base em informes de Curt Nimuendaju, que esteve na aldeia fulniô em 1934, o autor utiliza seus dados referentes aos fulniô, comparando-os com palavras Xucuru, Karirí, Timbira e Guaraní.

MÉTRAUX, Alfred.

1946. The Fulniô. IN: Handbook of South American Indians, Vol. I, Washington.

1952. Recherches sur les indiens Fulniô de l'Etat de Pernambuco. IN: Journal de la Société des Américanistes, Vol. XLII, Fasc. 2 Paris.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de.

1938-1941. O ossuário da Gruta-do-padre em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste. Boletim do Museu Nacional, XIV-XVII, 1938-1941, Rio de Janeiro, 1942, pp. 151-184+28 pranchas.

Estudo ligeiro sobre alguns aspectos da sociedade e da cultura fulniô.

1931. Os carijós de Águas Belas. Revista do Museu Paulista. Vol. XVII, São Paulo, 1931, pp. 519-527.

Comenta o trabalho de Mário Mello sobre os fulniô, consignado nesta bibliografia.

OURICURÍ , a festa proibida dos fulniô. IN: Informativo Funai 3(9-10):2-7, Brasília, IV trimestre 1973 e I trimestre 1974. Autor anônimo.

Trata-se de informe rápido a respeito do ritual do Ouricuri, detendo-se na expressão -O Toré.

PALÁCIO, Aldair Pimentel.

1988. Índios do Nordeste. IN: Axéuvyru, Boletim de estudos indigenistas, 7(5):15-31, Recife.

Traça uma visão geral sobre a problemática dos indígenas no Nordeste, detendo-se especialmente nas apreciações sobre os fulniô de Águas Belas.

PINTO, Estevão.

1953. Os fulniô : uma cultura em transição. Diário de Pernambuco, Recife, 1 nov.

1954. Um curioso grupo indígena do Nordeste. Jornal de Letras, Rio de Janeiro, março.

1954 a. Ameaçado de extinguir-se o grupo dos fulniô de Águas Belas, Diário de Pernambuco, Recife, 4 abril.

1955. Os fulniô de Águas Belas. Separata dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo.

1956. Etnologia Brasileira - Fulniô, os últimos tapuias. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Col. Brasiliana , vol. 285.

POMPEU SOBRINHO.

1935. Índios fulniôs, Karnijós de Pernambuco. Revista do Instituto do Ceará , Vol. XLIX, Fortaleza, 1935, pp. 31-58.

Estudo lingüístico comparativo em que tenta provar que "os Karnijós representam (...) uma família lingüística ainda não computada na relação dos

línguas americanas do Brasil, ou liga-se a alguma família que não tem representantes em nosso território, pelo menos devidamente conhecidos".  
BALDUS, (1954 pp. 551-552).

SCHULLER, Rudolf.

1930. Die sprache der Mon-goyó-indianer im staate Bahia. International Journal of American Linguistics VI, nº 1, New York, pp. 43-46.

Trata de lingüística em alguns grupos, criticando opiniões de Braner a respeito da linguagem dos índios fulniôs de Águas Belas. BALDUS, (1954:654-655).

SILVA, Dagoberto de Castro e.

1925. Relatório apresentado à Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios, sobre a situação dos índios Potiguaras de São Miguel, da Bahia da Traição e Carijós de Águas Belas. IN: Diário Oficial, Rio de Janeiro, 28 outubro.

SILVA, Dias da.

1948. Nas malocas dos Carnijós. Diário da Noite, Recife, 9, 11, 12 e 22 de novembro.

SILVA, E.M. da.

1948. Verificações sobre a incidência de síclama em índios brasileiros: 1-Índios Pariukur, Galiby, Caripuna, Cabella e Carnijó. IN: Memória do Instituto Oswaldo Cruz. Vol. XLVI, fasc. 1, Rio de Janeiro, março.

VALENTE, Waldemar.

1949. Os índios fulniô e a língua iatê. Diário de Pernambuco, Recife, 28 agosto.

1953. Os fulniô e a sua suposta filiação Karirí. Diário de Pernambuco, Recife, 8 novembro

VALENTE, Waldemar.

1954. Índices cranianos (contribuição ao estudo craniométrico dos índios fulniô). Publicação da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, Universidade do Recife.

VIANNA, Mabel de Cerqueira.

1966. Aspectos sócio-econômicos e sanitários dos fulniô de Águas Belas, Pernambuco, Brasil.

Pesquisa-de-campo com boas observações. A visão etnográfica da aldeia e do grupo é das mais válidas. Acompanha o estudo mapas. Não consigna bibliografia.

..

**Capítulo 2**

**A OBRA**

## 2.1

### ESTEVÃO PINTO , PESQUISADOR DE GABINETE ?

Por utilizar em sua pesquisa intitulada "Os estudos sobre o índio brasileiro..." dentre obras de variados autores , os dois volumes de "Os indígenas do Nordeste" , de autoria do etnólogo Estevão Pinto , não tendo analisado obras posteriores desse autor , Raimundo Heraldo Maués , o classificou como pesquisador de gabinete. Para usar os seus próprios termos , citemos :

"Podemos classificar as obras escritas nesse período (meados do século XX ) a respeito do índio brasileiro em dois grupos distintos : a) Estudos de Gabinete ; e b) Pesquisas de campo.

Entre os estudos de gabinete vamos encontrar os trabalhos de Gonçalves Dias , W. Schmidt , A. Métraux e Estevão Pinto". MAUÉS ' (s.d., (1976 ?):2).

Em verdade , Maués tem razão, e razão de sobra , pois , a obra "Os indígenas do Nordeste", em dois volumes PINTO (1935, 1938), é de fato uma pesquisa puramente bibliográfica e mais, ao invés de se ater ao que sugere o título , o autor trata da situação dos indígenas brasileiros e em segundo plano , dos índios do Nordeste.

Falta de condições para pesquisas de campo , ausência de estudos sobre a problemática no Nordeste , não convém discutirmos agora , o que é fato é que se nos ativermos apenas no autor dos dois volumes , sem observar seus trabalhos posteriores, concluiremos sem esforço, que é verdadeira-

mente pesquisador de gabinete , no entanto , o estudioso vai além e muito além de "Os indígenas do Nordeste" e , de pesquisador de gabinete na fase inicial , demonstra em obras 'ulteriores , toda a força de pesquisador de campo que sabe' como conseguir dados valiosos e sabe usa-los de forma coerente , seguindo linhas teóricas aceitas pela comunidade científica brasileira e internacional.

Anos antes de seu "batismo de fogo" como pesquisador de campo , que acontece em pesquisas com o grupo dos Pancararu no ano de 1937 , Estevão Pinto realiza um estudo de campo na cidade do Recife , contando com o trabalho de suas alunas da disciplina Sociologia Educacional , da Escola 'Normal. O ano era 1931 , e as auxiliares de pesquisa preencheram questionários em 18 escolas do Recife. Com o material colhido , o professor elabora e publica a obra "A escola e a formação da mentalidade popular do Brasil". PINTO (1931).

No ano seguinte , volta o professor a fazer outro "survey" de caráter educacional , aplicando inquéritos 'em duas escolas recifenses , o que resulta na publicação da obra "O problema da educação dos bem dotados". PINTO (1933)

O ano de 1937 representa , em sua trajetória de etnólogo um divisor de águas ; pela primeira vez o estudioso fica frente-a-frente com "índios de verdade" e coleta material suficiente para escrever a obra "Alguns aspectos da cultura artística dos Pancararu de Tacaratu", Pinto (1938) que no mesmo ano foi publicado com o título "Las máscaras-de-danza de los Pancarus" na Revista Geográfica Americana , de Buenos Aires.

Essa viagem de estudo ficou registrada na referida obra, nestes termos :

"Em missão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (...) visitei , há alguns anos '

passados,(...) as populações primitivas do Brejo-dos-padres , no município de Tacaratu".PINTO (1953 A :5)

Segundo Baldus(1954 :543-544) essa viagem de estudos foi realizada em junho de 1937.

Em 1952 , a 4 de julho , em entrevista ao jornal Ler , de Lisboa , Estevão Pinto informa que está empenhado ' em uma expedição (sic) à região dos índios Pancararu.No entanto, em setembro do ano seguinte ,os jornais recifenses ' anunciavam , a partir do dia 15 ,uma excursão a aldeia Fulniô , em Águas Belas (PE.) , não a Tacaratu, terra dos Pancararu,como fora anunciado, com o objetivo da elaboração de um "estudo de campo".

Seguiram nessa excursão , chefiada por Estevão ' Pinto , alunos da Faculdade de Filosofia e professores orientadores , dentre os quais Manuel Correia de Andrade ,Walde--mar Valente , Tadeu Rocha e Gilberto Osório , formando uma ' equipe bastante interdisciplinar.Também fizeram parte da comitiva ,vários membros da Sociedade de Arte Moderna do Recife ,dentre os quais Abelardo da Hora e Marius Lauritzen Bern. PINTO (1956:3)

"Logo após o mês de setembro -É Estevão ' Pinto quem fala - recomecei minhas visitas à aldeia dos fulniô , empreendendo , desde então ,um verdadeiro estudo de campo". ' PINTO (1956:4)

Em outra das excursões,participou o médico pernambucano Dr.Aristeu Arruda , que fez pesquisas na área de saúde na aldeia ,contribuindo desta forma para debelar problemas crônicos existentes.

Os dados coletados na aldeia dos fulniô de Águas Belas ,fruto de diversas viagens realizadas , possibilitaram a elaboração da obra "Etnologia brasileira -Fulniô, os últimos tapuias",PINTO (1956) ,comentada pelo editor da Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira) desta forma:

"Fulniô ,os últimos tapuias" é o resultado de pesquisas que , em sucessivas viagens , realizou o professor Estevão Pinto entre os índios fulniô,das Águas Belas , em Pernambuco . Igualmente tem visitado os Pancararu , de Brejo-dos-Padres ,também em Pernambuco, a respeito dos quais já divulgou um estudo' acerca de suas máscaras de dança.

Sobre os fulniô , remanescente de antigo aldeamento indígena ,levantou considerável soma de observações e informações registradas no livro agora divulgado.Os diversos aspectos da vida dessa população aborígene, sua história , sua maneira de viver, seus costumes ,suas festas, são aqui estudados e fixados como mais uma contribuição - e, neste caso expressiva - para melhor compreensão das condições atuais de um grupo indígena brasileiro". IN:PINTO (1956),"orelhas" da obra.

Entendemos que as informações aqui reunidas ,retiradas da obra de Estevão Pinto , provam claramente que a classificação de pesquisador de gabinete,não cabe ao etnólogo , e se isso não for o bastante , temos ainda a juntar opiniões insuspeitas de intelectuais pernambucanos que por serem amigos e admiradores do estudioso , acompanharam passo a passo o seu crescimento e, sua presença em pesquisas de campo,nestes termos :

"Estevão Pinto sai , por assim dizer ,dos estudos de gabinete para o trabalho de ' campo , positivando melhor sua formação' científica , na coleta , elaboração e crí tica dos fatos que compreendem sua admirá vel monografia".

BARBOSA LIMA SOBRINHO ,IN:

GRIZ(1972:10)

"O prof.Estevão Pinto é um pesquisador te naz , e vez por outra ganha o interior , para estudos chamados de campo.Esses aldeamentos indígenas se vão aos poucos diluin do , tanto que os fulniô se reduzem hoje' a cerca de 700.Entretanto , os relatórios oficiais dão o duplo,(...) quem no-lo diz é o prof.Estevão Pinto ,que chega mesmo a registrar a má impressão que causou ao an tropólogo americano Hohental.De onde a suposição de que o Serviço (de Proteção ' aos Índios) mais a sí próprio ampara, do que aos pobres nativos das primitivas sel vas".

Waldemar Valente.VALENTE (1955c)

"Estórias e Lendas indígenas é uma prova de sua permanente vocação de cientis ta.De cientista e de escritor.De cientis ta que vai a pesquisa direta , que in daga honestamente e investiga sob rigorosa orientação dos modernos critérios de estudo.De escritor que se pode equiparar aos melhores que se exprimem modernamen-

te em língua portuguesa".

Waldemar Valente.VALENTE (1955a)

O estudo de Estevão Pinto foi fruto de "de moradas observações pessoais , no aldeamento de Águas Belas(...).Para lá viajou Estevão Pinto em diversas ocasiões , só ou em companhia de seus alunos , na tarefa de recolher elementos para uma obra que não repete as alheias.Continuou o método que adotara antes , em relação aos Pancarus , do Brejo-dos-padres.O método da pesquisa direta , o único que lhe permitiria realizar ' trabalho original sobre remanescentes aborígenes dos quais afinal não foi o descobridor.(...)

Estevão Pinto jamais utiliza o seu rico material a toque-de-caixa como quem embala' artigos de exportação.Mas , antes, com a finura de escritor que unida às qualidades de etnólogo , situa o livro entre as melhores contribuições da especialidade".

Mauro Mota.Etnologia Brasileira ,  
IN: Agenda,Diário de Pernambuco ,  
Recife, recorte s.d.

Talvez aqui coubesse o pensamento do estudioso pernambucano Nelson Saldanha , quando demonstra a extrema necessidade do pesquisador social ser honesto em suas elaborações teóricas ; em verdade , a honestidade científica nos liberta de fantasmas que teimam em nos rodear dia-a-dia.A desonestidade intelectual , a utilização dos dados feita de má fé ,

muitas vezes elaborado com a intenção de se tirar proveito pessoal , não depõe contra o objeto visado ,mas contra o ' pesquisador que se amesquinha perante a comunidade científica.São do estudioso estas palavras :

"A responsabilidade de quem narra idéias é feita do dever de ser leal ao passado -que não pode retornar para explicar-se- e do ser fiel ao presente , que sempre ' quer "ver" o passado como uma razão de ser de sua própria substância".SALDANHA ' (1968:11)

Concluimos afirmando ter sido o etnólogo Estevão Pinto em sua fase inicial verdadeiramente pesquisador' de gabinete ,mas que , essas pesquisas o conduziram ao cam po , para elaborar trabalho consistente e sério ; "Etnologia Brasileira -Fulniô , os últimos tapuias" é uma prova ' bem concreta desse seu trabalho de campo ; com Roberto ' Motta , diremos :

"Não se trata de teórico de cadeira de balanço ,mas do antropólogo que pensa na teoria enquanto reflete sobre o alcance' de seu trabalho de campo".MOTTA (1985a)

..

## 2.2

OS LIVROS DIDÁTICOS  
NA OBRA DE ESTEVÃO PINTO

O tratamento dado ao material, o bom senso no uso das fontes, a linguagem adequada aos alunos do primeiro grau, fez com que Estevão Pinto fosse tido, já na década de trinta, como um bom escritor de livros didáticos de História Geral, e isso permitiu ao sociólogo-antropólogo ' Gilberto Freyre fazer certas afirmações bastante satisfatórias, tais como :

"Estevão Pinto acaba de publicar uma História da Civilização, de acordo com o programa oficial do curso secundário -para a primeira série - que é um encanto de equilíbrio e de senso didático, quer na seleção do material, quer na distribuição(...). Porém nem sempre me parece feliz o professor (...) na escolha dos trechos de autores para as leituras que se seguem às lições propriamente ditas. A um Stefan Zweig qualquer, bem poderia ter preferido um historiador que reunisse à solidez dos conhecimentos históricos o dom da narrativa. Wells historiador -seria talvez melhor que o principiante travasse conhecimento com ele por sua conta e risco e não por intermédio de um compêndio(...)

Mas, nenhuma dessas restrições chega para diminuir o valor do livro de Estevão Pinto. Ele conhece o assunto e sabe ensiná-lo".

FREYRE (1937:62-63)

Em conferência onde faz análise percuciente sobre o livro didático, o mestre Roberto Motta (MOTTA, 1977) assinala pontos fundamentais nesse tipo de obras, chamando atenção para a metodologia empregada pelos autores em sua confecção, bem como pelo conteúdo expendido, sem descurar da problemática ideológica veiculada:

"Espera-se do livro escolar que seja simples, ao mesmo tempo completo. Ponto analogicamente válido dos vários níveis de estudo. (...) Ao mesmo tempo, deve saber superar-se a si mesmo, como instrumento a abandonar, quando já deu o que podia. Talvez justamente aí, se estabeleça uma das mais sérias deformações. A ser usado, não mais para iniciação de conhecimentos, mas como fonte única de informação sobre o assunto, não só entre alunos, como pior ainda, entre professores. Talvez essa colocação valha principalmente para o curso secundário".

(O) livro texto de introdução a uma disciplina não pretende implicar na sujeição ao livro por parte de alunos ou professores. (...) Um bom livro didático nunca se torna realmente inútil. Os professores sabem demais de sua utilidade para apanhar ou rever as grandes linhas de um tópico ou, especificamente no caso de História, de um acontecimento, melhor estudado ou interpretado noutra fonte. (...)"

Em debate a essa conferência, PEREGRINO (1977: 155-160) assinala pontos bastante usuais em livros didáticos, nos quais se percebe que seus autores, ao invés de estar

preocupado com futuros leitores , fornecendo-lhes conhecimento exequível, a preocupação maior é com a vendagem desses livros : quanto mais fácil for a linguagem , e quanto mais ilustrações existir , tornando-o bastante atraente , o livro será facilmente entendido e consumido ; também importante nesse viés , é que esse livro sirva apenas para o uso em um ano, pois no seguinte , "melhor" edição aparecerá , sempre descartável.)"

Outros pontos importantes são destacados pela professora, assim como :

"O mau didata (...) no afã de ser entendido , rebaixa os seus padrões e rebaixando-os , deforma e deteriora as idéias e os fatos. Isto traz consequências de efeitos multiplicadores negativos na cultura, no nível de aprendizagem científica do povo , na educação de uma ou mais gerações.(...) Já ocorreu entre estudantes e até entre professores ,preconceitos de que o bom professor não precisa saber muito, e de que o cientista é por pressuposto, um mau didata(...)"

Preocupados com a problemática que envolve o livro didático de História , professores da Faculdade de Filosofia da USP , em mesa redonda , chegaram a conclusões que foram ditas em tom de recomendação , nos termos :

"Os elementos complementares de um livro didático de História ,(...) deveriam ser leituras ,mapas históricos,pequenas biografias (...) informações sobre a vida cotidiana , governos, dados estatísticos, bibliografia.Tudo isso organizado

com o principal objetivo de completar o ' texto , fornecendo uma certa "vivência" do assunto de que se trata". IN:O problema do livro didático de História.Rev. de História.

Esses professores adiantaram ainda sobre o que' não deveria existir nesses livros :

"Dissertações contínuas ,pequeno desenvolvimento de aspectos importantes em relação a enormes narrações de episódios supérfluos ,quadro cronológico mal elaborados ,fal<sup>ta</sup> de mapas, gravuras que não levam a ob--servações proveitosas". Ver citação anterior.

Em Estevão Pinto percebe-se a preocupação cons--tante , o policiamento, o desejo de que os alunos recebam ao lado da informação, a formação humanística que o permitam ' não o ato mecânico de decorar fatos aliados ao esqueleto das' datas ,mas a uma compreensão e análise daquilo que fora ex--posto, com a finalidade da construção de uma mentalidade não preconceituosa ,mas consciente e participante, e isso também foi observado pelo mestre Freyre, quando afirmou :

"O erudito professor (...) reafirma nesse' novo trabalho(...) suas qualidades de his--toriador bem informado (...) e de exposi--tor claro,metódico e atraente nessa espe--cialidade.

Não há exagero em dizer-se que, no livro ' didático, não há hoje, em nosso país,quem' exceda o professor Estevão Pinto em niti--dez de expressão e método de exposição.Vir<sup>tu</sup>des que são nele completadas por outra ' invulgar capacidade : a síntese".FREYRE ' (1965:12)

UMA COLEÇÃO DE HISTÓRIA GERAL

Quando na introdução a série dos quatro livros ' de História Geral para o segundo grau ( História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea) Estevão Pinto chama atenção para

"As dificuldades que se oferecem aos professores na elaboração dos livros de História' destinados aos escolares"

estava expressando uma verdade indiscutível. Para todos os ' alunos brasileiros dos cursos ginásial e colegial na década de sessenta , quando surgiu a coleção, os poucos compêndios didáticos que se apresentavam eram, do ponto de vista didático pesados, cheios de inúmeras informações que primavam ' apenas para as descrições que tinham por suporte as datas, tão ao gosto dos positivistas ortodoxos.

A ausência de análises era patente, como patente era a falta de ilustrações como gráficos, mapas, fotografias, gravuras, que ajudam na compreensão e decodificação ' das mensagens.

A coleção que surge a partir de 1964 é um desdobramento melhorado do compêndio "História Geral , segunda série , curso colegial " de 1953. Percebe-se claramente nos ' textos o aproveitamento das informações e até de certas ' gravuras.

A nova coleção , cheia de informações inovadoras e reformulações , foi para os colegiais da época um despertar , um prêmio , porquanto as ilustrações fartas , supriam toda uma ausência anterior, mesmo assim, o autor critica ' as edições dos livros didáticos brasileiros no sentido da ausência de ilustrações artísticas à cores, quando os livros europeus e americanos são fartos dessas ilustrações ; desi-

ludido , afirma com pesar : "infelizmente , não me permitem fazer!"

Do ponto de vista da estrutura doutrinária da obra , o autor primou para oferecer aos alunos perspectivas para melhoria de nível , pois uma bibliografia seleta (quase ausente nas histórias didáticas anteriores) estava aliada a sugestão de pesquisas a serem efetuadas, bem como questionários "instigantes" , e mais um dado novo : vocabulário, que de certa forma melhorava demais a compreensão dos textos , sobretudo para alunos não afeitos a compreensão de certos termos técnicos próprios de línguas estrangeiras e sem possibilidades de acesso a uma biblioteca realmente aparelhada : uma das marcas deformantes do ensino , principalmente no Nordeste brasileiro.

A coleção que surgiu suprimindo as prementes necessidades ,apresentou-se como o que de mais avançado existia' em termos do Brasil de então.

..

## 2.3

OS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS SOBRE O NEGRO EM PERNAMBUCO:  
O PIONEIRISMO DE ESTEVÃO PINTO

Deparando-se em nossa dissertação com a indicação abaixo , o sempre atento mestre dos estudos afro-brasileiros, Roberto Motta, verificou uma antecipação

PINTO, Estevão. 1925. O Diário de Pernambuco como subsídio etnográfico. A Notícia , Recife , 7 nov.:1.

Propõe uma pesquisa a respeito de grupos africanos em Pernambuco , através de pesquisa nas páginas do Diário de Pernambuco, do Recife.

Aventou , aquele estudioso , a possibilidade de ser este um trabalho pioneiro em termos dos estudos antropológicos sobre o negro em Pernambuco.

Uma leitura atenta ao artigo, aqui colocado em Anexo, nos permite claramente vislumbrar a ausência de estudos desse jaez nesse Estado , vez que o autor , para reforço ou ilustração , cita apenas autores portugueses e, dos brasileiros somente fez referência a Sílvio Romero e João Ribeiro.

Um levantamento criterioso na bibliografia sobre o tema , demonstra que os estudos antropológicos sobre o negro em Pernambuco têm início na década de trinta. Assim , publicaram estudos nesse período : PERNAMBUCANO (1934) ; CAVALCANTI (1934) ; FERNANDES (1937,1938); RIBEIRO (1937,1946,1974) ; VALENTE (1952,1954,1955 A,1955 B). Um não pernambucano, mas que trabalhou com dados coletados em Alagoas e alguns dados em

Pernambuco, também começa nos inícios da década de trinta , é Arthur Ramos (RAMOS 1932 A ,1932 B,1934 ,1935 A,1935 B).

No artigo referido , Estevão Pinto conclama os estudiosos a realizarem uma tarefa sumamente importante e urgente : a de através dos anúncios de compra e venda de escravos , publicados nos jornais , possa-se fazer o levantamento dos grupos culturais africanos penetrados em Pernambuco , vez que torna-se impossível proceder tal levantamento em documentos manuscritos , porque em sua grande maioria tais documentos foram queimados por ordem expedida pelo então Ministro da Fazenda Rui Barbosa , por ocasião da Abolição da escravatura , com a finalidade de "apagar a mancha da escravidão".Devido a esse ato de puro vandalismo , o citado Ministro ordenava a destruição do que temos de mais caro : a nossa memória cultural.

A documentação contida nas páginas do Diário de Pernambuco , segundo Estevão Pinto ,

"pode servir de índice ao arrolamento variado e pitoresco das tribos africanas , domiciliadas entre nós.(...)

Poderiam os estudiosos registrar , com alguma fidelidade os diferentes grupos e tribos, que habitaram Pernambuco há cerca de cem anos".

Causa-nos surpresa verificar que três anos antes daquela data , em 1922 , a preocupação com os estudos sobre os grupos culturais africanos chegados a Pernambuco é patente.

Em sua obra de título "Pernambuco no século XIX" (PINTO,1922),em dois capítulos ,refere-se a essa idéia ao comentar :

"Curiosa a ciência etnográfica da época.Curiosa e incongruente. Os filhos da África'

tinham um nome : 'escravos da nação'. E , da classificação indistinta , nasciam a ' troche e moche : os cabindas e os congos , os quissamas e os moçambiques , os bengue-- las e os cassanges , os libolos e os loan- dos.

Variavam os caracteres (físicos).(....)

Pitoresco o método identificador dos anúncios da quarta página. Desse modo , vínhamos a saber que ' Vicência , da nação da Costa , bem desbarrigada , um tanto fula , bonita figura , ladina e retórica , que vestia saia e camisa de madapolão ' , tinha fugido de certa moradia de casa térrea".(....)

IN: "O negro fujão", pp.29-35 ; citação , p.32.

E complementa em outro artigo do mesmo livro

"Em toda esquina , em toda praça , em todo aterro , os negros , cativos ou forros, da Guiné ou do Marfim , jalofos ou mandingas, cabindas ou bantus , carregados de baldes , de caixões , de tabuleiros, -constituíam-se figura integrante e sofredora das artérias".

IN: "As ruas do Recife em 1840" , pp.125-133; citação p.133.

Amaro Quintas , prefaciando a obra de Waldemar Valente "Sincretismo Afro-brasileiro" (VALENTE, 1976) faz uma espécie de balanço dos estudos antropológicos que se faziam ' em Pernambuco , sobretudo no Recife, até 1955. Esse balanço é

feito como vôo de pássaro ; aquela visão geral , não detalha da e sem compromissos , que sempre se faz , e onde não há um criterioso rigor metodológico onde se sinta a procura incessante da verdade.

Nesse balanço ,nem de longe atenta o historiador para o pioneirismo do Estevão Pinto, embora o cite nominalmente ; do mesmo modo procede Waldemar Valente , amigo pessoal e admirador de Estevão.

Para usar as palavras de QUINTAS

"Pernambuco tem , nos últimos tempos , tomado a dianteira em relação aos estudos afro-brasileiros. Essa situação é um reflexo do fato de ter partido daqui ,nesta primeira metade do século , a atitude de estudar-se dentro de um critério sociológico , o elemento negro , e , ao mesmo tempo , de se ter tentado criar um ambiente favorável à prática dos cultos africanos".(...)

"Magnífica equipe de estudiosos (...) existe no nosso Estado. Dessa equipe faz parte o professor Waldemar Valente ,(...) integram-na , como outros componentes, Estevão Pinto, René Ribeiro , Gonçalves Fernandes , merecendo também referência o grupo de antropólogos que , embora não estejam diretamente interessados , de modo exclusivo , com os problemas afro-brasileiros , têm produzido trabalhos valiosos sobre antropologia e antropologia social , orientados pelas mais modernas técnicas e tendências da biotipologia. Refiro-me ao grupo de oficiais médicos da Polícia Militar de Pernambuco, (que desenvolve) pesquisas sobre o tipo antropo-

lógico do homem nordestino".pp.IX,XI e XII.

A sugestão de Estevão Pinto , embora datada de 1925 , só foi empreendida no início da década de sessenta , através da pesquisa de Gilberto Freyre , de título "O escravo nos anúncios de jornais do século XIX" (FREYRE,1963 ; 2ª ed. 1979).

Nas duas edições da obra , Freyre não fez a menor referência a "sugestão" de Estevão Pinto , ao contrário , na Introdução à primeira edição da obra , desconheceu estudos ou mesmo exortações a respeito de tal prática ; são dele estas afirmações :

"Não consta aos modernos antropólogos brasileiros que tais avaliações já tenham sido consideradas através do estudo de anúncios de jornais.O mais que se conhece , em torno desse material e desse assunto , é a interpretação sociológica de anúncios de jornais empreendidas pelo Prof.Guy B.Johnson".FREYRE (1979 : XLVIII).

Pelo exposto conclui-se que , em verdade , o artigo de Estevão Pinto (PINTO,1925) é, como assinalou o Prof.Dr. Roberto Motta , pioneiro dos estudos antropológicos sobre o negro em Pernambuco ; concluímos ainda que as preocupações de Estevão Pinto sobre a mesma problemática datam de antes : 1922 , quando publicou a obra de caráter histórico-social de título "Pernambuco no século XIX"(PINTO,1922).

Lamentamos a falta de reconhecimento da antecipação , pois, ao ser aceita a "sugestão" , o autor dela foi absolutamente esquecido.

O "DIÁRIO DE PERNAMBUCO" COMO SUBSÍDIO ETNOGRÁFICO \*

ESTEVÃO PINTO

Tinha razão Alfredo de Carvalho quando afirmava , nos Anais da Imprensa Periódica , ser o Diário de Pernambuco ' "Um repositório inexaurível de fatos instrutivos da nossa evolução cultural".

Inexaurível e inexplorado.

No segundo quartel do Séc.XIX, por exemplo , a ' Gazeta do velho revolucionário Antonino José de Miranda Falcão constituía ( a frase é arrojada ) uma fonte histórica , subsidiária , mas flagrante , para servir ao estudo etnográfico da população negra de Pernambuco , no tempo do Primeiro Império.

Realmente, nada nos parece tão curioso quanto o modo inédito e característico , por que, eram redigidos os ' anúncios de compra e venda de escravos, incertos nas últimas páginas daquele jornal. Ao lado do vasto léxico colonial, quase todo eliminado da linguagem corrente ou atual, - os palanquins, as tipóias, as bichas de Lisboa , as canoas de água e de carreira , os chapéus de borges , os objetos de casquinha, etc. , os anúncios a que nos referimos , podem servir de índice ao arrolamento variado e pitoresco das tribos africanas, domesticada entre nós.

Vejamos alguns deles :

"Desapareceu uma negrinha por nome Francisca, mole cota regordete , vestida em camisa de bretanha , da nação ' Rebolo , com marca de ferro de sua terra no meio do peito".

Este outro :

"Quem quizer comprar um escravo da Costa , de bo-

nita figura , sadio ,forçoso , corpo proporcionado , sem vício algum , muito bom carreiro , tripeiro e mariscadeiro, já ladino , é favor procurar o dono , na morada de casa térrea ,à rua tal , número tantos".

Ainda :

-Vende-se uma preta da nação moçambique,por não querer servir sua senhora , espigada de corpo , nariz chato, fula , com sinais na cara da mesma nação.Lava de barrela e engoma liso".

Finalmente: - "Fugiu um negro , do gentio , da Angola ,ainda boçal , cabeça puxada para traz , cara brunhida , olhos afumaçados , orelhas e beiços furados , talhos ' nas costas de antigas feridas.Vestia calças de brim e jaqué cinzento de soldado do batalhão da côrte.Qualquer Capitão de Campo ,que o encontrar , será bem recompensado".

Uns tinham a "cor alatoada" e sabiam "cozer chão", outros eram "caranguejeiros" e andavam vestidos em "jaquetas de pano abandado de azul " e a enumeração indistinta ia,aqui e alí , registrando as particularidades próprias da raça ' mais sofredora e triste , que jamais existiu no universo, - angolas , cabindas , minas , cacanges , congos , nagores , ' calabares , guinés , loandas , magos , muxicongos.

O negro , no Brasil , anterior a lei da libertação , entre a capacidade do branco e a indolência do indígena , foi o elemento mais fértil e proveitoso do grande drama da colonização ; classificado pela linguagem seiscentista - uma "peça de serviço " - e perseguido pelos rastejadores , introduziu na música brasileira a nostalgia das senzalas , sobrepôs a inoculação moral dos mitos o quociente da mestiçagem difusa e recusada , temperou o caráter nacional , e enxertou na língua um vocabulário riquíssimo e variado.

É verdade que , de certos tempos a esta parte , autores portugueses como Sampaio Forjaz , Ernesto Vasconce-

los e A.F.Nogueira , "forçados a estudar o negro ,porque ' têm de se avir com ele em suas dilatações coloniais" (Literatura Brasileira,Sílvio Romero e João Ribeiro , pág. XLV,Rio, 1906) ,sistematizaram o assunto , procurando destrinçar a malha confusa , que envolvia o problema etnográfico africano.

Assim, graças a tais estudos , cotejados com a velha coleção do Diário , poderiam os estudiosos registrar ,com alguma fidelidade os diferentes grupos e tribos , que habitaram Pernambuco há cerca de cem anos.

E, aqui , fica lançada a sugestão.

...

\* A Notícia ,Recife ,7 novembro 1925 :1.

Cópia do original feita pela Prof.Zuleica Dantas Pereira , aluna do Curso de Mestrado em Antropologia , Universidade Federal de Pernambuco,1992.  
Para efeito de melhor leitura , preferimos atualizar a ortografia.

## 2.4.

A OBRA ETNOLÓGICA

O presente ítem de título "A obra etnológica" , é a parte da Dissertação onde procuramos analisar as quatro principais obras etnológicas de Estevão Pinto ,que são : "Os indígenas do Nordeste" em dois tomos , "Etnologia Brasileira (Fulniô - os últimos tapuias)" , "Muxarabis & Balcões e outros ensaios" e "Introdução à História da Antropologia"( em cinco boletins).

Na análise , procuramos discutir principalmente as questões mais controvertidas e polemizadas pelo autor, bem como tencionamos verificar a sua legítima contribuição pessoal à ciência antropológica.

Observa-se que esta visão analítica possui certos claros , que foram perpetrados,verdadeiramente, com o propósito daquilo que estávamos pretendendo priorizar ; afinal , sempre é crucial a questão de optar pelo mais importante contido em certas obras !

Estudo que possui este caráter , por mais que queiramos dar objetividade , é sempre subjetivo e nunca definitivo ,mas pelo menos , resta-nos o consolo de ter tentado ascultar os interesses teóricos perseguidos pelo mestre em sua trajetória.

Para efeito de melhor discussão , procuramos examinar a obra "Os indígenas do Nordeste" em dois tomos ,como se fossem duas obras independentes ,este artifício didático , de maneira nenhuma prejudica a visão de conjunto ,como se poderá ver a seguir.

PINTO, Estevão.

1935. Os indígenas do Nordeste. Tomo I. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Col. Brasileira, Vol. XLIV. 280 p. Ed. ilustr. com 45 desenhos e mapas. (Introdução ao estudo da vida social dos indígenas do Nordeste brasileiro).

Estrutura da obra

Cap. I - Atual estudo dos problemas arqueológicos e etnográficos do Brasil ;

Cap. II - O desenvolvimento da etnografia indígena no Brasil : classificação dos grupos ;

Cap. III - O indígena e o colono.

-Conclusões.

"Aos alunos principiantes em etnologia brasileira costumo recomendar, como um dos meios fáceis para ter uma idéia dos nossos índios; a obra sobre 'Os indígenas do Nordeste' do professor Estevão Pinto. Os dotes do excelente divulgador e metuculoso bibliófilo (...) distinguem este erudito autor".

BALDUS IN: Homenagem do Colégio Estadual do Recife : 7.

Ao fazer esta afirmação Herbert Baldus está demonstrando claramente que apesar do título 'Os indígenas do Nordeste', não trata a obra propriamente dos grupos indígenas encontrados nestas regiões, trata-se antes de uma visão abrangente de toda a problemática no Brasil; a questão nordestina aparece em meio às afirmações sobre grupos de outras regiões.

Em nosso modo de entender , o autor poderia muito bem ter denominado sua obra de "Indígenas do Brasil" e o título seria desta forma muito bem justificado.

A explicação pela qual os indígenas do Nordeste brasileiro aparecem em um segundo plano na obra , é devido a quase ausência de estudos sobre a questão até 1934 ou 1935 , época da confecção da pesquisa. A flagrante inexistência de esclarecedoras obras no período é demonstrada em ROCHA (1990 : 19-27) , quando constata que até 1934 , os autores que publicaram estudos, trabalhos, notas sobre os indígenas do Nordeste e que concorreram com apenas um estudo foram : Aluísio Bezerra Coutinho , Pe. Alfredo Dâmaso , Elias Herckman , Raimundo Lopes, Mário Melo , Carlos Estevão de Oliveira, Otto Quelle , John Duval Rice , Carlos Pereira Studart Filho ; e com a quantia de três estudos , apenas Pompeu Sobrinho.

Esses trabalhos citados , em maioria artigos de jornais ou de revistas e não obras exaustivas , não permitiriam ao autor ir além do que foi , nem estavam certamente , nos seus propósitos fazer pesquisas de campo , que seriam desenvolvidas em obras posteriores.

A explicação do título não condizer com a temática desenvolvida é a falta de estudos basilares sobre a questão no Nordeste , que permitissem ao autor focalizar os grupos étnicos de forma demorada , e não como pretende MAUÉS (1976? :38), quando avalia :

"pelo fato de generalizar demais, não consegue (Estevão Pinto) se ater ao tema que se propôs".

A ausência completa e total de introdução ou prefácio, até de agradecimentos , onde o autor procurasse demonstrar os seus objetivos , as propostas teórico-metodológicas a serem empregadas, e mesmo detalhes empíricos, por exemplo como conseguiu publicar a obra naquela prestigiada coleção ,

nos impossibilita de ter idéias em dois ângulos : de um lado, os aspectos formais da elaboração e do outro , os aspectos ' práticos de como chegou a publicar : que canais obteve , quais as dificuldades enfrentadas, quem o introduziu ou quem o motivou a realizar tal tarefa.

Diante da ausência de certos dados definidores ' concretos , algumas ilações são possíveis de se pensar : Em 1937 , quando Estevão Pinto publicou pela Companhia Editora ' Nacional na Coleção Biblioteca Escolar Brasileira a "História da Civilização, para a 1ª série" , a direção da Coleção ' estava entregue a Aníbal Bruno , estudioso pernambucano que fora Diretor da Instrução Pública , no Recife. A Companhia ' Editora Nacional, além de abrigar a coleção referida , também editava a Biblioteca Pedagógica Brasileira , onde se situava a Coleção Brasiliana.

Estaria Bruno na direção da coleção Biblioteca ' Escolar Brasileira no período de 1934/35 e teria indicado a Fernando de Azevedo, diretor da Brasiliana, o nome de Estevão Pinto para publicar o seu "Os indígenas do Nordeste" ? Infelizmente , repetimos , na obra não há a menor pista que nos permita resposta.

Do ponto de vista metodológico "Os indígenas do Nordeste", Vol. I é ensaio puramente bibliográfico, e por esse ' caráter MAUÉS (1976:30) o classifica apenas como "obra de vulgarização (não) estudo científico !" É pesquisa onde o autor toma por referencial de um lado os registros dos cronistas, naturalistas e viajantes e de outro lado emprega conceitos de autores brasileiros , dentre os quais Roquete Pinto , Gilberto Freyre e Oliveira Viana ; apoia-se ainda em autores estrangeiros como Alfred Métraux , Paul Erenheich, Lévi-Bruhl' e Sigmund Freud ; os dois primeiros tendo estudos sobre alguns aspectos das sociedades indígenas brasileiras.

Certos aspectos tendentes para a antropologia física encontrados nessa obra são compreensíveis, pois na época, sinônimo de Antropologia para certos grupos de estudiosos eram os estudos sobre questões atinentes a origens de grupos étnicos, antropometria, grupos sanguíneos, paleontologia, inscrições rupestres e similares.

A consciência de que a antropologia brasileira estava na década de trinta em uma fase quase embrionária, portanto longe de realizar o seu papel como interpretadora da cultura do homem brasileiro, mas que apesar disso existiam esforços individuais, predispostos a cometer uma arrancada qualitativa, está presente em Estevão Pinto, quando afirma:

"A etnografia brasileira não ultrapassou(...) a fase por assim dizer analítica". PINTO (1935: 249).

Tentando contribuir de alguma forma para essa arrancada, inicia sua obra "Os indígenas do Nordeste" criticando a falta de pesquisas de campo que possibilitem a descoberta de achados arqueológicos e desta forma dessem margem a

"Alterar o aspecto geral do mapa paleontológico do Brasil. A pré-história desse trecho da América Antártica - afirma - continua a ser um enigma, mal revelado nas jazidas arqueas, cujas descobertas se devem, muitas vezes ao acaso. (...)

Já hoje não podemos afirmar, com muita convicção, a autoctonia de suas populações. A própria antiguidade do ameríndio é teoria, que não assenta ainda em alicerces bastante sólidos". PINTO (1935:9-10).

Para o autor, os indígenas brasileiros têm estágio cultural todo próprio, independentemente de ligações com'

Povos que tiveram cultura muito avançada no passado ; não são os aborígenas brasílicos substrato de povos que possuíram 'apanágio em tempos remotos ; a afirmação vem em discordância' com o pensamento de Von Martius.No entender de Estevão Pinto

"Não é possível aceitar a teoria de Martius, segundo a qual os selvagens brasileiros são restos degenerados de uma raça de estágio cultural outrora avançado.A hipótese do botânico bávaro afigura-se-nos um mito das 'proporções do El-dorado".PINTO (1935:11)grifo nosso.

Em reforço a sua afirmativa, assevera que

"outros vestígios de antigas civilizações,' perdidas no solo pátrio , não passam , afinal , de cuentos mais ou menos fantásticos. (...)

No Brasil encontram-se centros paleontológicos que , à primeira vista , denotam a passagem por nosso território, de povos de 'cultura relativamente avançada".PINTO (1935 :11-12).

A expressão "que, à primeira vista..." , por nós grifada , quer denotar uma crítica do autor a ausência de estudos aprofundados nessa área , o que possibilita a certos estudiosos interpretar com fantasias determinados fenômenos,alguns até de caráter puramente físico , atribuído por certos 'autores como sendo de produção humana ; afirmativas chegam a se apresentar tão "científicas" ,que são repetidas ao longo 'dos anos , como verdadeiras.A história dos achados arqueológicos no Brasil está cheia delas !

Nesta altura da análise, duas críticas merecem 'considerações : a primeira delas é que Estevão Pinto ,comun--gando com o pensamento de Roquete Pinto , integra o campo da

arqueologia como parte integrante e imprescindível da etnografia , considerando esta como "ciência das culturas" e não a particularizando para culturas indígenas. Essa visão integrativa , constituía na época erro descabido.

A segunda é que a p.39 de sua obra , no texto e na citação da nota de nº 1 , comete visível engano : o estudo "Vestígios de raças pré-históricas na Viçosa" , não é de autoria de Studart Filho , e sim de Alfredo Brandão , estudioso alagoano. Na numeração das notas de pé-de-página , dois enganos : o número 1 , corresponde ao trabalho de Alfredo Brandão e o número 2 , a pesquisa de Studart Filho. As notas foram postas como se as duas citações correspondessem aos trabalhos de Studart Filho , que publicou observações sobre os indígenas do Ceará.

Tratando a respeito de inscrições rupestres , Estevão adere ao pensamento de Alfredo de Carvalho , para quem os povos primitivos da América do Sul, a exceção dos astecas, não possuíam sinais próprios para transmitir suas idéias ; os astecas , sim , em sua visão , eram donos de escrita convencional e hieroglífica. A adesão a Carvalho está contida na citação seguinte :

"As inscrições lapidares (...) têm dado aso a fantasias e robinsonadas das mais exdrúxulas. Delirantes adeptos de civilizações antiquíssimas , perdidas no solo brasileiro , ou partidários de incursões de povos históricos nas plagas ermas da América Antártica, vêm atribuindo a essas toscas itacoatiaras significacão maior do que delas é possível esperar : por pouco não veio o próprio Salomão lavrar os epitalâmios da Sulamita nos alcantis rupestres dos sertões brasileiros. A outros , porém, de espírito demasiadamente cé-

tico, afiguram-se as inscrições lapidares simples manifestações artísticas, sem nenhum caráter simbólico, ou meros produtos de ócio (ludus homini) próprios do índio sul-americano, criatura do momento, que não se preocupava com o futuro 'e estava' longe de cuidar de legar documentos às gerações vindoras".PINTO (1935:40)

A citação seguinte, constitui uma atenuante a negativa anterior :

"Reconhecemos que, à custa de caprichos e ficções, é possível, segundo a observação de Koch-Grünberg, ler tudo o que se quiser nas inscrições; mas negar qualquer valia simbólica às piedas pintadas (...) é cair em um não menor erro. Do muito que se tem escrito a propósito do assunto já se podem tirar conclusões, não enquadráveis em nenhuma das duas teorias extremistas".PINTO (1935:41).

E conclui em forma de questionamento, para depois destilar preconceituosamente a idéia de que as inscrições rupestres

Não são (...) manifestações artísticas ou culturais, visto desta forma :

"Qual das interpretações parece mais aceitável? O erro, ao nosso ver, está justamente no critério unilateral, com que se estudam fatos por isso mesmo flagrantemente complexos. Todas as inscrições não são caracteres ideográficos. Não são, tampouco, manifestações artísti--

cas ou culturais. A verdade. A verdade é que há inscrições de caráter religioso ou propiciatório, como os há de feição puramente artística (passa-tempos ociosos, no dizer de Richard Andree) , ou mesmo de valor comunicativo e ideográfico".

São duas ordens os fatos favoráveis à hipótese de significação religiosa de numerosas inscrições rupestres sul-americanas : a) localização de certos glifos em trechos inacessíveis, comumente à face das águas ou nas cercanias das cachoeiras ; b) certas funções pré-lógicas das sociedades inferiores, que atribuem a todos ou a quase todos os objetos poderes místicos ou mágicas (Lévy - Bruhl)". PINTO (1935:53). Grifo nosso.

"A solidez da lage (onde são feitos os litóglifos e as petrografias ) a espessura dos sulcos e a posição sobranceira desses glifos inutilizam (...) a tese negativista de Kock-Grünberg e de Alfredo de Carvalho, a saber, que sendo o índio por natureza ignavo e indolente, a profundidade dos traços, em matéria tão rija, explica-se pela colaboração de muitas gerações sucessivas (...). Ou, tal inércia não se compadece com o esforço' que o selvícola teria de despender , na construção de figuras traçadas em alcantis' perigosos e dificilmente acessíveis.

Notável também é a circunstância de se acharem as itacoatiaras próximas, quase sempre, das cachoeiras, ou à face das águas. O esturro do Itu, que, como o pélagos, ameaça a

segurança do barco, tem, na mentalidade pré-lógica do homem primitivo, uma tão grande influência quanto a Itapuna rócnea, que emerge da água barulhenta e com ela vive associada. Em (...) Among the Indians of Guyana, Everard F. Im Thurn observa que raro é o rápido, ou corredeira guianense à qual os indígenas não ligem algum naufrágio ou acidente, e, por esse motivo, as inscrições lapidares encontram-se, de preferência, em tais lugares". PINTO(1935:56-57).

Descrevendo as formas contidas em determinados desenhos rupestres, o autor se detém em certos detalhes para si importantes, com o intuito de chamar atenção para uma aproximação com as interpretações psicanalíticas de Sigmund Freud, que, entende poder explicá-las:

"Merece atenção a abundância dos símbolos sexuais (répteis, aves, peixes, pênis, certas partes corporais, demônios, plantas, ondas, corpos celestes), que a psicoanálise reconhece". C.F.S. Freud, 'Introducción a la psicoanálisis, I, 191 e seg., Madrid, 1929". PINTO(1935:59, nota 1).

Em Lévy-Bruhl, apoia-se buscando interpretação equilibrada e para quem

"As representações coletivas das sociedades inferiores (...) diferem profundamente de nossas idéias e conceitos. De modo diverso vêm os selvagens os fatos, mesmo os da mais palpável realidade. Escapa-lhes tudo o que enxergamos, embora, em compensação, alcancem coisas das quais nem sequer fazemos'

idéia. Sua atividade mental é mística. A água, o vento, a chuva, o luar, o trovão, a tempestade, as estações não são percebidas pelo selvícola de maneira idêntica à nossa. Nas sociedades totêmicas, o animal, a planta, a pedra têm afinidade com o grupo social e com ele relacionam-se misticamente". PINTO (1935:63).

"Os próprios objetos de fabricação impregnam-se de qualidades místicas".(...)

"E, como todas as coisas existentes têm propriedade mística, não há distinção, na mentalidade do homem 'primitivo', entre os seres vivos e os seres inanimados". PINTO (1935:65).

O fato de se fazer um desenho de animal ou pessoa

"Por uma associação de mecanismos puramente místico, a imagem pode, afinal, tomar o lugar do modelo e adquirir suas propriedades ou sua natureza intrínseca".(...)

"Muitas das inscrições lapidárias do Brasil, em suma, estão a denunciar, por sua natureza e sede, o espírito pré-lógico ou místico dos nossos selvagens. O caráter de certos debuxos(...) indica por esses glifos rupestres que foram traçados com intuito propiciatório ou mágico. Lembremo-nos que o homem primitivo é indiferente ao nosso espírito experimental e às mais flagrantes realidades. Seu mundo é povoado de seres, que possuem, além dos atributos por nós reconhecidos outras muitas propriedades imperceptíveis à

à nossa razão e ao nosso entendimento".  
PINTO (1935:66)

A legenda da gravura de uma

"calota craneana encontrada no Ceará por  
Guilherme Schüch de Capanema (1859).Acima  
das arcadas superciliares, salientes e es-  
pessos, nota-se profundo sulco; a fronte'  
decai rapidamente para trás : 'a um crâneo  
assim constituído deve ter correspondido um  
grau de inferioridade intelectual muito pró-  
ximo aos dos macacos antropomorfos', dizem '  
Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto".PINTO '  
(1935:69).Grifo nosso.

A aceitação irrestrita das teorias de Lévy-Bruhl ,  
como apoio para a análise da psicologia dos índios,apontada '  
como não satisfatória por BALDUS (1954:542-543) e MAUÉS(1976?  
:39), foram revistas pelo próprio Estevão Pinto,mas sem abomi-  
na-las.No segundo volume de "Os Indígenas do Nordeste", PINTO  
(1938:43,nota 1) há a ressalva, ou desconfiança de sua vali-  
dez:

"As teorias de Lévy-Bruhl, imprescindíveis'  
a quem estuda a mentalidade dos povos ele-  
mentares, sofreram objeções por parte de '  
Le Roy,Franz Boas, R.Allier,Brunschvicg e  
outros.As atividades mentais foram, recen-  
tamente,objeto de uma explicação psicanalí-  
tica por parte de Freud e seus discípulos .  
Um balanço nas principais teses sobre a men-  
talidade do indígena vamos encontrar em '  
A.A.Goldenweiser,Early Civilization,330 e  
segs, , Nova York,1932".

Ainda no mesmo volume,PINTO(1938:189,nota 1)o au-  
tor parece estar convencido das dubiedades contidas nas teo-

rias de Lévy-Bruhl, quando setencia :

"Na realidade, a tendência filosófica moderna propende a mostrar que não existe diferença irreduzível entre o selvagem e o homem civilizado Cf. Raoul Allier, Le non civilisé et nous, Paris, 1927"

No entanto, mesmo fazendo as ressalvas apontadas, não deixa de se apegar a essas idéias e usa-las em todo o segundo volume de "Os indígenas do Nordeste", e mesmo anos depois, quando escreve a "Introdução à História da Antropologia" PINTO (1967:55-56) em meio as demonstrações dos enganos cometidos por Lévy-Bruhl, volta a insistir sobre a importância do pensamento desse estudioso, quando afirma :

"Já no fim da vida Lévy-Bruhl renunciou à noção da mentalidade pré-lógica. Leeuw todavia observa que essa mentalidade, não sendo exclusiva dos tipos arcaicos, pois existe na criança, no alienado e no civilizado adulto, é estrutura peculiar ao espírito humano e nada melhor do que estudá-la, em estado mais puro, nas sociedades primitivas. Nessas condições, como diz Cuvillier, a questão permanece aberta e Leenhardt, recentemente demonstrou a riqueza do pensamento de Lévy-Bruhl.

Lévy-Bruhl e Durkheim mantem-se indispensáveis ao estudo da psicologia étnica, em cujo campo preponderaram Wundt, Kohler, Benedict, Mac Dougall, Drever, Seligman, Blackwood, Rivers e Klineber".

Interessante é notar que ao antropólogo Waldemar Valente, amigo e companheiro de Estevão Pinto, coube perceber que já

"em 1934 , o etnólogo e sociólogo gaulês ' (... ) apresentava um plano de revisão desse ' seu conceito. É a dedução a que se chega, lendo-se uma carta de Lévy-Bruhl a Evans-Pritchard".

Essa afirmação está contida no prefácio de Amaro Quintas a VALENTE (1976:XIV). Valente não conseguiu , -como seria possível fazer , dadas às ligações-, influenciar ou demonstrar a Estevão Pinto que o pensamento daquele estudioso merecia ser repensado.

Revedo criticamente na atualidade o pensamento de Lévy-Bruhl no que tange as idéias de mentalidade pré-lógica , Antonio Cândido aponta

"A atitude correta seria investigar a atuação variável dos estímulos condicionantes , pois a mentalidade do homem é basicamente a mesma , e as diferenças ocorrem sobretudo ' nas suas manifestações , estas devem ser relacionadas às condições do meio social e cultural. Isso explicaria por que os comportamentos, as soluções , as criações variam tanto ' no primitivo e no civilizado, sem que se possa falar em mentalidade pré-lógica". CÂNDIDO ' (1965:25).

Dante Moreira Leite encerra os comentários sobre ' as teorias de Lévy-Bruhl, apontando que

"O erro da teoria é supor que o civilizado ' é sempre lógico e o primitivo pré-lógico , quando, na verdade, todos os homens apresentam os dois tipos de pensamento , ainda que ' se pudesse dizer que, quanto mais próximos ' da ciência, mais lógicos nos tornamos". LEITE ' (1983:261).

Questão crucial para os antropólogos que trabalhavam nas décadas de vinte e trinta do nosso século, era a problemática que envolvia o desvendamento das origens do homem americano. Por desconhecer as pesquisas renovadoras de Paul Rivet, contendo a sua tese de ondas migratórias sucessivas: australiana, melanésica, polinésica, asiática, mongólica e urálica, tendo o aval não apenas em dados somáticos, mas culturais e lingüísticos, Estevão Pinto aceitou a tese do pan mongoloidismo proposta por Alex Hrdlicka, com tanta cientificidade de provas, que contagiou e entusiasmou os antropólogos de então.

Depois de examinar criticamente as diversas teorias sobre o povoamento da América, Estevão Pinto concluiu que essas variadas assertivas formam um

"cipoal de controvérsias, muitas vezes estéreis; mas vem adquirindo foros de truismo a procedência mongólica dos ameríndios. (...)

Em prol da origem nordasiática dos aborígenes americanos já se pronunciaram cientistas da estatura de Franz Boas e Alex Hrdlicka. Sígnos mongoloides foram encontrados em alguns tipos étnicos do antiplano andino (Artur Posnansky); (...) Trombetti, finalmente, já procurou demonstrar através de estudos glotológicos, que os indígenas da América pertencem a uma 'raça única', do tipo mongólico, cujá fonte teria sido o estreito de Bering, - tão vizinhos dos demais tipos que, se o ameríndio fosse autóctone, a humanidade seria originária da América. As migrações devem ser, com toda a certeza, post-quaternárias, realizadas após o recesso definitivo das glaciares hiperbóreas,

as primeiras há cerca de dez mil anos , as últimas ,há uns cinco mil , quando, então, adviriam à América alguns elementos culturais asiáticos".PINTO (1935:79-80).Grifo nosso.

É extrema a preocupação de Estevão Pinto relativa a classificação dos grupos indígenas brasileiros.

Criticando as classificações propostas e, apesar' das idéias de aceitação de Im Thurn e Ehrenreich pelo método' lingüístico,que opinam "o mais importante e o que melhor nos convém",PINTO (1935:91),Estevão comunga com as idéias de Roquette Pinto,para quem as classificações lingüístico-culturais não são satisfatórias e devem ser vistas com reservas; "amontamos material para o futuro", afirma Roquette Pinto IN:PINTO (1935:81).

Tentando dar uma contribuição pessoal aos problemas classificatórios dos grupos indígenas, elabora uma rigorosa revisão nos principais grupos lingüísticos brasileiros (pp.88-146),revendo também os grupos indígenas do Nordeste a partir da p.146, onde se sente a enorme falta de dados sobre' a questão.

Aplicando os conceitos de áreas lingüísticas aos' de áreas culturais,propostos por Clark Wissler, chega a afirmar :

"Parece que, mesmo no caso do Brasil, o critério sociológico deve sobrepor-se ao critério lingüístico".PINTO (1935:153) e explica:

"A verdade é que nem todos os distritos lingüísticos superpunham-se exatamente a áreas' de um mesmo tipo cultural, por isso que os fatos e complexos não se apresentam irrevogavelmente coesos ou idênticos no seio das diferentes famílias ,que constituem o grupo '

lingüístico e, não raro, mostram-se com as mesmas características em grupos lingüísticamente distantes uns dos outros".PINTO (1935:152-153).

Em crítica a aplicação das teorias de áreas culturais que atendam as peculiaridades brasileiras, assevera :

"A dificuldade do delineamento das áreas está na eleição dos fatos ou complexos que em conjunto constituem o tipo cultural". PINTO (1935:155)

E aponta erros em certas classificações realizadas:

"São defeituosos , em geral, os mapas de distribuição das chamadas culturas pré-colombianas da América, como o de Holmes, por exemplo, que as distribui em quinze áreas' (...).(Nesta classificação ) o Brasil limita-se a uma área cultural , a amazônica e orinoquense, o que é absolutamente falso". PINTO (1935:153)

"Thomas Whiffen (...) ao estudar os indígenas do noroeste amazônico, procurou fixar , em traços uniformes, a chamada cultura da floresta tropical, que se estende a quase todo o Brasil, quando é certo que, no íntimo dos próprios grupos estudados(...) seria possível descobrir numerosas áreas culturais distintas e independentes".PINTO (1935:154-155).

Analisando a obra de Gilberto Freyre "Casa Grande & Senzala" e "Indígenas do Nordeste" .Vol.I , de Estevão Pinto , Florestan Fernandes chega a conclusão que estes autores

"enfrentaram temas (...) que não podiam ser examinados mediante o simples aproveitamento dos resultados de investigações anteriores". FERNANDES (1975:124).

Esse estudioso critica a afirmação de Freyre, endossada por Pinto, que assevera: dado o caráter de colonização europeu no Brasil, "o açúcar matou o índio". Para Fernandes

"Essas explorações demonstram o que ocorre na interpretação de uma situação qualquer quando o sujeito investigador utiliza insuficientemente os recursos da análise etnológica para explicar um processo histórico-social. (...)

A hipótese que lhes é subjacente de que os fatores dinâmicos do processo de colonização e, por consequência, do de destribalização, se inscreviam na órbita de influência e de ação dos brancos, seria a única etnologicamente relevante? Não seria necessário estabelecer uma rotação de perspectiva, que permitisse encarar os mesmos processos do ângulo dos fatores dinâmicos que operavam a partir de instituições e de organizações sociais indígenas? (...)

Não foi, positivamente, o açúcar que matou o índio. O processo de destribalização, no decorrer dos séculos XVI e XVII, foi condicionado pela expropriação territorial das populações indígenas e pelos processos decorrentes, que expuseram os indígenas, que não conseguiram se retrair além das fronteiras móveis do 'sertão', a condição heteronômica ou anômica de existência, nas relações

com os portugueses". FERNANDES (1975:128-129)

Criticando a forma dialética de educação dos jesuítas, principalmente quando esses padres procuravam através dos filhos, levar a nova "orientação" aos pais, Estevão Pinto esposa o pensamento de Gilberto Freyre, contido em "Casa Grande & Senzala", nos termos :

"O columim tornou-se cúmplice do invasor na obra de tirar à cultura nativa osso por osso, para melhor assimilação da parte mole aos padrões de moral católica e de vida européia ; tornou-se o inimigo dos pais, dos pagés, dos maracás sagrados, das sociedades secretas". PINTO (1935:202).

A ênfase explicativa recai em apenas uma das facetas do processo de deculturação ; muitas, muitas outras formas foram mais eficientes, e demonstraram que, mesmo com todo o rigor empregado nesse processo, os indígenas não aceitaram sem queixas as mudanças ; reações existiram e são facilmente percebidas ao longo do processo histórico brasileiro, demonstrando que à força empregada, correspondeu uma reação, mesmo que abafada à custa do sangue derramado e da dizimação de muitos desses grupos.

Em que pesem os senões e enganos apontados, a obra deve ser vista principalmente levando-se em conta a época de sua confecção e publicação, e sobretudo as dificuldades de elaboração, dada a ausência de fontes básicas.

É obra pioneira, erudita, acreditada e apesar do tempo de edição, ainda pode auxiliar e inspirar a todo aquele estudioso ou estudante que se aventure a rastrear o fascinante e misterioso mundo dos indígenas brasileiros.

PINTO, Estevão.

1938. Os indígenas do Nordeste. Organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro. 2º Tomo. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira, Vol. 112. 366 p. Ilustr.

Estrutura da obra

- Cap. 1-Vida econômica;
- Cap. 2-Vida econômica (continuação);
- Cap. 3-Vida econômica (conclusão);
- Cap. 4-As crenças religiosas;
- Cap. 5-As crenças religiosas (conclusão);
- Cap. 6-Outros aspectos da vida social dos nosso indígenas;
- Cap. 7-Conclusões.

Igualmente ao Tomo I, a obra não possui introdução, prefácio ou nota de agradecimento, por onde se possa entender, de um lado o processo teórico-metodológico de construção da obra, de outro lado, como o autor conseguiu ser recebido na Coleção Brasileira, no entanto, na nota 1, da p. 8, o autor traça alguns poucos objetivos do que pretende nesse Tomo II:

"sendo nosso intuito fazer antes de tudo uma obra de sociologia etnográfica, procuramos limitar o presente estudo às populações primitivas localizadas no Nordeste do Brasil, cujá documentação temos mais à mão. Por isso mesmo não nos interessava preencher o livro de nomes de coletividades indígenas extintas, quase sempre inidentificáveis e de nenhum valor em relação ao nosso estudo, como a re-

lação publicada no volume XXVIII dos Anais da Biblioteca Nacional. Os xucurus de Ararobá, por exemplo, cerca de cinquenta indivíduos, conservam restos de uma língua sem relação alguma com a dos carirís, carnijós, timbiras e guaranis, segundo o escasso material colhido por Curt Ninuendaju, em sua recente visita aqueles sertões pernambucanos. Os pancarus (sic) do Brejo dos Padres, em Tacaratu (Pernam.) são restos bastante de generados, cuja cultura parece ser idêntica à dos gês". PINTO (1938:8). Grifo nosso.

Afirmando que vai elaborar o estudo com a "documentação (que) temos mais à mão", está expressando o caráter de pesquisa que irá empreender: a bibliográfica, sem o auxílio da pesquisa de campo, que tanto poderia enriquecer, clarear e tornar os conceitos empregados mais condizentes com a realidade das condições existentes entre os grupos indígenas que irá trabalhar.

Ainda nesta nota 1, demonstra claramente a aceitação dos paradigmas básicos de Pitt-Rivers sobre a degeneração social de certos grupos indígenas, ao afirmar que os Pancararus "são restos bastante degenerados", numa orientação nitidamente difusionista, no que tange as idéias sobre a decadência cultural dos grupos indígenas. Estevão Pinto repete aqui, o que já afirmara em "As máscaras-de-dança dos Pancararus" (PINTO, 1953:7); a 1ª ed. é de 1938!) :

"Sociologicamente falando, os Pancararu estão degenerados, isto é, perderam o que Gilberto Freyre chama, com apoio de Pitt-Rivers, o potencial, o ritmo, a capacidade construtora da cultura".

Mesmo na década de cinquenta, não revê essa conceituação, voltando a falar em "degenerescência cultural" PINTO (1956:259) e a repetir

"perde o que Pitt-Rivers chama de potencial, de ritmo ou de capacidade construtora da cultura."PINTO (1956:217).

O segundo tomo de "Os indígenas do Nordeste" é iniciado com uma crítica às classificações lingüísticas e antropológicas ; começa o autor a levantar a questão, para depois aceitar ,mesmo com certas restrições ,os parâmetros da Escola Histórico-Cultural:

"O critério puramente lingüístico, aconselhado por Im Turn, Martius e Ehrenreich , tem sido, hoje em dia, aceito com muita reserva e, no dizer de Roquete Pinto , já não representa a última palavra no assunto".

"Os adeptos (desse critério) defendiam essa orientação baseado no fato de ser muito duvidoso que os selvícolas brasileiros, incultos e esparsos por natureza, pudessem impor sua língua a qualquer grupo alienígena sul-americano.Viu-se (por isso) que a teoria lingüística nem sempre era exata".PINTO(1938:8)

"Regeitou-se do mesmo modo, o critério antropológico, cujos vulgarizadores, entre nós para citar apenas alguns exemplos, foram João Ribeiro,Alberto Faria e Basílio de Magalhães.Difícilmente poder-se-á fixar o tipo antropológico do indígena brasileiro ,variável na tonalidade epidérmica , na constituição do cabelo, na estatura etc".

Os índios brasileiros, enfim "possuem todas

as variações somáticas da espécie humana. Surgiu, enfim, a escola cultural-histórica, da qual são principais propugnadores Gräbner, Foy, Schmidt, Koppers e Rivers. Entre nós' defende tal doutrina Fernando Augusto Pires, autor do precioso ensaio "A forma primitiva da família"(1930).PINTO (1938:9)

Passa a seguir a fazer críticas aos estudos sobre áreas culturais, desenvolvidas por Clark Wissler e a círculos culturais, trabalhados por Wilhelm Schmidt, quando afirma:

"É um tanto arbitrário dizer que os distritos culturais correspondem às divisões lingüísticas, por isso que nem sempre os fatos e complexos se apresentam irrevogavelmente coesos ou idênticos no seio das diferentes famílias divididas por esse último critério. E a dificuldade da escola de Gräbner e de Schmidt encontra-se justamente na eleição dos fatos ou complexos que, em conjunto, constituem o tipo cultural".PINTO(1938:10).

Como explicar traços culturais encontrados em povos sem nenhum contacto ?

"De acordo com o fenômeno das migrações (escola germânica de Gräbner-Foy), ou em virtude da convergência de elementos culturais vários (escola norte-americana de Boas) ? Eis outra dificuldade, embora secundária, em torno da qual se acham divididos os adeptos do conceito cultural-histórico. Essa dificuldade torna-se evidente quando temos em vista que os traços e complexos encontram-se frequentemente, como já se fez ver, em gru--

pos sem nenhum parentesco lingüístico".  
PINTO(1938:11).

"De um lado , o critério puramente lingüístico, obsoleto, de certo modo condenável e anti-científico ; de outro lado, o critério cultural-histórico, cujas dificuldades acarretam, por sua vez, não menor número de erros e falsas conclusões. O meio termo afigura-se-nos o melhor ponto de partida no estudo da organização e da morfologia social dos nossos indígenas.

Dentro das classificações lingüísticas , que, no Brasil, quase sempre coincidem com o traço histórico, esboçam-se mais nitidamente as aculturações. Eis como procuramos encarar o problema". PINTO (1938:12).

Critica a denominação cultura ou civilização material, por excluir de seu bojo , as formas sociais e ideológicas de pensamento e propõe a expressão vida econômica , mesmo que essa expressão mereça também reparos ; clarifica a idéia enfatizando que a denominação não exclui as funções mentais nem as formas ideológicas e sociais; o reparo a que nos referimos é assim expressado pelo autor :

"Poder-se-ia alegar que a expressão vida econômica, com que procuramos substituir a civilização material dos autores europeus , também conteriam preconceitos errôneos, uma vez que numerosas atividades de ordem moral, familiar, política, etc., alcançam o campo da economia. O argumento é razoável ; a substituição visou, porém, facilitar a narrativa. Atividades econômicas, religiosas, jurídicas, artísticas, são tudo de-fato, apenas "

atividades sociais".PINTO (1938:18)

Rechassa a expressão homem primitivo ,querendo designar o homem que viveu antes da invenção do primeiro utensílio, do advento da linguagem e do descobrimento do fogo ;do homem desse estágio,nada se sabe e, mesmo

"nenhum povo vive em estado propriamente primitivo(...).Tem razão O.Spengler quando diz que, desde que se conhecem esqueletos humanos, é o homem o mesmo de hoje".PINTO(1938:15; ainda em :56)

Os capítulos IV e V,de título "As crenças religiosas" que abarcam quase toda sua obra, indo da página 185 a 314 ,portanto abrangendo 129 páginas, é o mais importante,talvez ,pelas riquezas de propostas e soluções, também o mais polêmico da obra.

Nesses capítulos , a obra teórica básica a que se apega é o estudo de Alfred Métraux e para as interpretações, a obra de Lévy-Bruhl a que alia noções de psicanálise freudiana, aplicada especialmente aos mitos tupis.

No intuito de justificar as interpretações míticas dos tupis que irá proceder,chama atenção para a importância da visão de Lévi-Bruhl,contida principalmente na obra "Les fonctions mentales", mesmo entendendo e até chamando a atenção para o fato de a filosofia moderna demonstrar que não existe diferença irreduzível entre o selvagem e o civilizado.

Explica que

"De modo diverso do nosso vêem os selvícolas os fatos.A própria realidade em que se movem é mística.Suas funções mentais são impermeáveis à experimentação do homem civilizado.Não distinguem o espírito e a matéria. E , assim , graças a esse continuum a um tempo moral e físico,percebe-se a relação

que o pensamento do homem elementar acredita existir entre fenômenos considerados parcialmente idênticos, embora não haja entre os mesmos contato especial ou conexão causal inteligível (Lei da Participação). A Lei de participação, observa Arthur Ramos, 'Apresenta várias formas como o contacto, a transferência, a simpatia, a ação à distância, etc., que vieram trazer uma nova luz aos fenômenos do totemismo, da magia, do tabu, de todos os componentes, enfim das religiões primitivas". PINTO (1938:189-190).

"No estudo dos mitos ameríndios devemos ter em vista que os processos lógicos da mentalidade elementar possuem leis próprias e diferentes das nossas. Ao passo que a representação é para o homem civilizado um fenômeno sobremodo cognitivo, essa atividade mental, pouco diferenciada no homem selvagem, está muito impregnada de elementos emocionais e motores.

Lévy-Bruhl chamou a essas representações de coletivas (porque transmite-se, independentemente do indivíduo, de geração em geração) e propôs dar o nome de mística à tendência do espírito "primitivo" no sentido de acreditar em influências invisíveis, ou no sentido de atribuir a forças sobrenaturais os acontecimentos insólitos e aparentemente incoerentes". PINTO (1938:189).

Passa em seguida a constatar que a "psicologia profunda" (psicanálise) não contraria as teorias de Lévi-Bruhl, mas estuda as questões sob aspecto mais amplo. Freud iden

tifica a percepção mística do selvagem a Lei de Participação de Lévi-Bruhl ; com base nos estudos feitos com pessoas neuróticas , Freud concluiu ser a magia resultante do narcisismo,

"Observa que o sistema animista surge sempre em companhia de uma série de indicações a propósito do modo com que devemos proceder para dominar o espírito dos homens , dos animais e das coisas.A tal sistema de práticas dá-se o nome de magia".

"Freud rejeita o princípio que situa a associação de idéias na base da magia (Fra--zer).A teoria da associação não explica a essência,que impulsiona o homem selvagem a substituir as leis naturais pelas leis psicológicas.Em suma, o princípio que rege a magia,ou seja, a técnica do pensamento animista é, para os psicanalistas, a onipotência das idéias (allmacht der Gedanken),que é o predomínio concedido aos processos psíquicos em relação aos fatos da vida real.  
(...)

"O pensamento do homem elementar acha-se fortemente sexualizado, e dessa circunstância , derivou a crença,não só na onipotência das idéias,como na possibilidade de dominar o mundo".PINTO(1938:192).

"Psicanaliticamente , o mito, tal como o sonho, é uma espécie de válvula que permite liberar os impulsos mal contidos(...)

'Karl Abraham e Otto Rank - escreve Arthur Ramos - traçaram os primeiros paralelos entre o sonho e esta criação mágico-religiosa do pensamento : o mito.O sonho, no sen-

tido individual , representa o mito, no sentido filogenético".PINTO(1938:193).

Depois dessas considerações conceituais ou doutrinárias, passa Estevão Pinto a fazer a análise psicanalítica dos mitos tupis ; para dar uma idéia de como interpretou esses mitos, é bastante darmos dois exemplos de como trabalhou com os conceitos; para tanto, escolhemos os mais conhecidos : Tupã e Sumé.No entanto, antes de o fazermos , uma citação torna-se obrigatória , é que, embora aceitando as interpretações psicanalíticas, Estevão Pinto sente certos excessos que são necessários abominar, assim nos dá conta que

"Os exageros da psicanálise vem sendo hoje em dia, vantajosamente combatidos.Apenas será bom chamar a atenção do leitor para alguns aspectos dos complexos ligados à vida aventureira desses heróis".PINTO (1938:201).

Tupã simboliza a imagem paterna, o demiurgo, o ancestral, o antepassado.O significado do termo advem de Tupã pai e Ang =alma.

Sua semelhança com Mair-Manhã denuncia-se nos predicados sexuais a que se acha ligado (núvens, água, som, fogo).A idéia de ascensão acha-se sempre associada à de ereção.A água é emblema sexual, o som tem princípio fecundante.

Tupã, na mítica apopocuva, abandona o oeste para ir habitar no este ,onde se encontra a sua mãe (anseio de voltar ao seio materno).Nessa viagem provoca tempestades (protesto do super-ego ,advertência, censura).Acompanham-no dois servidores transformados em pássaros (símbolos sexuais).

Foi Tupã, no dizer de Fernão Cardim ,quem deu aos tupi as enxadas e mantimentos , essa circunstância o coloca na posição de deus civilizador.

Os omáguas identificam Tupã com Zumé (Somé).PINTO (1938:197-198).

Sumé filho de Mair—Munhã , Sumé forneceu alimentos e ensinou aos tupis as noções agrícolas. Com a chegada dos europeus estes identificaram Sumé com Tomé. Ao andar na terra, deixou sinais em certa rocha, sinais de pé (símbolo sexual).

Sumé vivia solitário em lugares ermos , fazia jejuns; Sumé era filho de Mair, que significa solitário. Faz exibicionismo narcísico : ser inacessível e invisível. O insulamento físico, relaciona-se ao misterioso. Outras manifestações narcísicas : prática de magia que introduz entre os tupis (não comer carne de animais lealdos , depilação).

"Os psicanalistas acreditam que a magia resulta da crença , em virtude da qual o selvagem pensa poder influenciar o mundo exterior à custa de suas idéias". PINTO (1938:200)

A abstinência de Sumé corresponde a auto-punição.

Sumé, em última análise é um desdobramento dos demais deuses civilizadores da mitologia indígena. Suas atitudes demonstram ambivalências : apodera-se dos atributos paternos , identifica-se com o pai ; narcisismo que corresponde ao desejo de tornar-se inacessível ; magia. Existência de asceta que corresponde a libertação do sentimento de culpa. PINTO (1938:199-201).

Buscando apoio para suas desconfianças em relação às interpretações psicanalíticas , Estevão cita duas opiniões que de certa forma constituem atenuantes para suas angústias:

"Malinowski após algumas reservas à exegese psicanalítica dos mitos. Embora reconheça a existência dos complexos familiares na constituição da mitologia indígena , acha que nas comunidades tipo matriarcal, as concepções míticas originam-se do ódio recalcado ao tio paterno. As teorias de Malinowski foram contrariadas por Ernst Jones, para quem o ódio re-

calçado ao tio paterno não passa de um disfarce do complexo edipiano. E Arthur Ramos, ao critica-las, chega à conclusão de que ' não existe antagonismo fundamental entre os culturalistas e psicanalistas: apenas os ' culturalistas ' se colocam no plano descriti vo e falham quando passam à interpretação ' genética, que é a grande obra da psicanálise, em hipóteses que ainda não foram destruídas em seus fundamentos". PINTO(1938:206).

Embora a obra tenha por subtítulo "Organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro", à organização social e estrutura social dedica apenas 26 páginas' no final do estudo (capítulo VI); os três primeiros capítu-- los que constituem quase a metade do livro, são dedicados aos estudos de "vida econômica", termo com que o autor substitui' cultura ou civilização material, nesses três capítulos, dá' também prioridade a ergologia e a tecnologia.

Do ponto de vista teórico, usa fartamente para as suas análises as teorias de Lévy-Bruhl, especialmente no que concerne ao pré-logismo dos povos primitivos ou "elementares" e algumas teorias de Freud; idéias de Alfred Métraux, teorias ' de Schmidt sobre círculos culturais e as de Clark Wissler, a respeito de áreas culturais, são também fartamente empregadas.

BALDUS (1954:543) critica o emprego das teorias de Freud e de Lévy-Bruhl, usadas principalmente nos dois capítu-- los sobre crenças religiosas, e MAUES(1976 ? :39) em severa ' crítica avalia que

"Para penetrar na psicologia do índio, não bas ta sentar-se na escrivaninha em Viena ou Pa-- ris e documentar com o material etnográfico ' (ainda tão escasso e, em geral subjetivo) ' "

trazido pelos viajantes, certas idéias pitorescas que não passam de brincadeiras intellectuais. É preciso conviver com o índio, observando-o sem preconceito, para, com o auxílio de certa intuição, poder chegar - talvez a uma ligeira compreensão de algumas particularidades psíquicas dele. E bem poucas, aliás. As explicações esquemáticas da alma do erroneamente chamado primitivo dadas pelos cientistas de gabinete são ridículas para qualquer conhecido dos povos naturais".

O estudioso da cultura indígena brasileira deve ter sempre em mente que, ao estudar uma obra datada de vários anos atrás, deve analisá-la levando em conta a época da elaboração e as inúmeras dificuldades encontradas em sua realização.

Estevão Pinto demonstrou claramente o que poderia um antropólogo bem intencionado fazer, propôs um trabalho pensando realizá-lo, conforme frisou, com os documentos disponíveis, e o fez de forma cabal e interessante, e se se aventurou em caminhos, anos depois tidos como errôneos, o fato de ousar, já merece fé e credibilidade: a ousadia da proposta! Vacillante ou não, foi levada a cabo e à época, entendida, compreendida, decantada.

Entendemos que, como o primeiro tomo, o segundo, embora não trate propriamente e somente daquilo que propõe o título, é uma análise séria, erudita, que pode esclarecer e motivar estudos atuais, se vista com olhos de verdadeiro cientista, aquele que se desnuda de preconceitos levianos, para pensar em termos sérios e relevantes.

PINTO, Estevão.

1956. Etnologia Brasileira (Fulniô - os últimos tapuias). São Paulo, Cia. ' Editora Nacional , Col. Brasiliana, Vol. 285.305 p. ilustr.

Estrutura da obra

- Cap. 1- Informações gerais;
- Cap. 2- Os dados etnográficos;
- Cap. 3- Os dados etnográficos (conclusão);
- Cap. 4- Uma cultura em mudança;
- Cap. 5- Conclusões.

Vocabulários da língua Yäthê , falada pelos fulniô.

Diferentemente da obra anterior - os dois tomos ' "Os indígenas do Nordeste" - "Etnologia Brasileira (Fulniô - os últimos tapuias)" ) é obra onde há passo-a-passo , a presença ' de dados resultantes de pesquisa de campo , feita com rigor em diversas viagens a Águas Belas (PE.) ; as críticas anteriores' a respeito de pesquisas de gabinete , agora não teriam proce - dência , pois o autor, como a replicar tais críticas, denota ' em cada página sua presença perante os caboclos , a quem inda - ga , argui, questiona.

De igual forma é obra diversa por possuir, não uma apresentação ou prefácio convencional , mas uma nota preliminar (pp. 3-31) onde se registram os dados que estão ausentes nos ' dois tomos referidos.

É através desta nota que o autor agradece a Anízio Teixeira , diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógi - cos , "sem cujo auxílio não teria sido possível a publicação do presente ensaio". PINTO (1956:7).

Os agradecimentos feitos pelo autor são de obriga - tória citação , pois através deles, podemos perceber alguns '

aspectos ou situações que permitiram a construção da obra: as dificuldades enfrentadas, as ajudas recebidas, as soluções encontradas a certos e determinados problemas.

Credita o autor :

"O serviço fotográfico coube a William Hutchinson e a Fernando Monteiro ;(...) duas fotografias, entretanto, me foram cedidas pelo Dr.Darcy Ribeiro e duas outras pelo professor Waldemar Valente.(...)

Os desenhos são de Ladjane Bandeira e de Almerindo Guedes.Incubiram-se do serviço datilográfico a Sra.Graziela Bruscky e minha filha Heloísa Hutchinson ; a Srta.Luísia Braga encarregou-se da tarefa de organizar o vocabulário português, com base no Yäthê -português, feito pelo professor Geraldo Iapenda.

Não devo esquecer a valiosa colaboração prestada pelos Srs.Gerson Maranhão e Audálio Tenório, fazendeiros e agricultores de Águas Belas.

E finalmente, o auxílio do Dr.Raimundo Dantas Carneiro e demais funcionários da IV Inspeção Regional de Proteção aos Índios (...).Registro ainda, os obséquios que me prestaram os professores João Emerenciano, diretor do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, o Sr. Alfredo Barbosa de Aguiar, do Arquivo do Departamento de Obras e Fiscalização dos Serviços Públicos,(...) a Sra.Eunice Robalinho Cavalcanti, da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife; o Sr.Francisco Caeté, da Biblioteca Pública do Estado(...), o Sr. Januário de Almeida, do Arquivo da VIII Delegacia Regional do Ministé

rio do Trabalho, Indústria e Comércio ; a Sra. Heloísa Alberto Torres , diretora do Museu Nacional (Rio de Janeiro) ; o Dr. Darcy' Ribeiro , diretor do Museu do Índio, (...) o Dr. Eugênio Gomes , diretor da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). Foram-me , também , muito úteis as informações prestadas pessoalmente , por Max Boudin, por Cildo Meireles e pelo padre Alfredo Dâmaso. (...).

(Em) viagens subsequentes , usei aviões do Aéreo Clube de Pernambuco".

A pedido do autor , o médico Aristeu Arruda fez pesquisas médicas em Águas Belas , elaborando diagnósticos ; o trabalho incluiu apenas crianças indígenas. PINTO (1956:27).

Entendemos ser relevante a transcrição de comentário circunstancial ocorrido em pesquisa de campo , onde o autor nos dá conta da esperteza ou da miséria dos índios:

"Em uma das minhas primeiras visitas à aldeia dos Fulniô levei numerosos presentes para os índios. Esgotados os presentes, tive de lançar mão de dinheiro, que me voou todos dos bolsos. Meu próprio cachimbo e minha própria lâmpada portátil caíram em poder dos caboclos. (...)

E o autor analisa o acontecimento, desta maneira:

"Continuamente explorados e ludibriados , os ameríndios habituraram-se , de igual modo, à velhacaria e aos processos de exploração. E já hoje é difícil corrigir um erro que vem de tantos anos". PINTO (1956:31)

A primeira informação contida na obra é a que o autor retira o grupo Pancararu da classificação dos Carirí , para situa-lo entre os gê ou tapuia , esse "approach" já havia sido feito em PINTO (1938) , na obra "Alguns aspectos da cultura artística dos Pancarus" ; na 6ª ed. desse trabalho, já com o título "As máscaras-de-dança dos Pancararu" (Pinto, 1953 a) a citação aparece às pp.6-7.

Critica a inclusão dos carnijó (fulniô) na classificação do grupo carirí , desse engano também o autor se penitencia , pois em PINTO(1935:138 e 151), assim o concebe , e Arthur Ramos na "Introdução a Antropologia Brasileira" p.281 , menciona às pp.64 e 289 , a "família Iatê e os "Iatê", sem se aperceber que yäthê é a língua dos fulniô , não denominação de grupo tribal.E

"Hohenthal refere-se, com desconfiança, à classificação , por mim feita, em 1935(Os Indígenas do Nordeste, I ps.153-159), das tribos consideradas da família Carirí.Só recentemente têm sido estudadas , em trabalhos-de-campo , os remanescentes indígenas até então considerados como pertencentes àquela família.O caso típico fulniô .Até então , eram quase todos os índios da bacia do São Francisco tidos como fazendo parte da chamada 'nação' carirí.Assim o fez Rodolfo Garcia , em 1922 e, posteriormente a mim, Arthur Ramos (1943).Mesmo atualmente , os erros continuam".PINTO (1956:44-45, nota 68).

#### FULNIÔ \* TAPUIAS :ANTECIPAÇÕES DE POMPEU SOBRINHO

Antes da proposta de Estevão Pinto de localizar os fulniô no grupo dos tapuias, Pompeu Sobrinho já o fizera , a

informação é dada pelo próprio Estevão Pinto :

"Sabe-se (conclui Pompeu Sobrinho) que no território pernambucano ainda se encontram as relíquias de um grupo interessantíssimo que se não pode referir a nenhuma das famílias étnico-lingüísticas até agora estudadas. Trata-se dos tapuias a que os tupis chamavam de carnijó e a que denominamos pelo nome tribal da maior cabilda subsistente, que é a dos Fulniô". PINTO (1956:65)

ACEITANDO A PROPOSTA A QUE GOEJE JÁ CHEGARA, PINTO (1956:73), afirma Estevão Pinto :

"Os índios de Águas Belas foram, por muito tempo, considerados descendentes dos carirí ; mas estou, no momento, inclinado a incluí-los na família dos gê". PINTO (1956:70)

Ou, como afirmara em outra parte :

"Estou inclinado (...) a ver nos fulniô um ramo do phylum Macro-Gê (da classificação de Alden Mason), se bem que aprofundadamente influenciado pelos seus vizinhos ameríndios. O estudo da língua Yäthê vem fortalecer essa hipótese". PINTO (1956:253-254).

"O estudo comparativo entre a cultura fulniô e a carirí afastou, completamente, a hipótese de qualquer parentesco entre essas duas famílias". PINTO (1956:249)

É o mesmo autor quem informa que

"Talvez tenha sido Carlos Estevão de Oliveira o primeiro a chamar a atenção dos estudiosos para a dificuldade de situar os carnijós na família linguística dos carirí" PINTO (1956:73).

A respeito da língua dos fulniô , o Yãthê, considera-a "dialeto autônomo e isolado" , com base nos estudos de Kurt Nimuendaju, Goeje e outros. PINTO (1956:81).

Insurgindo-se contra o conceito de "raça pura", em pregado para os índios fulniô e por extensão para os índios ' do Brasil, usado em documentos oficiais, assevera PINTO (1956: 85):

"Documentos oficiais dos começos do século' XX já fazem referência aos 'oitavões' e ' mestiços' de Águas Belas, reconhecendo alguns deles, todavia, que numerosos fulniôs ' eram "de raça absolutamente pura". O certo é que não há raça pura entre os fulniô de ' Águas Belas, como aliás, já não o existem em nenhuma parte do mundo , estando provado ' que o próprio homem paleolítico já estava ' miscigenado".

Preocupado com os estudos de antropologia física, o autor pretendeu estudar os grupos sanguíneos dos índios fulniôs , no entanto, em nota de nº 161 (PINTO, 1956:92) afirma:

"Havia eu tido entendimentos com os professores Pedro E. de Lima, Pedro Junqueira e ' P.J, Wishart. Motivos alheios à minha vontade impediram a realização dessas novas pesquisas".

Tentando entender a organização social e o parentesco existente na tribo fulniô , o autor discute o sistema ' tribal as pp. 116-135 , traçando gráficos de linhagem às pp. ' 129-131, semelhante aos realizados pelos modernos estudiosos' da temática.

"Entende que a divisão da organização tribal em grupos a que Boudin denomina de clãs, melhor seria nomear de Sipe (sipe dos alemães, gens ou sib dos americanos)".

Acentuando que "Embora os grupos tribais dos índios de Águas Belas não contenham todas as características da sipe , todavia dela se aproximam por alguns dos seus elementos,- o sistema do 'matrimônio preferente' , a falta de soberania política e a ligação dos grupos a determinadas espécies de plantas e animais. Em muitos aspectos, a sipe fulniô aproxima-se do Kiyé dos Apinayé".PINTO (1956:119).

Cada um dos cinco sipes em que se dividem os grupos tribais , possuem animais e plantas tabus.Para Estevão ' Pinto

"Essa dependência entre a sipe e a fauna ou a flora não tem , a meu ver, nenhuma ligação com o totemismo e explica-se, antes, pela conveniência da qualificação tribal e pela necessidade de assegurar a coesão dos grupos . Ou , quando muito , é decorrente de simples ' precauções e preconceitos , - as chamadas ' proibições simpáticas' - que se poderiam explicar,segundo a frase de Hut-Tom Webster , por quaisquer razões analógicas".PINTO (1956 :121)

No capítulo "O mistério ouricuriano" pp.145-167 , o autor consegue elaborar a mais completa descrição já elaborada do culto do ouricurí , tido pelos estudiosos como impossível de ser feito, dadas às proibições aos homens brancos de assistir ao ritual,sob pena de advertência e morte.

Discorrendo a respeito do ritual, avalia que

"A circunstância de o ritual dos fulniô praticar-se todos os anos à sombra e sob a proteção de uma árvore ( o ouricurí ,depois o juazeiro) relaciono essa 'festa' com os ritos e símbolos de renovação,- a hierofonia "

vegetal de que nos fala(...) Mircea Eliade!"  
PINTO (1956:159).

Discorda de Mário Melo por filiar os rituais do ouricurí ao culto do juruparí (:159) ,afirmando que

"Não há possibilidade da existência do culto jurupariano entre os índios de Águas Belas.O contacto dos fulniô com alguns grupos da família tupi-guaraní não poderia ser motivo para a existência,entre os mesmos, desse complexo, pois (...)os tupi em geral , quando muito, identificavam juruparí com as almas dos avoengos".PINTO (1956:163).

A respeito dos mistérios do culto, informa que

"O ritual ouricuriano é rodeado de muitas 'proibições e sigilos ,nessa ocasião, é proibido a vinda de estranhos à aldeia,inclusive à dos filhos ou descendentes dos fulniô' casados com outras 'raças'.Mesmo durante o dia, quando as atividades religiosas estão' suspensas , não se permite, sem licença especial, a entrada aos 'brancos'.Essa restrição abrange os próprios indivíduos pertencentes a certos grupos indígenas, a exceção dos remanescentes de Porto Real do Colégio(AL.).PINTO (1956:146).

"Sabe-se que os infratores (dos segredos 'do ouricurí) correm riscos pessoais e, quando se trata de algum fulniô , o resultado é a sua morte prematura ou misteriosa.É verdade, entretanto, que no momento, alguma coisa do enigma ouricuriano vem sendo pouco a pouco desvendado.Graças à sutileza das perguntas e ao convívio demorado com os indígenas,o professor (Max)Boudin conseguiu re-

constituir muitas cenas do ritual ; minhas pesquisas posteriores completam a descrição desse lingüísta ,preenchendo as lacunas ou claros do meu relato".PINTO(1956: ' 148).

Etnologia Brasileira (Fulniô-os últimos tapuias) é a obra mais importante de Estevão Pinto , e não é importante apenas por ter sido uma pesquisa de campo ,mas pela renovação na metodologia e pelos avanços teóricos ; o autor , em definitivo, deixa seu apego às teorias de Lévy-Bruhl, citando seu nome apenas uma vez (p.191), mesmo assim, o menciona somente como sugestão de leitura para aqueles que procuram estudar os sonhos.

As referências teóricas são fartas , e inclui entre outros, autores dos mais atualizados para a época ,tais como Franz Boas ,Mircea Eliade,James George Frazer,Maurice Halbwachs,Melville Herskovits ,Harry Hoijer,Hubert & Mauss , A.L.Kroeber,Edward Sapir ,Charles Wagley ,Edward Westermarck; dos autores brasileiros,cita , entre outros : Eduardo Galvão, Arion Dall'Igna Rodrigues,Florestan Fernandes,Darcy Ribeiro , Egon Schaden,Herbert Baldus,Thales de Azevedo e Arthur Ramos.

Essa numerosa obra motiva Egon Schaden a afirmar:

"Em algumas partes são tão variadas as fontes utilizadas e tão copiosas as referências que se tem a impressão de estar lendo um tratado geral de Etnologia brasileira".IN:Homenagem do Colégio Estadual do Recife :10.

E Mauro Mota , entusiasmado ,assevera :

"Estevão Pinto não vai repetir o que disseram os cientistas do governo de Maurício de Nassau,nem ser um contemplativo das pinturas e desenhos de Post, Ecchhout e Wagner.Descobre "

que os fulniôs integram os Macro-Gê da classificação de Alden Mason , que inclui os botucudos dos cronistas clássicos ; penetra ' no segredo dos ritos 'ouricurianos', observa que o brô de macambira e a farinha de mucunã aparecem, todos os anos, nos cardápios ' dos caboclos do vale de Ipanema.

A propósito, exalta a figura do padre Dâmaso, o missionário dos fulniôs, que procurou ' educar os curumins sem destruir neles, por ' meios coercitivos, as crenças e práticas religiosas antigas".

Mauro Mota IN: A educação dos bem dotados Diário de Pernambuco, Coluna Agenda, recorte, s.d.

PINTO, Estevão.

1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Col. Brasileira, Vol. 303. Prefácio de Gilberto Freyre . 362 p. ilustr.

#### ESTRUTURA DA OBRA

##### Primeira parte

Muxarabis & Balcões

##### Segunda parte - Ensaios de Etnologia

Dados históricos e etnológicos sobre os Pancararu de Tacaratu;

Sincretismo religioso afro-brasileiro;

Primitivo e linguagem;

O arroz e os tupiniquins da baía Cabrália;

A santidade;

Práticas medicinais dos tupi-guarani;

Aspectos da educação entre os nossos antepassados, remanescentes indígenas;

Alguns ritos característicos dos tupinambás do Brasil;  
 Um mito cosmogônico dos tupinambás;  
 Introdução à história da antropologia no Brasil (século  
 XVI);  
 Tendências atuais da antropologia.

Terceira parte (ensaios históricos-biográficos)

O inglês Henrique da Costa;  
 Um homem que viveu a jogar com o destino;  
 Um apaixonado do Recife antigo.

A obra a qual o autor intitulou de "Muxarabis & Balcões e outros ensaios" é a reunião de estudos de caráter antropológico, aliado a estudos de tendência histórica: são textos em maioria já publicados em periódicos esparsos, mas que juntos, de forma ordenada e atualizada, torna o livro uma obra da maior importância para a ciência antropológica brasileira.

O livro é dedicado "a Anízio Teixeira, homenagem do autor". PINTO (1958:1).

Gilberto Freyre assina o Prefácio (pp.3-6); citação do prefácio foi escrito para "Muxarabis & Balcões", edição da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, 1953.

Escreve Freyre, que a obra é

"valiosa contribuição de historiador para o estudo sociológico do processo de aculturação que vem sofrendo em Portugal e no Brasil a arquitetura - a civil tanto quanto a de igreja(...)

O professor Estevão Pinto é quem mais se aproxima dos problemas que nos sugere a sobrevivência (...), sensível ao que essas sobrevivências encerram de matéria sociológica. (...).

Lucidamente , considera o professor Estevão Pinto o Muxarabi, não um puro valor ou elemento arquitetônico ,que o português tenha' superficialmente tomado de empréstimo ao mouro,mas elemento ou parte de um complexo' de cultura não só material como moral.

É como o assunto deve ser considerado(...)

Faz bem o professor Estevão Pinto em invocar a favor do Muxarabi ,como elemento de habitação ecológica em país quente e de luminosidade excessiva".IN:PINTO(1958 :3,4,5)

A seguir , os ensaios da Primeira e da Segunda partes serão analisados.

Muxarabis & Balcões :9-30.

Para analisar os Muxarabis, o autor aceita a opinião de Jacques de Morgan sobre a preferência das construções em alturas pelos controvertidos povos arianos.Pinto(1958: 11).

Assaca a idéia de que

"É possível que os Muxarabis tenham relação' de parentesco com os belesteiros (Mâchicon--lis).Os belesteiros eram fortificações salientes, erectas, em geral, no alto das torres" PINTO (1958:16).

A afirmação acima tem base em obra de Henry Guédy e nos enciclopedistas franceses.Com base naquela informação , intui que

"É razoável, pois, ligar o muxarabi à idéia' de proteção, de amparo e de segurança".PINTO (1958:17).

Conclui que

"Se os povos bérbero-arábicos deixaram traços de sua influência em certos aspectos da'

arquitetura civil portuguesa, torna-se evidente que muitos desses aspectos passaram ao Brasil, com o sangue, as idéias e os costumes dos colonizadores. Os Muxarabis são sem dúvida, os mais expressivos vestígios dessa aculturação.

O Muxarabi era um complexo cultural, a que estavam ligados costumes sociais de formação mourisca, logo absorvidos no Brasil com maior ou menor intensidade". PINTO (1958: 24). Grifo do autor.

O estudo é fartamente ilustrado.

Dados históricos e etnológicos sobre os Pancararu de Tacaratu (Remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco) pp.33-58.

Para a elaboração do presente estudo, o autor aproveitou o estudo "Alguns apontamentos da cultura artística dos Pancarus de Tacaratu" (PINTO 1938). Nele o autor afirma:

"Visitei, há alguns anos passados..." PINTO (1958:33).

Tratando-se da atualização de um estudo antigo, o autor teria a obrigação de explicitar o ano em que visitou a aldeia, pois, quem o lê pela primeira vez, na presente edição, pode entender que a "visita" teria sido feita na década de cinquenta, quando, na realidade, aconteceu em junho de 1937.

O autor não revê, ou teima em aceitar a teoria que afirma:

"Sociologicamente falando, os Pancararus estão degenerados (grifo do autor), isto é, perderam o que Gilberto Freyre chama, com apoio de Pitt-Rivers, o potencial, o ritmo, a capacidade construtora da cultura. As

sim , muitos dos seus traços culturais desapareceram, diluídos ou diferenciados, embora alguns deles possam , ainda hoje, ser surpreendidos ou apontados em um quase fiagrante".PINTO (1958:44).

Filia o grupo dos Pancararus ao grupo dos carirís nos termos :

"Estou inclinado a incluir os amerabas do Brejo dos Padres no grupo dos Carirí, modificando, desse modo, em face dos novos documentos, minha opinião anterior sobre o mesmo assunto(...)"

Mas adverte : " Essa conclusão naturalmente está sujeita , no futuro, a uma revisão, pois o estudo dos remanescentes indígenas' de Pernambuco pode ainda causar muitas surpresas".(PINTO,1958:51)

Este é outro dos textos que não sofreu revisão , pois se realmente o tivesse feito , teria incluído sua opinião sobre a filiação dos Pancararu ao grupo Gê ou Tapuia, como' procedeu em PINTO (1953:7) e (1956:3 e 73).

#### Sincretismo religioso afro-brasileiro :59-64.

Com base em uma bibliografia bastante atual, à época da publicação, Estevão analisa a obra de Waldemar Valente , de título igual ao de seu artigo.Aproveita a oportunidade para fazer pequeno estudo a respeito da conceituação dos termos assimilação e aculturação.

Em sua opinião

"O ensaio , ora editado no sul do país, inclui-se entre as suas mais bem sucedidas ' pesquisas, sendo o resultado de longas investigações feitas nos 'terreiros' e 'xangôs' do Recife.PINTO (1958:59).

Primitivo e linguagem : 65-69.

O artigo foi motivado pela publicação do estudo ' de Flínio Airoso, datado de 1937 , quando editou na Revista ' do Museu Paulista , o vocabulário de autoria de Pero de Casti lho , de título "Os nomes das partes do corpo humano pela lín gua do Brasil", códice do século XVII.

A primeira frase desse artigo, talvez por erro de imprensa, não observado pelo revisor , ou pelo autor, soa de forma ilógica :

"Foi incontestavelmente São Paulo um dos ' grandes pioneiros dos estudos americanis-- tas no Brasil".PINTO (1958:65).

Pelo exposto poder-se-á entender que um certo es- tudioso chamado São Paulo , foi um pioneiro dos estudos... Em verdade, o que o autor quer transmitir é a idéia dos estudos' realizados na cidade de São Paulo.Então, poderia a frase ser assim concebida:

Foi incontestavelmente (em)São Paulo (onde' se desenvolveu) um dos (movimentos) pionei- ros dos estudos americanistas no Brasil.

Assim procedendo, essa primeira frase ficaria ade- quada para o contexto expressado pelo autor.

Embora na nota de nº 1 , apensa ao artigo,PINTO ' 1958:69) exista a acusação do autor ter feito "algumas corre- ções e acréscimos" ao mesmo artigo publicado em 23 dezembro' de 1937 , no Diário de Pernambuco , certas evidências denotam que poucas foram tais correções ou revisões,vez que o autor ' ainda usa os dados teóricos de Lévy-Bruhl, fato que a partir' de PINTO (1956) já não mais o aceita , ou faz restrições.

Em PINTO (1935) a obra está prenhe das idéias das funções pré-lógicas de Lévy-Bruhl , já no segundo tomo PINTO' (1938),começa o autor aos poucos a se desapegar dessas idéi- as e aceitar o pensamento psicanalítico de Freud e seus segui

dores. Essa passagem é denotada em Pinto (1938:43, nota 1; :28-29), ainda à p.189, nota 1, e p.192 ; p.191, nota 327.

Concluindo diríamos que publicando "Muxarabis & Balcões e outros ensaios" e existindo de fato "correções e acréscimos", o autor teria absolutamente resistido às idéias que para si já eram ultrapassadas. Ao revés, em todo o artigo, a teoria de Lévy-Bruhl acerca da "imagem conceito" está completamente presente e, embora a conclusão seja uma discordância da idéia daquele estudioso, isso soa redondamente não como objeção a teoria, mas aceitação parcial da mesma.

O ARROZ e os tupiniquim da Baía Cabrália :70-78.

Critica a obra de Hoene "Botânica e agricultura no Brasil do século XVI (Pesquisas e contribuições)" por ter o autor desprezado as contribuições de Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux, onde os mesmos

"surpreenderam os tupinambá na zona equatorial quase em estado idílico do de seus parentes das circunvizinhanças da França Antártica". PINTO (1958:70)

Na afirmação de Hoene, os índios teriam oferecido arroz aos navegantes da frota de Cabral. Com base na Carta de Caminha, PINTO (1958:71) discorda desta assertiva.

Critica em seguida, os antigos estudos de economia, que praticavam o

"quadro ritual das três fases clássicas, a caça, o pastoreio e a agricultura", afirmando que "a tendência atual propende para a teoria do relativismo das culturas, ou seja, para o descontínuo das formas em que se processa a evolução cultural-histórica". PINTO (1958:71-72).

Conclui (PINTO, 1958:73) afirmando que Hoene faz as vezes de etnobotânico, que não existe no Brasil quinhentis

ta, fato lastimado por Floetz e Métraux, mas salienta que, embora ainda hoje em dia o problema nem sempre seja de tão fácil solução.

Uma réplica : após a leitura da crítica ou contribuição de Estevão, Hoene, em artigo ( não identificado) argumentou que assim procedeu, porque apenas trabalhava com dados de autores quinhentistas. A réplica obrigou a Pinto a publicar novo artigo, reafirmando a não procedência dos pressupostos teóricos do cientista, apontando documentação comprobatória.

#### A Santidade : 79-88.

Como motivação para o tema -santidade- trata inicialmente do beato José Lourenço , que viveu no povoado Caldeirão (CE.) tomando conta de um boi zebu pertencente ao Pe. Cícero Romão Batista. Lourenço, tornado "santo" pela população fanática do local, vivia cercado por cerca de mil adeptos, dentre os quais contava com uma comitiva de dez ou doze moças virgens- era o seu séquito !

Com base em Arthur Ramos, classifica o movimento de "psicose gregária" (PINTO , 1958:79) e passa a buscar às raízes do movimento religioso em cronistas clássicos.

Acentua que foi "Frazer (...) um dos primeiros etnógrafos a estudar a personalidade do homem-deus, que é a mesma santidade, e que a psicanálise (...) observa que a crença de ser deus é um complexo comum a todas as camadas culturais" ' PINTO (1958:82). E conclui que a "santidade" para o caso do Brasil, tem origem no pajé.

#### Práticas medicinais dos tupí-guaraní : 89-104

Na introdução do estudo, trata inicialmente de verificar o centro inicial de dispersão dos tupí e suas andanças no continente sul americano. Entende que os dados teóricos de Métraux são os mais atuais para explicar o fenômeno.

A respeito da medicina e terapêutica dos tupi-guaraní, era, segundo sua opinião formada por

"processos complexos, em que os elementos mágico-religiosos nem sempre se distinguiam dos conhecimentos experimentais de ordem, por assim dizer, científica". PINTO(1958:92-93)

A seguir discorre a respeito de práticas medicinais

"Em que o misticismo contribuía com a sua maior dose(...) a sucção, o sôpro, a fumigação, o jejum ou abstinência, as incisões e a pintura." PINTO(1958:93).

Aspectos da educação entre os nossos remanescentes indígenas : 105-125

Inicia situando a aldeia dos fulniôs de Águas Belas(PE.); passa em seguida a denunciar questões relativas ao morticínio dos índios.

Faz revisão a respeito de estudos e pesquisas sobre o grupo tribal carnijó e transcreve conclusões de estudos que realizou. PINTO(1958:111-114)

Traça perfil da cultura do grupo tribal, assinalando pontos importantes do seu modo de vida.

Criticando a educação dos fulniô, entende que a melhoria dos padrões educacionais poderiam ser feitas tendo como base os estudos da professora Ethel Emília Wallis, feitos entre os otomi e os tzeltale, dos quais analisa, comparando com a realidade lingüística dos fulniô.

Alguns ritos característicos dos tupinambá do Brasil  
: 126 - 158.

a) Os ritos do parto

Baseado em informações de cronistas e missionários, o autor descreve o trabalho de parto nas versões das diversas tribos trabalhadas por esses cronistas.

b) Os ritos da puberdade

Ainda com base nos cronistas, mas complementado por dados de Florestan Fernandes, disserta sobre os diversos rituais da puberdade.

c) Os ritos da morte

Ainda com dados de cronistas e missionários historia os rituais da morte.

Um mito cosmogônico dos tupinambá : 159-178

Descreve o mito de Monan e seus descendentes Irin Magé, Maire-Monan (toupan), sommay (sumé, çume, tumé, Tomé), Maire-Pochy, Maire-atá, os gêneros míticos, confrontando as diversas versões do mito com autores clássicos e também contemporâneos.

Introdução à História da Antropologia indígena no Brasil (século XVI) : 179-290.

Seu objeto de estudo é a análise dos dados rotulados por Egon Schaden de "relatos pré-científicos e de cunho empírico, mas em parte valioso"; nessa conformidade, analisa as obras de vários dos cronistas e missionários, verificando nelas, a sua contribuição etnográfica.

Depois de discutir essas contribuições, passa a analisar certos aspectos importantes contidos nessas e em outras obras, como "lineamentos somáticos e outros traços, que interessam, direta ou indiretamente, à antropologia física e também a questão da língua falada pelos indígenas.

Tendências atuais da antropologia : 291-297

Inicia propondo dois problemas cruciais a serem resolvidos pela antropologia moderna : É necessário, para melhor compreensão e estudo a separação entre a antropologia física e a antropologia cultural ? Quais são os verdadeiros fins da antropologia ?

Para responder as questões propostas, cita idéias de Ramos, Malinowski e Gilberto Freyre, assim, Arthur Ramos

comungando idéias de Kroeber , pensa na indissolubilidade da antropologia , a antropologia sendo a ciência do homem total.

Malinowski

"admite(...) a inaplicabilidade das medidas, das tábuas de classificação e das descrições somáticas -exceto se pudermos relacionar o tipo físico' com a faculdade criadora da cultura".PINTO(1958 : 291).

"É de Muhlmann a opinião de que a antropologia, sobretudo a antropologia cultural, deve dedicar-se ' de preferência ao estudo da mudança da cultura, ' que se realiza no momento, em todo o mundo pelo ' choque de civilização com os povos dito naturais. O que nos deve interessar, pois, é a dinâmica da ' vida(...).São estudos dessa espécie que nos fazem descobrir até que ponto os padrões de vida podem impor o mínimo de tensão ao indivíduo - o último fim da antropologia, no dizer de Ralph Linton".PINTO (1958:294-295).

No final do artigo, demonstra Estevão Pinto ainda aceitar os resquícios do antigo processo administrativo brasileiro ; seu inconsciente o obriga a pensar em Alagoas -seu estado natal- na situação anterior, ligado a Pernambuco' até 1817. Esse pensamento o conduz a catalogação seguinte:

"Em Pernambuco , contam-se alguns núcleos de ' remanescentes indígenas , entre os quais o do Brejo dos Padres (índios Pancararu), de Colégio (índios Shocó e outros), e de Palmeira ' dos Índios (índios xucurus) e o de Águas Belas (índios fulniô).PINTO (1958:295).

Colégio(Porto Real de Colégio)e Palmeira dos Índios, são municípios indiscutivelmente alagoanos !

"Muxarabis & Balcões e outros ensaios" é o que se pode chamar de obra para o grande público, ao tempo em que 'atende a estudiosos e estudantes, pode servir a pessoas que não têm contacto com a ciência antropológica.

Especialistas em História da Arte e em Arquitetura, principalmente do Nordeste do Brasil, servem-se do primeiro ensaio da obra, para compreensão de aspectos de um tipo de arquitetura antiga que o cerca.

Antropólogos e estudantes de ciências sociais, têm no livro, uma espécie de síntese da obra de Estevão Pinto, o que é um bom ponto de partida para reflexionar sobre os seus estudos.

As pessoas que são adeptos de biografias de figuras ilustres, têm nos três últimos artigos, motivo para recordar e analisar o passado, especialmente o nordestino.

#### PINTO, Estevão

1964. Introdução à História da Antropologia, Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Série I, Antropologia História. Obra publicada em 5 boletins: ' Boletim 1, 1964, 64 p.; Boletim 2, 1965, 45 p.; Boletim 3, 1966, 21 p. Boletim 4, 1966, 38 p; Boletim 5, 1967, 78 p. Edições ilustradas.

Já foi dito por inúmeros estudiosos que para elaborar obra de síntese é necessário a aquele que se propõe a fazê-la, tenha amplo domínio daquilo que vai proceder, sob pena de publicar trabalho com grandes lacunas, idéias vacilantes e o <sup>o</sup> é mais importante, elaborar mais um estudo que não motive, ou não suscite dúvidas, ou vontade daquele que estuda ou lê, de se aprofundar ou procurar dirimir questões.

Introdução à História da Antropologia é obra de

síntese , escrita para ser um livro prestante para todos ' aqueles que se iniciam nos estudos da antropologia e desejam ter uma idéia geral de todo o desenrolar histórico da ciência.

Como livro didático, recebeu a estrutura logística de inúmeras obras de sua autoria, escritas principalmente para alunos de História ; diferenciando-se daquelas, do ponto de vista gráfico : foi publicado em fascículos e contou ' com alguns "tropeços" , dentre os quais o de ter sido programado para ser publicado em 10 boletins, ao invés de 5, que foram editados.

Notícia veiculada no Boletim do IJNPS , Vol.16 e 17:118) informa que o 6º e o 7º volumes (que não foram publicados !) tratariam da contribuição de antropólogos brasileiros e estrangeiros à antropologia do Brasil , que se publicado, preencheria farta lacuna ainda hoje existente : a falta de uma História da Antropologia no Brasil, obra que na atualidade tenta-se refazer a colcha de retalhos, com dificuldades inúmeras, devido sobretudo a falta de contribuição daqueles antropólogos que falaram sempre da ciência, mas esqueceram de suas participações e contribuições pessoais no processo.

Quando afirmamos ser essa obra com estrutura logística de outras publicadas pelo mesmo autor , lembramos ' que cada um dos boletins possui, além da parte doutrinária , apontamentos bio-bibliográficos , bibliografia farta não apenas para comprovar a pesquisa do autor, mas para motivar o surgimento de outros estudos a quem lê e tem interesse e, vocabulário, contendo termos técnicos quase sempre difíceis de serem encontrados em enciclopédias e dicionários comuns ; lembremos que estamos tratando de obra escrita no primeiro quartel da década de sessenta !

Como obra didática, é da maior importância, pois'

supre a falta de obras nesse nível publicadas no Brasil; no entanto, o redator do Boletim do IJNPS (Vol.13 e 14,1964/65) pp.256-257) dada a admiração pela obra, exagerou na apreciação da mesma quando afirmou:

"Essa pesquisa é de grande importância, pois, até hoje, não se realizou nenhum trabalho semelhante no Brasil nem no estrangeiro, apesar das obras de caráter histórico surgidas."

O exagero, feito em nome do benquerer e do apreço por outras obras do mestre, não permitiu que o redator enxergasse na própria bibliografia dos boletins uma relação significativa de obras de História da Antropologia.

Aliás, é admirável observar como Estevão Pinto estava atualizado, sintonizando-se constantemente com o que de mais moderno estava sendo feito no Brasil e no mundo, em termos de antropologia; essa admiração não é apenas nossa, Barbosa Lima Sobrinho (LIMA SOBRINHO 1969-1971) também se entusiasmava com essa obra de Estevão Pinto, chegando a expressar-se deste modo:

"Sentia-se que estava em dia com a extensa bibliografia, que o assunto sempre mereceu, de autores tanto brasileiros como estrangeiros".

#### BOLETIM 1 (1964)

Estrutura da obra

- 1-A antropologia e seus objetivos:1-5;
- 2-Unidade e divisão da antropologia :5-11;
- 3-Antropologia física e antropologia sócio-cultural:11-28;
- 4-Relações da antropologia com outras ciências ou disciplinas :28-50;
- Apontamentos bio-bibliográficos:51-52.
- Literatura(bibliografia):53-57.

Vocabulário:59-61.

Tratando as relações existentes entre a Antropologia e a Sociologia, Estevão Pinto assim comentou :

"Os sociólogos , com ideais muitas vêzes reformadores , deram maior atenção às comunidades modernas, enquanto a antropologia permanecia uma ciência geral, que ainda não se preocupava com os problemas práticos. A sociologia além disso , estava mais atenta aos fatos "puramente sociais", ao passo que a antropologia visava de preferência aos produtos humanos específicos. Em verdade, porém , as supostas diferenças eram mais de 'ênfase' não se podendo, em princípio, separar uma da outra, ou separar os seus respectivos interesses. A dificuldade estava apenas, como opinava Bidney , nas perspectivas e métodos de ações, tratando ambas na aparência, dos mesmos problemas, embora com fundamento em premissas ontológicas radicalmente distintas". PINTO (1964:37).

Nosso estranhamento na afirmação do autor de que os antropólogos não se preocupavam com comunidades modernas e não constituíam sua tarefa os problemas práticos, vem de encontro a própria obra do autor.

Até que ponto a comunidade dos índios fulniô, de Águas Belas, aculturados há muito tempo, não constituem, ou não se enquadrem dentro das comunidades modernas ? Em PINTO (1956) encontramos marcantes traços representativos de assimilação e aculturação bastante convincentes, demonstrando que longe, muito longe estão eles de se enquadrar em grupos isolados ou primitivos; quadro, aliás, facilmente encontrado entre

todos os grupos indígenas do Nordeste , na época da confecção da obra; acossados pela ganância de fazendeiros e proprietário de terras, foram obrigados, à força , a entregar suas terras aos brancos e se tornar empregados deles ; a própria aculturação começa com a catequese , onde o peso comparativo das línguas e das religiões, os obrigou a aceitar os padrões culturais diverso do seu.

E afinal, o que são em antropologia "problemas práticos" ?

A obra "Fulniô -os últimos Tapuias" (PINTO, 1956) por acaso, não tenta resolver problemas práticos ? Uma pesquisa de campo feita com um rigor extremo como a mencionada, que procura dar soluções a problemas então não resolvidos, não se constitui em uma "coisa" prática ? O seu estudo sobre "Aspectos da educação entre os nossos remanescentes indígenas" (PINTO (1958:105-125), traçando o perfil da língua iatê e apontando soluções para a melhoria da educação do grupo, não constitui uma questão prática ? Tanto é prática, que levou Gilberto Freyre (FREYRE, 1954) a afirmar :

"A visão de Estevão Pinto sobre a educação dos índios fulniô, dá perspectivas para a educação dos índios brasileiros, daí a importância do seu estudo, do ponto de vista da Sociologia, da Pedagogia ou da Antropologia Social Aplicada, isto é , a antropologia social a serviço de um plano de educação dos ameríndios, que o governo brasileiro está na obrigação de traçar, com o auxílio de educadores e antropólogos".

Uma contribuição desse porte, não constitui uma solução prática ? Então, não podemos entender em termos de ciência antropológica o que é ser prático ! Tanta praticidade viu Freyre no estudo que o classificou de Antropologia Social

Aplicada. Observe-se que estamos "resolvendo" o "estranhamento", apenas com os dados do professor Estevão, para sermos mais coerentes com a afirmativa expendida.

Freud e o seu pensamento psicanalítico que fora tão caro em suas elocubrações realizadas na década de trinta, CF. PINTO (1938), fartamente citado, era agora em PINTO (1964:46-47) visto com outros olhos : o de crítico ponderado, sem paixões, nos termos:

"Os antropólogos procuraram aproveitar os ensinamentos de Freud e de sua escola, aceitando-os, 'não como teoria psicanalítica', mas como uma contribuição da Psicologia profunda aos problemas da ciência do homem.

Tentando resolver questões específicas de antropologia, Freud explica as origens do Totemismo e da proibição do incesto, por meio de teorias consideradas logo fantasiosas. Mas, observa Hallowell que os antropólogos 'não tardaram a descobrir que a teoria de Freud levava a consequências que o próprio Freud não visa". O alcance, por exemplo da hipótese de que 'o tratamento e as experiências da primeira infância influem de forma decisiva no desenvolvimento do tipo de personalidade' ".

#### BOLETIM 2, 1965

##### Estrutura da obra

- 1-Os períodos da História da Antropologia :1-5;
- 2-Período de formação (os tempos antigos):5-12;
- 3-Período de formação(a Idade Média):12-14;
- 4-Período de formação (os tempos Modernos:14-35.

Apontamentos bio-bibliográficos:37-40.

Literatura (bibliografia):37-38.

Vocabulário :41-43.

Neste Boletim, procede como historiador percuciente, na busca dos precursores da ciência, indo buscar em remotíssimas datas, os fatos que constituíram e contribuíram para o desenvolvimento da antropologia.

Entre as notas apostas ao estudo, uma delas se destaca : a de título "Um'four'de antropólogos" PINTO(1965 : 32-34) onde discute o pensamento e as contribuições de Evans -Pritchard, Firth ,Nadel e Bidney.

### BOLETIM 3 (1966)

Estrutura da obra

1-0 Período de convergência(1835-1859):1-10.

Notas:11-13.

Apontamentos bio-bibliográficos:15-16.

Literatura (bibliografia):17-18.

Vocabulário :19.

Continua o autor na busca das origens dos estudos antropológicos ,já agora no século XIX ,período que conta com grandes nomes ,entre os quais o de Charles Darwin e de Boucher de Perthes.Sobre o primeiro, a título de curiosidade, o autor registra sua presença em Pernambuco (PINTO ' 1966:11).

O destaque para a antropologia física e para a arqueologia é notável no estudo.

### BOLETIM 4 (1966)

Estrutura da obra

1-Período de construção (1859-1900):1-4;

2-Ensaios etnológicos propriamente dito:4-5;

3-Trabalhos de raciologia , de arqueologia e de paleontologia :6-25.

Notas :25-28.

Apontamentos bio-bibliográficos:29-30.

Literatura (bibliografia):31-32.

Vocabulário:33-36.

Historia os avanços dos estudos antropológicos e as grandes descobertas nos períodos próximos ao do homem atual, de forma bastante didática e positivista ,dando maior apreço e realce a antropologia física.

Louvem-se as ilustrações e as "notas" que contribuem decisivamente para um melhor conhecimento dos temas tratados.

#### BOLETIM 5 (1967)

Estrutura da obra

1-Período de crítica :conquistas na paleontologia humana em geral (século XX):1-41;

2-Período de crítica : as conquistas da Pré-História e na Arqueologia:41-43;

Merece observação : na p.41,onde inicia esse segundo capítulo, o título está ausente ,mas é substituído pela titulação "Trabalhos recentes de Pré-História e de Arqueologia",antes um inter-título.

3-Período de crítica :estudos de antropologia cultural (século XX):44-62.

Notas:62-68.

Apontamentos bio-bibliográficos:69.

Literatura(bibliografia):71-72.

Vocabulário:73-76.

Tratando da História da Antropologia mais contemporânea, o autor não apenas se sente mais seguro para as discussões ,como também tem a sua disposição uma bibliografia volumosa e de caráter crítico.

Como nos outros Boletins, o autor deu maior apreço

a antropologia física , com destaque para a Pré-História e a arqueologia.No texto com 62 páginas, a antropologia física ' ocupa 44 páginas, enquanto apenas 18 páginas foram reservadas a antropologia cultural.

É importante e coerente a posição de defesa tomada pelo autor em relação ao conceito de raça.Segundo ele(PIN<sup>TO</sup>,1967:34)

"O conceito de raça , identificado com o de nação , transformou-se 'no mais perigoso ' dos mitos humanos'.O tipo étnico -diz Cuvillier -está longe de ser o elemento determinante da unidade nacional,donde a conclusão de que a raça é mais efeito do que causa. E salienta Verschuer,pertinentemente ,que ao geneticista cabe demonstrar se a imagem fenotípica dos grupos humanos pode ser encarada como raça ou nação".Grifos nossos.

Em nota de nº 1,p.38,volta a fazer a ligação da quela prática com um dos objetivos do fascismo : o antropólogo :

"Fende esteve, anos atrás no Brasil,onde ' foi atacado por suas idéias racistas,expendidas,talvez por cortejar o fascismo.O fato de ter esse professor assinado o 'Manifesto della Razza' comprometeu, realmente, a proibidade do referido cientista".

..

12  
11  
10  
RI 2005

Rocha, Jose Maria Tenorio

O silencio conivente Estevão P  
into, etnologo . trajetoria in  
telectual e opções teoricas  
39/R672s/PT v. 1  
(2434/92)